

# MEMORIAL DE PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO



ESTUDANTE

**ALINE DE FARIA RODRIGO**

**ORIENTAÇÃO** *Cristina Colombo Nunes*

**SEMESTRE** 2025.2

Aline de Faria Rodrigo

**MEMORIAL DE PROJETO**

RECANTO: PROJETO GRÁFICO EDITORIAL SOBRE  
AS RENDEIRAS DE FLORIANÓPOLIS

Projeto de Conclusão de Curso submetido(a) ao Curso de Design da  
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a  
obtenção do Grau de Bacharel em Design

Orientador: Profª Drª Cristina Colombo Nunes.

Florianópolis, 2025

Rodrigo, Aline de Faria

Recanto: projeto gráfico editorial sobre as rendeiras de Florianópolis / Aline de Faria Rodrigo ; orientadora, Cristina Colombo Nunes, 2025.

81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Design, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

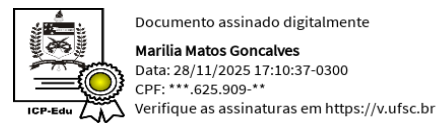
1. Design. 2. Design Editorial. 3. Design Gráfico. 4. Renda de Bilro. 5. Florianópolis. I. Nunes, Cristina Colombo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Design. III. Título.

Aline de Faria Rodrigo

RECANTO: PROJETO GRÁFICO EDITORIAL SOBRE AS RENDEIRAS DE FLORIANÓPOLIS

Este Projeto de Conclusão de Curso (PCC) foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Design e aprovado em sua forma final pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de Novembro de 2025.

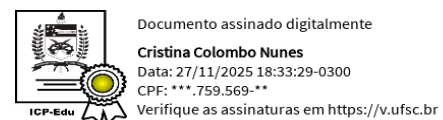


---

Prof<sup>a</sup>. Dr(a). Marília Matos Gonçalves  
Coordenador(a) do Curso de Design UFSC

Banca Examinadora:

Cristina Colombo Nunes (UFSC)  
Mary Vonni Meurer (UFSC)  
Rochelle Cristina dos Santos (UFSC)



---

Professora Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

# Agradecimentos

Gostaria de iniciar agradecendo às rendeiras, pois sem elas este trabalho nem existiria. É através delas que a cidade pacata e tranquila que cresci descobrindo e me encantando sobrevive — essa ilha que, antes mesmo de qualquer ideia, já era a certeza e a inspiração deste projeto.

Agradeço também à Nice, à Mônica, ao Renato, à dona Norma, à Zenilda e a todos que me acolheram, auxiliaram e, de alguma forma, incentivaram este projeto, especialmente a minha orientadora, Cris. Estudar e realizar projetos é uma dádiva, poder mergulhar em outras culturas, tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes da nossa realidade, em nome da universidade, é uma oportunidade rara e preciosa.

Meu agradecimento também vai à minha família, toda ela. Aos meus pais, irmãos, avós, tios, primos e às minhas amigas. A todos que, de alguma forma, me ensinaram o valor de viver em comunidade, de escolher e apreciar quem queremos por perto.

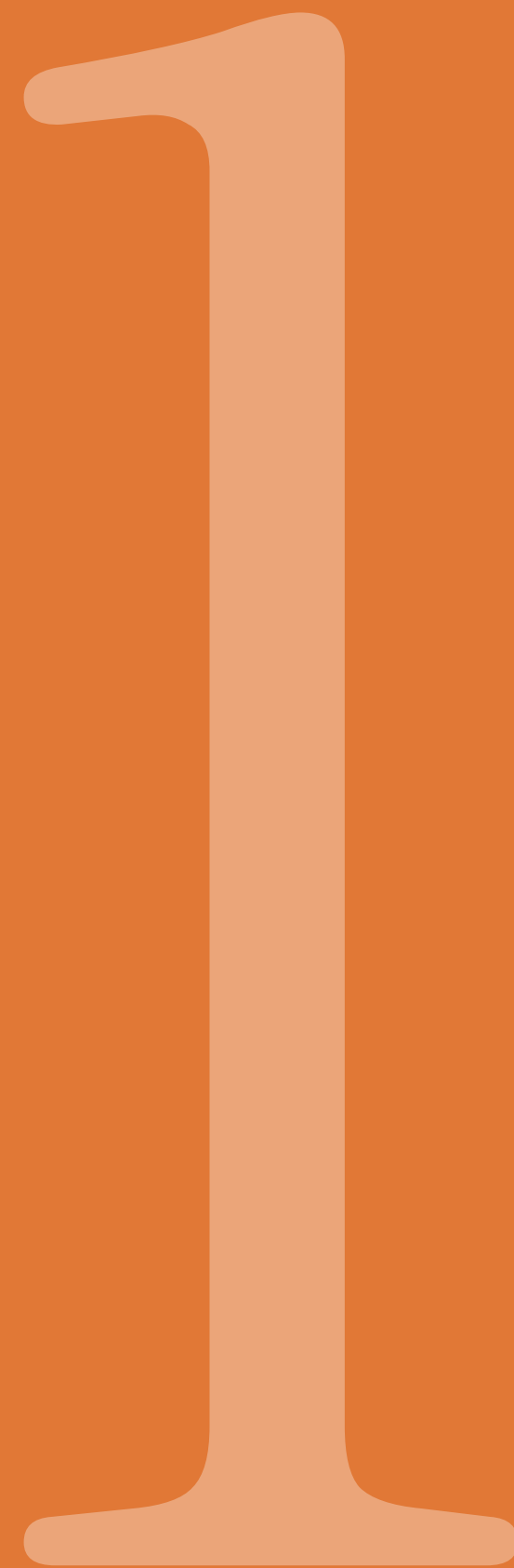
Quero agradecer também ao curso de design pela oportunidade de devolver, de qualquer modo que seja possível, algo para o lugar que considero casa — essa ilha que acredito, amo e vejo, aos poucos, se transformar. Investigar, registrar e compartilhar o que acreditamos é difícil, pois nunca parece suficiente, e talvez por isso reste sempre o desejo de continuar, de fazer mais.

Esse projeto é, acima de tudo, um lembrete para nos reunirmos, respirarmos e observarmos os cantos da cidade onde vivemos, estudamos e trabalhamos, pois ainda podem existir mulheres tecendo e cantando — resgatando memórias de uma época não tão distante quanto parece.

# Sumário

1. Apresentação da Proposta de Projeto .....	07	4. Resultados .....	58
1.1 Questão de Projeto .....	08	4.1 Capa .....	59
1.2 Objetivo do Projeto .....	08	4.2 Miolo .....	60
1.3 Contextualização e Relevância Social .....	08	4.3 Considerações Finais .....	65
1.4 Impacto no Campo do Design .....	09	5. Referências .....	66
2. Método de Projeto .....	10	6. Apêndice .....	69
3. Processo e Decisões de Design .....	13		
3.1 Descobrir .....	14		
3.1.1 Conteúdo .....	14		
3.1.2 Público .....	15		
3.1.3 Forma .....	19		
3.2 Definir .....	28		
3.2.1 Público .....	28		
3.2.2 Conteúdo .....	31		
3.2.3 Forma .....	32		
3.3 Desenvolver .....	37		
3.3.1 Seleção tipográfica .....	38		
3.3.2 Definição da entrelinha .....	41		
3.3.3 Definição do tamanho da página .....	41		
3.3.4 Determinação do módulo .....	41		
3.3.5 Definição de colunas .....	41		
3.3.6 Produção de imagens autorais .....	43		
3.3.7 Proposta cromática .....	47		
3.3.8 Espelho da publicação .....	47		
3.3.9 Elementos gráfico-editoriais .....	49		
3.3.10 Diagramação .....	51		
3.3.11 Desenvolvimento da capa .....	54		
3.4 Entregar .....	56		
3.4.1 Características físicas .....	56		
3.4.2 Fechamento do arquivo .....	56		
3.4.3 Orçamento .....	57		

Apresentação da Proposta de Projeto



## 1.1 Questão de Projeto

Como o design editorial pode contribuir para a documentação e valorização da cultura das rendeiras em Florianópolis, no tocante à sua preservação e conscientização na contemporaneidade?

## 1.2 Objetivo do Projeto

Este projeto tem como objetivo desenvolver um projeto gráfico-editorial para valorizar e dar visibilidade à tradição das rendeiras de Florianópolis, conectando o público contemporâneo a essa prática. Por meio de uma abordagem sensível, educativa, a proposta busca documentar a trajetória histórica dessa arte, destacando como ela se mantém viva nos dias de hoje. A intenção é manter acesa a lembrança dessa tradição, garantindo que ela siga ocupando um espaço significativo na história, cultura e memória coletiva de Florianópolis.

## 1.3 Contextualização e Relevância Social

Florianópolis já foi conhecida por muitos como uma cidade pacata, marcada por um ritmo de vida tranquilo e pela excentricidade carismática de seu povo. Os sotaques carregados, as lendas urbanas transmitidas de geração em geração, os costumes enraizados na cultura açoriana — como a pesca artesanal, o cultivo de relações comunitárias, o artesanato e a gastronomia — formavam a alma da ilha.

Nos últimos anos, a cidade tem vivido um crescimento urbano e turístico acelerado. De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre 2010 e 2022, Florianópolis foi a segunda capital brasileira com maior crescimento populacional. Esse avanço demográfico vem acompanhado por um crescimento ainda mais expressivo no setor turístico. Uma pesquisa da plataforma online de viagens Booking apontou Florianópolis como o primeiro destino brasileiro e o quarto mais procurado do mundo para o verão de 2025<sup>1</sup>, superando cidades como Nova Iorque, Barcelona, Roma e Tóquio. Segundo a Secretaria de Turismo de Florianópolis, a cidade se preparou para receber mais de 2 milhões de turistas na temporada<sup>2</sup>.

Contudo, esse avanço vem acompanhado de consequências

profundas para a preservação da cultura local. Como observa a pesquisadora Camila Bergamin (2013), o processo de urbanização, intensificado a partir do século XX, levou à marginalização progressiva das comunidades tradicionais da ilha, empurrando os chamados “nativos” para áreas periféricas. Esse deslocamento não foi apenas geográfico, mas também simbólico: os modos de vida e os saberes ancestrais passaram a ser gradualmente esquecidos, deixados às margens do imaginário urbano contemporâneo.

Nesse contexto, tradições como a renda de bilro, o folclore e a gastronomia açoriana — pilares fundamentais da identidade cultural de Florianópolis — passam a enfrentar um processo de invisibilização e descaracterização. Ainda que reconhecidas como patrimônios culturais imateriais, essas manifestações se veem cada vez mais marginalizadas, seja pela ausência de políticas públicas de incentivo, pela falta de reconhecimento institucional ou pela dificuldade em atrair as novas gerações para a continuidade desses saberes. Com isso, práticas artísticas e históricas que já moldaram a vida cotidiana da ilha encontram-se hoje ameaçadas, à beira do esquecimento.

É dentro desse cenário de apagamento cultural que este projeto se constrói. A proposta é abordar uma parte fundamental da herança açoriana de Florianópolis: a renda de bilro e a cultura das rendeiras. Essa prática, no passado, pulsava viva nos bairros tradicionais da ilha — era facilmente observada no cotidiano, ela até deu nome a uma avenida principal da ilha e inspirou monumentos. A renda de bilro não era apenas um ofício artesanal, ela fortalecia laços e garantia sustento a muitas famílias, representando uma forma concreta de autonomia feminina e uma poderosa expressão da identidade cultural da ilha.

No entanto, assim como outras manifestações culturais da cidade, a renda de bilro encontra-se em risco de desaparecer. Como destaca Camila Bergamin (2013), com o avanço da urbanização e a busca por trabalhos com maior rentabilidade, muitas jovens deixaram de aprender a arte da renda com mães e avós. Assim, a prática foi sendo gradualmente esquecida, não apenas como técnica artesanal, mas

<sup>1</sup>G1 SC – Santa Catarina. Florianópolis é o 1º destino brasileiro e o 4º no mundo mais buscado para o verão 2025, aponta pesquisa. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/12/20/florianopolis-e-o-1o-destino-brasileiro-e-o-4o-no-mundo-mais-buscado-para-o-verao-2025-aponta-pesquisa.ghtml>. Acessado em: 18/04/2025.

<sup>2</sup>G1 SC – Santa Catarina. Florianópolis se prepara para receber mais de 2 milhões de turistas na alta temporada. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-florianopolis/florianopolis-uma-cidade-para-todos/noticia/2024/11/14/florianopolis-se-prepara-para-receber-mais-de-2-milhoes-de-turistas-na-alta-temporada.ghtml>. Acessado em: 25/06/2025

como expressão social e cultural. As cantigas, os encontros comunitários e o modo de vida das rendeiras estão envelhecendo, restritos a poucas guardiãs idosas, e podem desaparecer junto com elas.

### *1.4 Impacto no Campo do Design*

O design editorial tem um papel fundamental na preservação e promoção da cultura, pois permite transformar informações históricas e simbólicas em conteúdos acessíveis, atraentes e impactantes. Ao fazer isso, no entanto, ele não atua apenas na tradução visual desses saberes, mas também na sua materialização e ressignificação. Ao transformar conhecimentos históricos e simbólicos em objetos gráficos, o design atua como vetor da cultura material, dando forma a práticas que antes eram transmitidas apenas de maneira oral ou imaterial. Por meio de recursos visuais e narrativos que respeitam a essência de uma tradição, o design se torna um mediador entre o passado e o presente, possibilitando que saberes antigos sejam revisitados, valorizados e reapropriados por novas gerações.

Este projeto, ao documentar e comunicar a cultura das rendeiras de Florianópolis, evidencia como o design pode ser um agente potente na manutenção de práticas em risco, promovendo novas formas de manter viva a memória cultural, sem romper com a essência da identidade açoriana. Além de seu potencial como agente de valorização cultural, o design também se destaca como meio estratégico para despertar o interesse de novos públicos, em especial, nesse projeto, das gerações mais jovens. Ao traduzir essa tradição em uma linguagem visual contemporânea e envolvente, o projeto editorial busca aproximar um universo cultural em desaparecimento de pessoas que, de outra forma, talvez nunca o conhecessem.

Com isso, o trabalho propõe também um olhar ampliado sobre o papel do design nos processos de comunicação cultural. Ao tornar manifestações populares e fatos históricos mais acessíveis e visualmente atrativos, o design contribui para formas mais envolventes, afetivas e respeitosas de contar histórias.



Método de Projeto

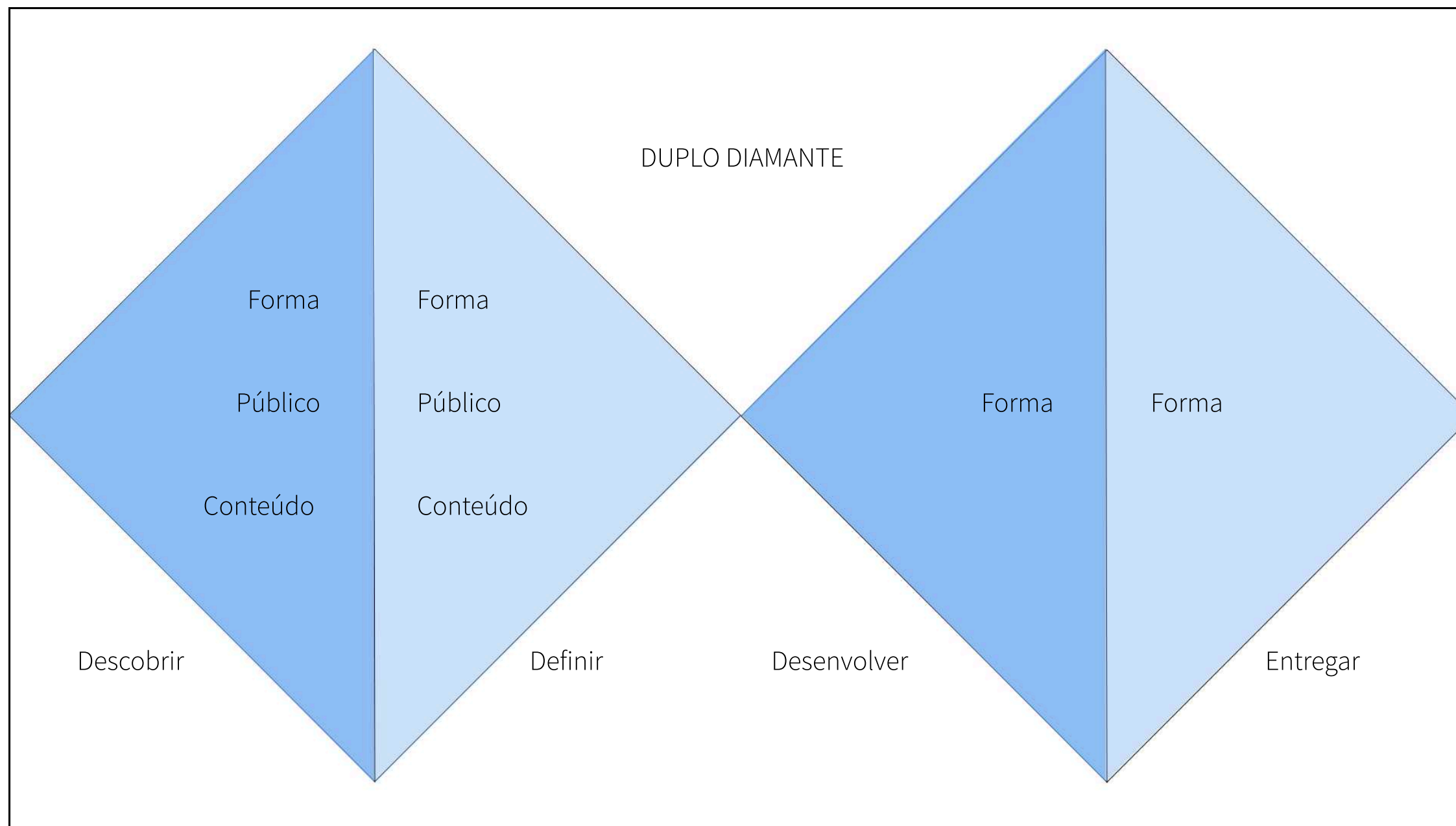


Figura 1 - Esquema da Metodologia Duplo Diamante Adaptada- Fonte: Autora

Para orientar o desenvolvimento deste projeto editorial, será adotada a metodologia Double Diamond, proposta pelo British Design Council. Essa abordagem é amplamente utilizada em processos de design e inovação por sua estrutura clara e adaptável, dividida em quatro fases principais: Descobrir, Definir, Desenvolver e Entregar.

O modelo é representado por dois “diamantes” consecutivos, sendo o primeiro voltado à compreensão aprofundada de um problema, enquanto o segundo se dedica à construção de soluções. Cada diamante apresenta momentos de divergência, nos quais se explora

o campo de possibilidades de forma ampla, seguidos por momentos de convergência, que consistem em filtrar e focar os achados para avançar com clareza e direção

No primeiro diamante, a etapa “Descobrir” tem como foco a investigação ampla do contexto, por meio da escuta, da observação e da pesquisa. No caso deste projeto, isso envolve ouvir diferentes vozes, buscar necessidades, documentos e registros que ajudem a compreender profundamente o universo das rendeiras de Florianópolis.

Em seguida, a fase “Definir” busca organizar e sintetizar os dados recolhidos, revelando padrões e oportunidades. A partir desses insights, torna-se possível traçar um posicionamento claro para o projeto editorial, filtrando os conteúdos com base nas necessidades e interesses do público identificado. Esse momento também envolve a definição mais precisa do público-alvo e da proposta visual do projeto, sempre em sintonia com os objetivos e com a sensibilidade do tema.

Para tornar esse processo mais estruturado e claro, o primeiro diamante foi dividido em três eixos de análise e desenvolvimento: conteúdo, dedicado à pesquisa histórica e narrativa sobre a renda de bilro; público, voltado à compreensão de para quem é este projeto e seus interesses; e forma, responsável por investigar referências visuais e soluções editoriais. Essa divisão permitiu conduzir a pesquisa de modo mais organizado, garantindo que cada dimensão fosse explorada de maneira independente, mas interligada, contribuindo para uma visão ampla e coerente do projeto.

O segundo diamante se inicia com a fase “Desenvolver”, momento em que as definições estabelecidas anteriormente ganham forma. No contexto desse projeto editorial, essa etapa envolve a elaboração de esboços gráficos, testes de diagramação e a exploração da solução visual. Também é o momento de experimentar e avaliar materiais, como tipos de papel, acabamentos, encadernações e formatos, com o objetivo de encontrar as combinações mais adequadas à proposta narrativa e estética do projeto.

Já a etapa final, “Entregar”, concentra-se na consolidação e finalização do produto editorial. Isso inclui os últimos testes e refinamentos gráficos, além da validação do projeto em relação aos objetivos definidos anteriormente. Também fazem parte desse momento a entrega das especificações técnicas, fundamentais para viabilizar a produção gráfica, e o planejamento para a impressão do material. Essa fase garante que o resultado final traduza, de forma coerente, o valor cultural da renda de bilro e das rendeiras de Florianópolis.

O Double Diamond não é um modelo linear, ele propõe um processo iterativo e adaptável, no qual é comum retornar a etapas anteriores à medida que novos aprendizados emergem.

Fundamentado em princípios como colocar as pessoas em primeiro lugar, cocriar de forma colaborativa, comunicar de maneira inclusiva e iterar continuamente, esse método oferece uma base sólida para o desenvolvimento de projetos complexos e socialmente engajados, como o que se propõe aqui.



Processos e Decisões de Design

# 3.1 Descobrir

Para iniciar este projeto, dentro da etapa de abertura e investigação proposta pelo Double Diamond, a pesquisa foi estruturada em três eixos principais: conteúdo, público e forma. Essa divisão permitiu conduzir o levantamento de informações de maneira simultânea, mas organizada, sem sobreposição entre as linhas de raciocínio. A escolha por esse modelo de organização buscou oferecer um direcionamento claro diante da complexidade e das múltiplas camadas que envolvem o tema deste projeto.

## 3.1.1 Conteúdo

Para o eixo de conteúdo, o objetivo era definir do que o livro trataria, os temas e histórias que iriam recheá-lo. Para isso, entre os meses de março e maio de 2025, foi realizada uma pesquisa sobre a história, a técnica e o contexto cultural da renda de bilro em Florianópolis.

O processo teve início com uma busca online por trabalhos acadêmicos – dissertações, teses e artigos – que abordavam o tema sob diferentes perspectivas. Foi possível compreender, por meio desses estudos, como a renda chegou ao litoral brasileiro, sendo comumente associada às redes de pesca: enquanto os homens saíam para o mar, as mulheres permaneciam em casa fazendo renda. Também foi observado como essa prática teve papel central na economia familiar, tornando muitas mulheres provedoras principais das famílias, superando, inclusive, os rendimentos vindos da pesca.

Durante essa etapa, um ponto de destaque foi o contato com o artigo de Zanella, Balbinot e Pereira (2000) que analisa o processo de constituição dos indivíduos enquanto rendeiras, e nesse processo diferenciam o “saber fazer renda” e o “ser rendeira”. Essa leitura foi essencial para ampliar a compreensão sobre o universo da renda de bilro, revelando que o ofício vai além da técnica e envolve dimensões identitárias, afetivas e comunitárias. O texto serviu como um guia, ajudando a traçar uma linha clara entre dois caminhos possíveis:

produzir um livro sobre a renda enquanto técnica artesanal ou sobre o ser rendeira enquanto experiência cultural. A partir disso, fortaleceu-se a intenção de valorizar as rendeiras em sua complexidade e pluralidade, colocando em foco não apenas o produto final da renda, mas os modos de vida, as histórias e os vínculos que sustentam essa prática.

Na sequência, a pesquisa se estendeu à visitas à espaços relacionados com a cultura da renda, como: o Centro Cultural Bento Silvério (casarão da lagoa), visitado diversas vezes entre abril e junho de 2025; o Centro Cultural Veras, que fez um workshop de renda de bilro em maio de 2025; e o Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da UFSC, visitado em março de 2025. No último foi possível acessar publicações voltadas ao público geral. Apesar de poucas em número, essas obras se mostraram ricas em imagens e relatos, especialmente o livro Renda de Bilro: Um Legado Açoriano Transcendendo Séculos em Florianópolis (2015), que apresentava a prática da renda em diferentes regiões da Ilha, com depoimentos de rendeiras que preservam as tradições locais.

Também foi feita uma pesquisa por trabalhos do curso de Moda da UDESC, que possui diversos projetos relacionados à renda de bilro, tanto em iniciativas de preservação técnica – com foco em registros gráficos e desenhos de piques – quanto em propostas contemporâneas de uso da renda no vestuário. A aproximação com essa área permitiu perceber como a renda pode ser ressignificada sem perder sua essência. Destaca-se o documentário Rendas ao Vento<sup>1</sup>, produzido em conjunto com por professores da UDESC, que reúne entrevistas e imagens sensíveis sobre o fazer da renda e sua permanência em Florianópolis.

Essas investigações, tanto em acervos físicos quanto digitais, ampliaram significativamente a compreensão sobre a renda de bilro em Florianópolis e suas diferentes formas de abordagem. A etapa de descoberta mostrou-se essencial para expandir o olhar e compreender as múltiplas camadas envolvidas nesse fazer cultural: sua dimensão técnica, sua força simbólica, sua presença na memória coletiva e seu potencial de ressignificação contemporânea.

<sup>1</sup>RENDAS AO VENTO. Produção: Base Cultural; Pulse Filmes. Projeto audiovisual. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PSL5Vj9CPBU>. Acessado em: 21/10/2025.

### 3.1.2 Público

Trabalhar este eixo na etapa Descobrir é essencial para desenvolver um entendimento inicial do público e de suas necessidades, o que irá nortear decisões de design ao longo do projeto. Para isso, foram realizadas duas ações principais: entrevistas com pessoas que possuem diferentes relações com o tema e, a partir dos aprendizados extraídos dessas conversas e da pesquisa de conteúdo já realizada, a elaboração e aplicação de um questionário aberto, com foco em mapear o interesse do público em torno da renda de bilro e suas manifestações.

#### **Entrevistas:**

Como primeiro passo do eixo que investiga o público-alvo do projeto, foram feitas três entrevistas qualitativas, realizadas em maio de 2025 com pessoas diretamente ligadas ao tema da renda de bilro: um profissional da área do design editorial, uma especialista na renda enquanto bem cultural e duas rendeiras. O objetivo foi ampliar a compreensão sobre o cenário atual da prática, seus desafios e potenciais caminhos para valorização e divulgação por meio de uma publicação editorial.

As entrevistas foram semiestruturadas, com roteiros compostos por 7 a 8 perguntas abertas, adaptadas conforme o perfil de cada entrevistado. Essa abordagem buscou equilibrar uma base comum de temas (como memória, práticas culturais, experiências pessoais e percepção sobre o valor simbólico da renda) com espaço para respostas objetivas e subjetivas.

Duas das conversas aconteceram de forma presencial, permitindo uma troca mais sensível e direta com os entrevistados, enquanto a terceira foi realizada remotamente via Google Meet, respeitando a disponibilidade do participante. Em todos os casos, os entrevistados autorizaram o uso dos conteúdos das conversas para fins deste projeto.

A seguir, são apresentadas as principais contribuições de cada uma das entrevistas, com foco nos aspectos mais relevantes para a definição do público e a construção do livro enquanto produto editorial.

#### **Entrevista 1**

A entrevista com um atual professor do Curso de Design da UFSC, com ampla experiência profissional e docente na área de design editorial, trouxe reflexões importantes para o desenvolvimento do projeto, especialmente no que se refere ao potencial de mercado, à relação entre design e cultura e às possibilidades visuais para representar práticas tradicionais como a renda de bilro.

*Existe um distanciamento entre eles [design editorial e expressões culturais tradicionais], quem desenvolve esses projetos culturais geralmente não é da área do design ou não busca alguém da área.*

Em primeiro lugar, o entrevistado destacou a carência de publicações sobre o tema e reconheceu que, mesmo como morador de longa data de Florianópolis, teve pouco contato com conteúdos mais aprofundados, o que sinaliza uma lacuna e, ao mesmo tempo, uma oportunidade no mercado. Quanto ao público-alvo, ele apontou o interesse de turistas, instituições de ensino e da própria população local, sugerindo que a publicação pode atuar tanto como material educativo quanto como instrumento de valorização cultural.

Sobre o papel do design editorial, foi enfatizada a possibilidade de gerar interesse e engajamento através de escolhas gráficas bem planejadas — indo além do formato comum de livros genéricos sobre cidades. O entrevistado defendeu a importância de equilibrar tradição e inovação, utilizando elementos como tipografia inspirada na cultura local, paletas de cores coerentes e o uso de ilustrações que remetam ao artesanal, sem abrir mão de uma diagramação bem executada. Ele sugere, então, utilizar o conceito de 'artesanal' como base para o desenvolvimento do livro, de modo a unir a tradição da renda de bilro com uma possível representação visual mais contemporânea dessa prática.

#### **Entrevista 2**

A segunda entrevista foi realizada com uma pesquisadora que realizou um mestrado em Design de Vestuário e Moda na UDESC focado na restauração de desenhos de piques de acervos culturais da renda de

bilro. Entre os temas abordados, a entrevistada compartilhou reflexões sobre a trajetória histórica da renda em Florianópolis, destacando momentos de valorização e perda de qualidade decorrentes da pressão turística e econômica. Também apontou as diferenças regionais entre a renda feita na ilha e a de outras partes do Brasil, ressaltando elementos únicos como o uso da tramóia e o estilo dos desenhos.

A entrevistada trouxe diversas questões interessantes que puderam auxiliar no desenvolvimento e nas escolhas deste projeto. Entre elas, destaca-se sua visão da cultura da renda como uma rede viva e complexa de saberes, relações e memória. Essa compreensão, mais do que descrever a técnica, evidencia o valor simbólico e afetivo da comunidade que se desenvolveu em torno disso, o que pode servir como um guia importante para decisões tanto no eixo da forma, quanto no do conteúdo da publicação.

*Sobre a cultura delas eu vejo que é isso, é muito enraizada, quase uma trama ou uma rede. Se você for lá na casa das rendeiras e ficar ali uma tarde sentada escutando elas parece outra época, ainda existe ali um pedaço do que a ilha já foi.*

A entrevistada apontou a importância de pensar caminhos que unam tradição e contemporaneidade, sugerindo que o fortalecimento da cultura pode acontecer por meio da valorização de sua estética artesanal, respeitando a técnica original, mas explorando formas de inseri-la em contextos mais atuais. Esse entendimento pode ser incorporado ao projeto editorial, como forma de representar visualmente a riqueza da prática.

Ela também destacou especialmente a importância de aproximar a renda das novas gerações, como a geração Z, que atualmente tem demonstrado interesse por práticas manuais e experiências analógicas como resposta ao excesso de estímulos digitais. Nesse sentido, explorar visualmente a tradição sob uma nova perspectiva pode ser um caminho potente para engajar esse público, utilizando o

design editorial como forma de mediar tradições culturais e linguagens contemporâneas.

Por fim, a entrevistada compartilhou uma visão pessoal e simbólica sobre o que a renda de bilro representa para ela, associando-a ao movimento do mar e à espuma das ondas. Essa percepção subjetiva, carregada de memória e afeto, pode servir como caminho conceitual para o desenvolvimento visual do projeto, ajudando a pensar de que forma o design pode representar a técnica além do óbvio e despertar sensações e conexões emocionais no público.

### **Entrevista 3**

Diferente das outras entrevistas realizadas, esta conversa foi feita com as duas rendeiras simultaneamente. A decisão foi de não removê-las de seu ambiente, criando uma atmosfera natural e agradável para a entrevista. E o resultado obtido foi satisfatório: ao estarem juntas, uma ia complementando a fala da outra, resgatando lembranças, trocando histórias e criando um clima de colaboração que permitiu que a conversa fluísse de maneira espontânea e rica.

Mais do que apenas registrar respostas, a entrevista realizada com as rendeiras se consolidou como uma experiência imersiva fundamental para o desenvolvimento do projeto. A presença no espaço onde elas se encontram e produzem suas rendas possibilitou observar de perto as sutilezas do trabalho: o ritmo de cada uma, a troca entre as rendeiras, suas rotinas, a linguagem utilizada, os diferentes pontos e piques, que hoje em dia em sua grande maioria são escaneados, sendo uma sutil modernização no modo de fazer dessa cultura tão tradicional.

As respostas, somadas à vivência no local, foram cruciais para compreender a dimensão coletiva da renda. Foi possível observar como a prática da renda, além de uma atividade individual, era (e ainda é) social. As rendeiras contam o hábito de se sentar juntas, conversar, trocar piques e ensinar umas às outras, todos hábitos antigos, vistos nas ruas dos bairros, mas que podem ser vistos hoje

em dia dentro da casa cultural, mantendo viva uma memória que é tanto pessoal quanto coletiva.

*A gente antes fazia assim na janela ou na porta. Na janela a gente botava duas cadeiras, uma pra gente, uma pra almofada e ficava fazendo; na porta a gente fazia no chão mesmo, e ficava conversando, todo mundo se conhecia. [...] Hoje eu só faço quando to aqui, não faço mais renda em casa não [...] Eu venho pela companhia e pra aprender.*

Outro ponto de grande relevância para o projeto foi a fala unânime de ambas sobre o desejo de valorização. Quando perguntadas sobre o que gostariam que as pessoas soubessem sobre o seu trabalho, destacaram que a renda exige tempo, cuidado e perfeição, e que, ainda assim, muitas vezes não recebe o reconhecimento merecido. Falaram do valor simbólico e financeiro do ofício, da desvalorização no olhar de quem compra e da importância de verem seu trabalho respeitado.

*Queria que vissem que é um trabalho feito com muito carinho. Com muito carinho, com muita atenção, muita perfeição, que as rendeiras fazem com cuidado pra não errar nenhum ponto.*

Esses elementos — a vivência coletiva, a observação direta da prática, o uso de recursos técnicos como os piques escaneados e o apelo por valorização — trazem contribuições valiosas para o projeto editorial, orientando não apenas as decisões de conteúdo e forma, mas também o tom da narrativa: sensível, respeitosa e comprometida com dar visibilidade a essa tradição.

#### **Questionário:**

Com o objetivo de complementar a compreensão do público-alvo e guiar decisões de design, foi elaborado um formulário com questões quantitativas e qualitativas sobre a cultura da renda de bilro em Florianópolis. A construção das perguntas foi orientada pelos

aprendizados obtidos na pesquisa de conteúdo e nas entrevistas realizadas previamente, permitindo aprofundar a escuta sobre o que as pessoas conhecem, pensam e desejam em relação ao tema.

O formulário foi elaborado na plataforma Google Forms e divulgado inicialmente em grupos de WhatsApp dos cursos de design, moda e engenharia, sendo incentivado o compartilhamento para ampliar o alcance e diversidade das respostas. O questionário permaneceu aberto por 7 dias no início de junho de 2025 e recebeu 58 participações. As perguntas foram organizadas em três etapas — Sobre Você; Sobre Cultura e a Renda de Bilro; e Sobre a Representação do Tema — abordando desde dados demográficos até níveis de conhecimento prévio, interesses gerais e expectativas em relação a uma possível publicação editorial sobre as rendeiras. As respostas ofereceram um panorama claro do que o público reconhece, valoriza e deseja ver representado no livro, orientando decisões de conteúdo e forma.

Entre os 58 participantes, a maioria está na faixa etária entre 18 e 28 anos, perfil que corresponde à geração Z. Esse dado é significativo para o projeto, pois indica um público jovem, digitalmente conectado, mas também interessado em experiências culturais e narrativas visuais. Embora 51 respondentes morem atualmente em Florianópolis, apenas 15 nasceram na cidade, o que evidencia um olhar misto entre quem cresceu imerso na cultura local e quem a vivencia de forma mais recente e curiosa.

O formulário também obteve uma diversidade de respostas nas áreas de atuação, ultrapassando o campo do design ou das artes. Isso sugere que o interesse pela cultura da renda de bilro pode se estender a públicos de diferentes formações e repertórios. Quanto aos hábitos de leitura, 31 pessoas relataram consumir publicações impressas "de vez em quando" e 15 com frequência, o que aponta uma abertura para uma publicação física.

As respostas coletadas sobre o conhecimento e o contato do público com a renda de bilro indicam uma baixa visibilidade da prática cultural, mesmo entre os próprios moradores de

Florianópolis. 10 pessoas afirmaram não ter ouvido falar da renda de bilro, o que é preocupante, especialmente considerando sua relevância cultural tanto para a cidade quanto para o país. Esse dado reflete a falta de valorização que foi mencionada pela segunda entrevistada, que ressaltou como a renda de bilro de Florianópolis sequer foi incluída no livro da Artisol, um projeto que visa dar visibilidade ao artesanato brasileiro. Isso sugere que, apesar de ser um patrimônio, a renda de bilro de Florianópolis ainda é pouco reconhecida.

Em relação ao contato com a prática, a maioria das pessoas já teve algum tipo de contato com a renda de bilro, especialmente por meio de feiras e mercados de artesanato (37 pessoas). Outros pontos de contato incluem a escola (22 pessoas) e a família (11 pessoas), e apenas 18 pessoas mencionaram ter conhecido a renda através de mídias como documentários ou livros. Esses dados revelam que a visibilidade da renda de bilro está concentrada em espaços informais, como feiras e mercados, e que seu alcance por meio de canais mais tradicionais, como livros e documentários, ainda é limitado.

Quando questionados sobre a associação da renda de bilro com Florianópolis e a cultura local, 44 pessoas afirmaram que associam, reconhecendo a prática como parte da identidade da cidade. Porém, 10 pessoas disseram nunca ter pensado sobre isso, e 4 negaram qualquer relação entre a renda e a cultura local. Esses números sugerem que, embora a maior parte do público associe a prática à cidade, ainda existe uma falta de conhecimento em relação a história e cultura da ilha por parte de algumas pessoas, o que se tornou mais evidente ao decorrer do formulário.

No que diz respeito ao conhecimento sobre a técnica e o impacto da renda de bilro, 30 pessoas afirmaram saber o que é uma renda de bilro, mas o conhecimento sobre a história da renda em Florianópolis é menos disseminado, com apenas 6 pessoas afirmando saber sobre isso. Apenas 19 pessoas conhecem como a renda é feita, e 14 têm noção do papel da renda na cultura e economia local. Essas respostas

indicam que, embora muitas pessoas tenham ouvido falar sobre a prática, o conhecimento profundo sobre sua história e impacto social ainda é restrito. Em relação à visibilidade dos grupos ativos de rendeiras, 10 pessoas afirmaram conhecer esses grupos, o que pode indicar a necessidade de mais integração e divulgação sobre as rendeiras e seus trabalhos.

Por fim, a receptividade ao tema foi bastante positiva. Somente 1 pessoa afirmou não ter interesse em conhecer mais sobre a história e o trabalho das rendeiras, 11 pessoas indicaram interesse potencial e 46 possuem interesse de fato. Esses dados demonstram um alto nível de curiosidade em aprender mais sobre a prática e sua relevância cultural, o que reforça a importância de se criar um material a respeito dessa cultura.

A segunda parte do questionário teve como objetivo entender quais aspectos do universo das rendeiras mais despertam o interesse do público e como essa cultura é percebida. A maioria das respostas apontou preferência por conteúdos que valorizam as pessoas por trás da prática: 48 participantes afirmaram ter interesse em ver fotografias e os trabalhos das rendeiras, e 46 demonstraram curiosidade por depoimentos e histórias de vida. Isso reforça a ideia de que o livro pode assumir um tom mais afetivo, indo além de uma abordagem puramente informativa.

Ainda assim, 41 pessoas demonstraram interesse em conhecer a história da renda na cidade, e 38 o papel da renda na independência feminina, o que indica abertura para abordar camadas mais profundas dessa cultura. 42 pessoas querem entender como essa prática se mantém viva hoje, e 39 selecionaram curiosidades e costumes. A técnica em si apareceu como foco para apenas 29 pessoas, e o interesse por outras formas de representação da renda nos dias atuais, como na moda, arte ou design, foi indicado por 30 pessoas. Esses dados mostram que, embora o aspecto técnico seja importante, há um forte desejo por conhecer a tradição, o cotidiano e a transformação cultural de um ponto de vista mais humano.

A pergunta aberta sobre os significados e imagens que a renda de bilro evoca teve 27 respostas, e ajudou a captar referências simbólicas e visuais que puderam inspirar a linguagem gráfica do projeto. Termos como tradição, delicadeza, manualidade e afetividade apareceram com frequência. Ao menos 10 pessoas associaram a renda à figura das mulheres mais velhas, senhoras ou avós, destacando o aspecto geracional. Cerca de 6 respostas mencionaram de forma direta ou indireta elementos da natureza, como a praia, o mar ou a própria ilha, o que se conecta com a imagem da renda como “espuma de onda” trazida pela segunda entrevistada. Outros respondentes citaram arquitetura, texturas, bruxas, Franklin Cascaes, e até a tipografia inspirada na renda — revelando um imaginário já presente, porém raso, em torno do tema.

Ao serem questionadas sobre o estilo de livro que mais lhes interessaria, a grande maioria das pessoas demonstrou preferência por uma abordagem contemporânea e experimental. A opção mais votada foi a de um livro moderno, que explore a tradição da renda de bilro de forma graficamente interessante, atual e sensível. Em contraste, poucos respondentes se interessaram por uma publicação de caráter mais tradicional ou puramente informativo. Esse resultado reforça o entendimento de que, para se conectar com o público pesquisado — majoritariamente jovem e visualmente engajado —, é fundamental que o projeto editorial busque novas formas de representar o tema, aproximando-se da linguagem do design contemporâneo sem abrir mão do respeito à tradição.

Na última pergunta do questionário, os participantes foram convidados a deixar comentários, sugestões ou expectativas sobre o que gostariam de ver em um livro sobre as rendeiras. As respostas revelaram o desejo por uma experiência sensível e imersiva, sugerindo o uso de texturas, imagens e elementos táteis que remetam à manualidade da renda. Foi mencionada também a vontade de ver algo como o “Pão por Deus” — prática tradicional açoriana — presente como elemento gráfico ou decorativo, ampliando o universo simbólico do livro. Além disso, muitos comentários indicaram

interesse em conteúdos que articulem aspectos técnicos da renda com vivências das rendeiras: seus territórios, histórias de vida e memórias. A ideia de um livro que dialogue tanto com a origem da prática quanto com sua permanência e transformação nos dias de hoje também apareceu com força, apontando para uma publicação que não apenas registre, mas também valorize a cultura da renda como algo vivo, e em constante renovação.

### *3.1.3 Forma*

Este eixo do projeto volta seu olhar para a materialidade da proposta editorial. Ainda inserido na fase de descobrir do Double Diamond, o objetivo desta etapa foi ampliar o repertório gráfico e compreender de que maneira outras publicações culturais abordam temas ligados a essa e outras tradições, e manifestações culturais, com foco tanto no conteúdo quanto na linguagem visual e materialidade.

Para isso foi feita, primeiramente, uma análise de livros similares, que permitiu observar decisões gráficas, estruturas editoriais e abordagens visuais utilizadas em projetos já existentes. Para em seguida, com base nessas análises e nas informações coletadas na pesquisa com o público-alvo, ser realizado um levantamento de referências visuais. Esse levantamento busca identificar elementos gráficos, tipográficos, cromáticos, estéticos e materiais que dialoguem com a proposta e ajudem a orientar futuras escolhas de projeto.

Confira a análise de similares nas páginas a seguir.

## Análise de Similares

### Cartilha Me Ensina a Fazer Renda

A cartilha Me ensina a fazer renda foi desenvolvida com o objetivo de valorizar a renda de bilro tradicional de Florianópolis e facilitar o ensino da técnica. Produzida pelo Instituto Sommos em parceria com a Contexto Gestão de Projetos, a publicação surge como resposta à constatação de que o repasse do saber fazer renda ainda ocorre, majoritariamente, de forma oral e informal entre as rendeiras. Diante da escassez de materiais didáticos específicos, a cartilha propõe um registro acessível e estruturado, que possa apoiar tanto quem ensina quanto quem aprende. Trata-se, portanto, de um material voltado à preservação técnica da prática, com foco no ensino passo a passo e na transmissão do conhecimento.

A organização do conteúdo da cartilha é simples e funcional, pensada para facilitar a compreensão e o aprendizado de maneira gradual. Cada seção é curta, direta e bem segmentada, com textos objetivos acompanhados de imagens instrucionais que ilustram o passo a passo. O sumário segue uma ordem lógica: inicia com uma breve apresentação e contextualização histórica da renda de bilro, passando em seguida pela identificação de seus elementos e pelas instruções práticas de execução, apontando primeiro as técnicas básicas, para depois seguir para a instrução dos pontos mais complexos. Trata-se de uma abordagem funcional e acessível, que prioriza a clareza e o objetivo de transmissão técnica.

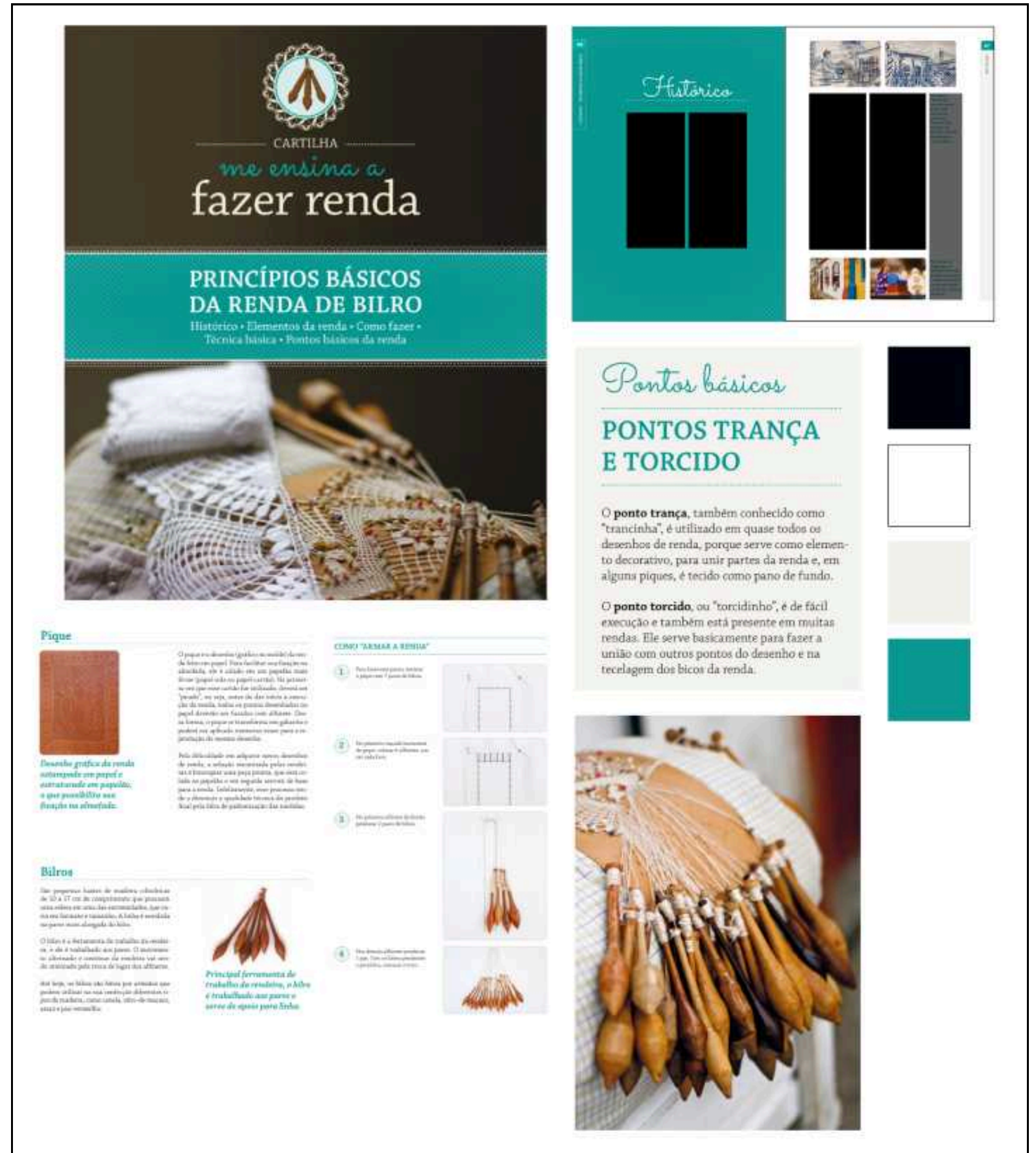


Figura 2 - Painel Visual Cartilha Me Ensina a Fazer Renda - Fonte: Autora

**Cartilha Me Ensina a Fazer Renda - 2015**

<b>Gerais</b>	Nome	Cartilha Me Ensina a Fazer Renda
	Ano	2015
	Formato	Digital
<b>Elementos Editoriais</b>	Dimensões	21x30 cm
	Imagens	Materiais, renda pronta e passo a passo
	Tipografia	Fonte cursiva, leve e fina para títulos; fonte serifada de diferentes pesos para subtítulos e textos
	Estrutura (Sumário)	Simple, organizado por ordem de aprendizado
	Encadernação	-
	Papel	-
<b>Conteúdos</b>	Temática	Educação, com foco no ensino de materiais e pontos básicos
	Depoimentos	Não
	História da renda de bilro	Sim
	Materiais necessários	Sim
	Pontos	Sim
	Como fazer a renda	Sim
	Versos de Ratoeira/cantigas	Não
	Separação por regiões da Ilha	Não
	Curiosidades e Costumes	Não
	A renda na economia familiar	Não
	Visão atual sobre a cultura	Sim, mas rasa

Quadro 1 - Análise de similar: Cartilha Me Ensina a Fazer Renda - Fonte: Autora

## Análise de Similares

### Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis - 2015

O livro Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis, de Maria Armênia Müller Wendhausen, foi publicado com o apoio da Casa dos Açores de Santa Catarina e tem como objetivo registrar e valorizar a contribuição açoriana na formação cultural de Florianópolis, com foco na tradição da renda de bilro. O livro se propõe não apenas a registrar a técnica da renda de bilro, mas também a preservar a memória oral e as vivências coletivas das mulheres que mantêm essa prática viva, por meio dos depoimentos colhidos em diversas regiões da Ilha. Além disso, torna-se uma importante referência ao reunir inúmeros exemplos de renda, contribuindo para a preservação de suas possibilidades técnicas e estéticas.

A organização do conteúdo do livro reforça seu caráter documental e de valorização cultural. Dividido em seções diretas, a publicação inicia com uma homenagem às rendeiras, seguida da apresentação dos elementos que compõem a prática da renda de bilro – como bilros, almofadas e suportes. Em seguida, dedica a maior parte de suas páginas a uma extensa exibição de rendas prontas, organizadas quase como um catálogo, em que são identificados os diferentes pontos utilizados. O livro segue para um mapeamento da presença da renda em diferentes regiões de Florianópolis, cada região da cidade recebe uma seção própria, acompanhada de relatos e imagens das rendeiras locais, oferecendo um panorama vivo e afetivo da prática nos diversos bairros. O livro finaliza com uma breve contextualização sobre o arquipélago dos Açores, origem da tradição que chegou à Ilha.



Figura 3 - Painel Visual Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis - Fonte: Autora

**Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis**

<b>Gerais</b>	Nome	Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis
	Ano	2015
	Formato	Livro Impresso
<b>Elementos Editoriais</b>	Dimensões	30x40 cm
	Imagens	Materiais, renda pronta, lugares, monumentos e rendeiras
	Tipografia	Fonte display chamativa com capitular para títulos; fonte serifada em negrito para subtítulos; e fonte sem serifa para textos
	Estrutura (Sumário)	Simple, organizado principalmente por região, com cada bairro como subdivisão
	Encadernação	Capa dura
	Papel	Couchê
<b>Conteúdos</b>	Temática	Documental e cultural, com foco em apresentar o estado atual da renda de bilro
	Depoimentos	Sim
	História da renda de bilro	Não
	Materiais necessários	Sim
	Pontos	Sim
	Como fazer a renda	Não
	Versos de Ratoeira/cantigas	Sim
	Separação por regiões da Ilha	Sim
	Curiosidades e Costumes	Sim, nos depoimentos
	A renda na economia familiar	Não
	Visão atual sobre a cultura	Sim

Quadro 2 - Análise de similar: Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis - Fonte: Autora

## Análise de Similares

### Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis - 2014

Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis foi publicado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (IPHAN) dentro de uma proposta editorial voltada à valorização dos saberes e fazeres da cultura popular brasileira. A obra busca registrar a trajetória de rendeiras (e rendeiros) a partir de suas histórias de vida, entrelaçando memória, técnica e identidade cultural. Inserida no contexto do programa Promoart, a publicação privilegia uma abordagem sensível e narrativa, evidenciando como o fazer artesanal se conecta à coletividade, à vivência cotidiana e à relação com o território. Nesse sentido, não se trata apenas de um registro técnico ou histórico, mas de uma valorização da renda de bilro como expressão viva da cultura tradicional e comunitária.

A organização do conteúdo no livro é direta e privilegia a fluidez narrativa. O sumário apresenta poucos itens, começando com uma introdução institucional sobre o artesanato tradicional e seguindo com textos breves sobre a origem açoriana da renda de bilro e sua presença histórica em Florianópolis. A maior parte da publicação, no entanto, está concentrada na seção intitulada As memórias das entrevistas, que reúne relatos orais de rendeiras, divididos por bairros da Ilha – ainda que isso não esteja explicitamente refletido no sumário. Essa parte extensa e detalhada é o foco do livro, evidenciando o valor documental das histórias de vida e dos vínculos comunitários.

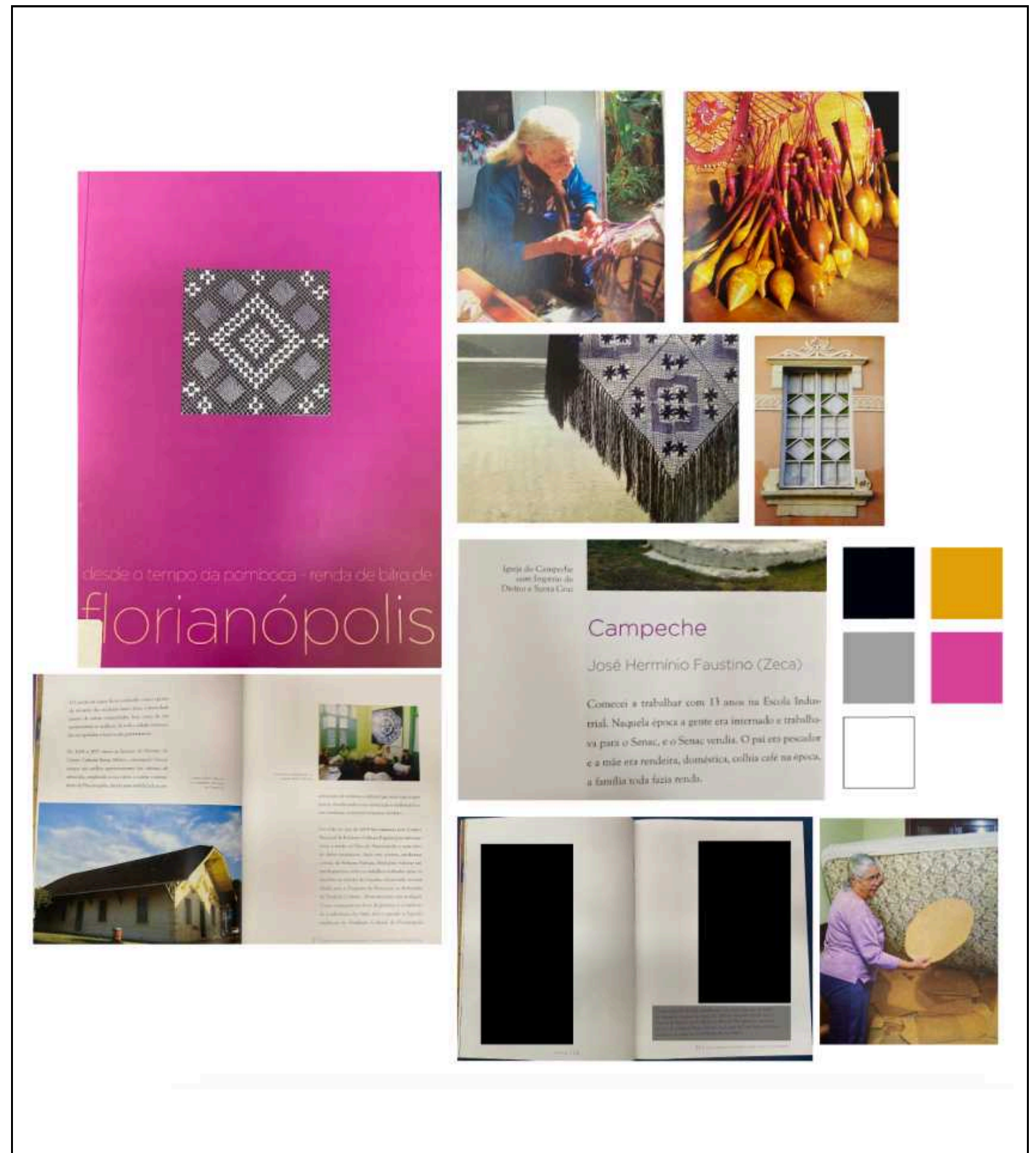


Figura 4 - Painel Visual Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis - Fonte: Autora

**Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis**

<b>Gerais</b>	Nome	Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis
	Ano	2014
	Formato	Livro Impresso
<b>Elementos Editoriais</b>	Dimensões	15x21 cm
	Imagens	Imagens chamativas, conceituais da renda, dos lugares da ilha e dos materiais, misturadas com imagens cotidianas das rendeiras
	Tipografia	Fonte sem serifa leve e fina para títulos e subtítulos; fonte serifada de diferentes pesos para textos e legendas
	Estrutura (Sumário)	Curto, capítulos com títulos criativos, pouca informação
	Encadernação	Lombada quadrada, com cola
	Papel	Couchê
<b>Conteúdos</b>	Temática	Documental e cultural, com foco no caráter do artesanato
	Depoimentos	Sim
	História da renda de bilro	Sim
	Materiais necessários	Não
	Pontos	Não
	Como fazer a renda	Não
	Versos de Ratoeira/cantigas	Sim, nos depoimentos
	Separação por regiões da Ilha	Sim
	Curiosidades e Costumes	Sim, nos depoimentos
	A renda na economia familiar	Não
	Visão atual sobre a cultura	Sim

Quadro 3 - Análise de similar: Desde o tempo da pomboca – Renda de bilro em Florianópolis - Fonte: Autora

## Análise de Similares

### Mulheres atingidas por barragens: bordando direitos - 2025

Mulheres atingidas por barragens: bordando direitos é um livro publicado pelo MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 2025, como parte da exposição dedicada às arpilleras produzidas pelo Coletivo Nacional de Mulheres do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens). Embora não trate diretamente da renda de bilro, esta publicação foi selecionada como similar por abordar um trabalho manual feito por mulheres, profundamente enraizado em suas vivências territoriais, afetivas e políticas — aspectos também presentes na prática das rendeiras de Florianópolis. Além disso, o livro foi escolhido por representar uma produção contemporânea, oferecendo uma análise mais atual de publicações culturais com temáticas artesanais e comunitárias, o que contribui para ampliar o repertório visual e editorial deste projeto.

O livro é estruturado em onze capítulos, organizados como textos independentes escritos por diferentes autoras e autores, que se complementam ao tratar de diversas dimensões do mesmo tema: o fazer têxtil como ferramenta de memória, resistência e expressão coletiva. Ao final, a publicação reúne também uma galeria visual com reproduções das arpilleras, uma lista detalhada das obras presentes na exposição, o histórico das exposições e a bibliografia consultada. Essa organização, ao mesmo tempo fragmentada e coerente, permite múltiplas entradas no conteúdo e valoriza tanto a potência visual dos trabalhos manuais quanto as camadas teóricas e políticas que os envolvem.



Figura 5 - Painel Visual Mulheres atingidas por barragens - Fonte: Autora

## Análise de Similares

### Mulheres atingidas por barragens: bordando direitos

<b>Gerais</b>	Nome	Mulheres atingidas por barragens: bordando direitos
	Ano	2025
	Formato	Livro Impresso
<b>Elementos Editoriais</b>	Dimensões	14x25 cm
	Imagens	Apenas imagens dos bordados, trabalhos desenvolvidos pelo Coletivo Nacional de Mulheres do MAB
	Tipografia	Fonte display que remete ao tema; fonte sem serifa de diferentes pesos para textos e legendas
	Estrutura (Sumário)	Claro e direto, separado por temas e autores
	Encadernação	Capa dura, Lombada quadrada, com cola
	Papel	Pólen

Quadro 4 - Análise de similar: Mulheres atingidas por barragens - Fonte: Autora

De modo geral, foi possível observar que as publicações sobre a renda de bilro em Florianópolis apresentam estruturas editoriais bastante tradicionais, com foco no registro técnico e histórico. Apesar da relevância individual de cada obra — seja pelo valor documental ou pela preservação dos relatos das rendeiras —, muitas apresentam formatos e narrativas semelhantes, o que resulta em um panorama editorial informativo, porém pouco diverso.

Do ponto de vista gráfico, nota-se um predomínio de soluções convencionais: diagramações lineares, pouco uso de recursos visuais e ausência de experimentação com textura, tipografia ou ritmo de leitura. Elementos como capitulares, vinhetas ou destaques visuais são raros, o que contribui para uma aparência homogênea entre os títulos. Nesse contexto, o livro Mulheres atingidas por barragens: bordando direitos surge como uma referência contemporânea, por propor uma estrutura fragmentada e múltipla — composta por diferentes autorias e abordagens visuais — que amplia as possibilidades narrativas e estéticas dentro de publicações culturais.

Diante desse cenário, o projeto proposto configura-se como uma oportunidade de renovação. Busca construir uma experiência editorial que una conteúdo afetivo e histórico com uma linguagem visual mais contemporânea, criando uma ponte entre tradição e atualidade.

## 3.2 Definir

Com o encerramento da etapa Descobrir, inicia-se o momento de afinamento do primeiro diamante da metodologia Double Diamond. Nesta fase, é preciso reunir, organizar e sintetizar tudo o que foi observado e aprendido ao longo das pesquisas e escutas realizadas — com o objetivo de delimitar os caminhos possíveis e estratégicos para o desenvolvimento do projeto. Ao organizar os dados coletados, é possível começar a tomar decisões mais objetivas nos eixos de conteúdo, público e forma, definindo qual será o recorte do livro, para quem ele será direcionado e de que maneira ele será construído.

Entre os principais achados da etapa anterior, alguns pontos merecem ser retomados por seu potencial de guiar as próximas decisões. Em relação ao conteúdo, ficou evidente que a cultura da renda de bilro vai muito além do simples “saber fazer”. Tanto nas entrevistas com as rendeiras quanto com a especialista da área, a renda foi descrita como algo coletivo, oral, simbólico e afetivo, marcada por laços de vizinhança, trocas entre mulheres e manifestações da cultura da ilha. Uma prática que, mais do que técnica, é também vivência.

Outro dado relevante diz respeito à percepção de visibilidade da cultura. Enquanto as entrevistadas envolvidas diretamente com a renda afirmam que ela vive hoje um momento de reconhecimento — com eventos, exposições e projetos culturais —, o questionário revelou o contrário: entre o público geral, especialmente o jovem, o conhecimento sobre a prática ainda é raso ou limitado a referências turísticas. Essa contradição aponta para uma lacuna de comunicação e reforça a relevância de um projeto que possa funcionar como ponte entre esses dois mundos.

No eixo do público, dois grupos de interesse foram apontados em momentos distintos da pesquisa. Durante as entrevistas, surgiram sugestões voltadas tanto para os moradores de Florianópolis, que

buscam se reconectar com a cultura local, quanto para a geração Z, descrita por uma das entrevistadas como um público que tem se interessado por práticas manuais e experiências mais analógicas, como uma forma de escapar do excesso de telas. O questionário, por sua vez, revelou uma intersecção entre esses dois grupos: foi amplamente respondido por jovens entre 18 e 28 anos, em sua maioria residentes da cidade, o que evidencia uma oportunidade de diálogo com um público que, ao mesmo tempo, vive em Florianópolis e demonstra abertura para conhecer mais sobre a tradição das rendeiras.

No eixo forma do impresso, as entrevistas revelaram uma lacuna importante: a ausência de publicações sobre renda de bilro que sejam visualmente inovadoras. O especialista em design editorial mencionou a existência de uma estética padronizada e pouco envolvente nas publicações culturais, reforçando a oportunidade de se criar um projeto editorial mais sensível, original e conectado ao conteúdo que transmite.

Por fim, é importante levantar que ao longo da pesquisa, das entrevistas e das respostas abertas do questionário, surgiram diversos termos e imagens que ajudam a traduzir o imaginário em torno da renda. Palavras como cuidado, delicadeza, tempo, memória, oralidade, comunidade, mar, lagoa, trama, resistência, tradição e afeto apareceram com frequência, servindo como orientações importantes tanto para a construção do conteúdo quanto para o direcionamento estético e conceitual do projeto.


### 3.2.1 Público

Diferente da organização adotada na etapa anterior, nesta fase optou-se por iniciar pelo eixo Público, pois compreender quem será o leitor do projeto é essencial para guiar as decisões nos eixos de conteúdo e forma. Os interesses, hábitos, necessidades e objetivos desse público atuarão como guia para a estrutura e o tom da publicação, garantindo que o projeto editorial dialogue de maneira mais eficaz com quem se deseja alcançar.

A partir da análise do questionário e das entrevistas realizadas, foi possível delinear o perfil de público com potencial de interesse pelo livro que será o alvo deste trabalho, a geração Z. Em especial, jovens entre 18 e 28 anos, que vivem atualmente em Florianópolis, ainda que nem todos tenham nascido na cidade.

Entre as características observadas da geração Z, destacam-se o interesse por práticas manuais, por publicações impressas e por experiências sensíveis e visuais — em meio a busca de se reconectar com o real como resposta ao excesso de estímulos digitais. Esses

comportamentos foram identificados tanto no questionário quanto nas entrevistas, reforçando o potencial dessa geração como público-alvo do projeto. Além disso, focar em jovens adultos se mostra estratégico no contexto de valorização cultural, pois esse é o grupo mais propenso a aprofundar seus conhecimentos, formar vínculos e transformar descobertas em ações. Enquanto crianças ainda não possuem a maturidade necessária para absorver conteúdos mais complexos, e adultos mais velhos tendem a ter interesses já consolidados, os jovens adultos estão justamente no momento de exploração, formação de identidade e busca por pertencimento.



**Ana, 20 anos**

**Ocupação:** Estudante de Moda na UDESC

**Local de origem:** Curitiba (PR)

**Tempo em Florianópolis:** 3 anos

**Interesses:** colagens, publicações independentes, exposições, cerâmica, costura, música brasileira contemporânea e pop

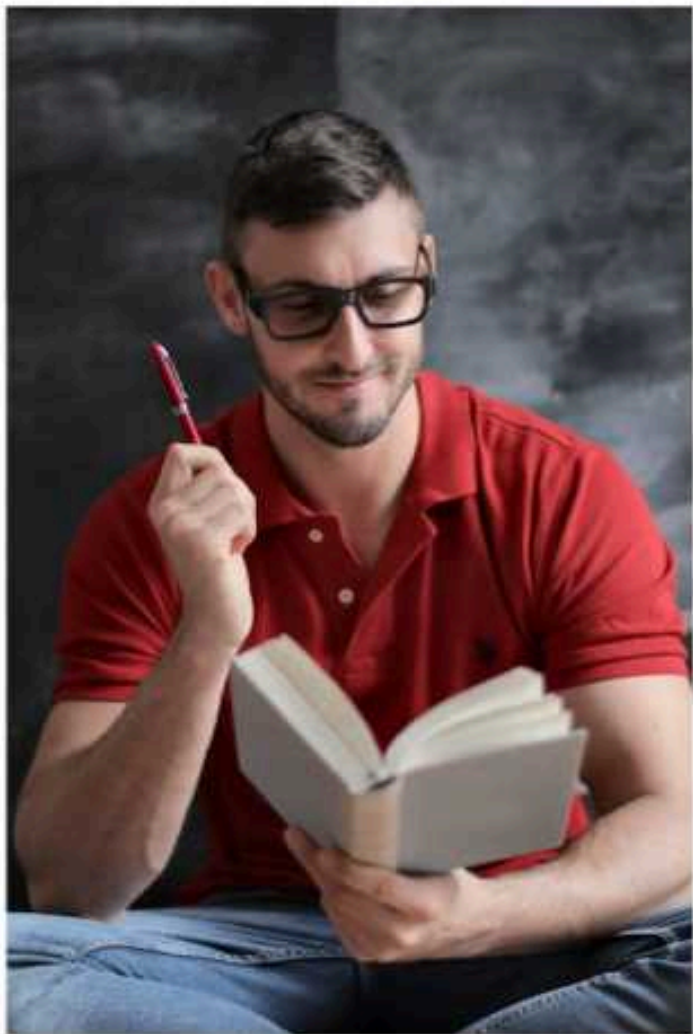
**Hábito de leitura:** gosta de livros visuais, com narrativas afetivas ou poéticas; é o tipo de pessoa que se encanta primeiro pelo visual, costuma comprar livros pela capa, coleciona livros bonitos

**Relação com a renda de bilro:** Já viu, mas nunca entendeu muito bem o que era; lembra da renda como algo “de vó” ou de feirinhas

**O que espera de um livro sobre o tema:** algo visualmente interessante, bonito de folhear, sensível e surpreendente; que traga um novo olhar sobre a renda — algo que a encante

**“Eu gosto quando um livro me prende pelo visual. Sou dessas que compra o livro pela capa... e depois se apaixona pelo conteúdo”**

Figura 6 - Persona 1: Ana - Fonte: Autora



**Marcos, 26 anos**

**Ocupação:** Estudante de Licenciatura em História na UFSC

**Local de origem:** Florianópolis (SC), nascido e criado no bairro Itacorubi

**Interesses:** cultura popular, literatura, história oral, práticas artesanais, acervo do Franklin Cascaes

**Hábito de leitura:** lê com frequência; valoriza textos bem escritos e contextualizações históricas

**Relação com a renda de bilro:** teve contato com a renda na infância por meio da avó rendeira. Hoje, reconhece o valor da prática como parte do patrimônio cultural da cidade, embora não acompanhe mais de perto. Sente que está desaparecendo e tem curiosidade e preocupação com sua preservação.

**O que espera de um livro sobre o tema:** um material que funcione tanto como consulta quanto como homenagem, que ajude a espalhar o conhecimento sobre a renda de bilro. Gostaria de algo para apresentar a visitantes da cidade como um registro relevante da cultura local.

**“Se existisse um livro bonito e bem feito sobre a renda daqui, eu adoraria dar de presente pra quem é de fora. É parte da cidade e pouca gente conhece de verdade”**

Figura 7 - Persona 2: Marcos - Fonte: Autora

Com base nesses dados e observações, foram elaboradas duas personas com a finalidade de aprofundar o conhecimento acerca dos interesses e das necessidades do público-alvo, o que ajudará a orientar o projeto. As personas não são indivíduos reais, mas construções ficcionais baseadas em padrões recorrentes nos dados coletados, funcionando como retratos simbólicos de públicos possíveis para a publicação. Como afirma Pazmino (2015), o desenvolvimento de personas busca descrever de forma mais eficiente o público-alvo, superando os aspectos puramente técnicos para oferecer uma visão mais realista e centrada no usuário, permitindo que o projeto se desenvolva de forma mais empática e conectada com quem de fato irá interagir com o material.

A definição dessas duas personas orienta o projeto editorial na busca por um equilíbrio entre linguagem visual e aprofundamento de conteúdo. A escolha por perfis distintos, mas complementares, permite que o livro dialogue tanto com quem se aproxima pela estética e pela curiosidade (como a Ana), quanto com quem reconhece o valor histórico e deseja compartilhar esse saber com outras pessoas (como Marcos). Ao contemplar essas duas experiências, o projeto se posiciona como um meio de conexão entre o público jovem e uma prática cultural tradicional, criando múltiplos caminhos de aproximação com essa prática, seja pelo afeto, pela estética, pela história ou pelo pertencimento.

### 3.2.2 Conteúdo

Partindo da base construída na fase anterior, a análise de livros, artigos, documentários e entrevistas revelou que essa prática vai muito além da técnica artesanal: ela está inserida em um contexto comunitário, afetivo e simbólico. Esse entendimento, também reforçado pelas entrevistas com especialistas e rendeiras, consolidou a decisão de que o projeto editorial terá como foco a valorização da experiência de “ser rendeira”, e não apenas o ensino técnico do “saber fazer”.

Além disso, as respostas do formulário confirmaram que o público-alvo tem interesse em entender as histórias por trás da prática, sua relação com a cidade e como a tradição sobrevive e se manifesta nos dias de hoje. Os maiores pontos de interesse foram: a história da renda na cidade, o papel da renda na independência feminina e como essa prática se mantém viva atualmente, o que revela uma abertura para abordar camadas sociais dessa cultura. Também houve destaque para curiosidades e costumes relacionados à prática, reforçando o valor do cotidiano como aspecto narrativo. O interesse pela técnica e por representações contemporâneas da renda, embora importante, foram os pontos de menos destaque nas respostas, o que sugere que deve estar presente, mas não no centro do conteúdo.

Esses dados revelam que o público valoriza conteúdos que abordem a renda de bilro de forma humana, cultural e conectada ao território, e não apenas como uma técnica artesanal. Essa compreensão orienta a estruturação do conteúdo da publicação e define os temas a serem priorizados ao longo do projeto.

Neste eixo, será estruturado o sumário do livro e finalizado o texto que comporá o conteúdo do material. Iniciando pelo sumário, a proposta é organizar as informações de maneira sensível e coerente com os conceitos definidos anteriormente, mantendo o foco na valorização da renda de bilro enquanto prática cultural viva e significativa.

Capítulo 1 - O começo do mundo: Introdução à renda de bilro; sua chegada ao litoral catarinense; a transmissão dos saberes; o papel histórico da renda na economia familiar e na independência feminina.

Capítulo 2 - Entre bilros e piques: Apresentação dos principais pontos e materiais usados na renda de bilro: bilros, almofadas, linhas e piques; Curiosidades sobre como são feitos esses materiais.

Capítulo 3 - Onde tem rede tem renda: Exploração da dimensão comunitária e simbólica do “ser rendeira”; A prática como espaço de convivência, oralidade e expressão cultural; As cantigas de ratoeira, a conversa, o tempo compartilhado.

Capítulo 4 - A cidade rendeira: O que ainda existe hoje: casas de cultura, encontros, rendeiras ativas; A renda no imaginário urbano: calçadas, nomes de ruas, lendas urbanas; Contradições entre o imaginário urbano e a valorização.

O texto que compõe o conteúdo do livro foi desenvolvido a partir de uma combinação entre pesquisa bibliográfica, escrita autoral e revisão assistida. Trechos dos livros *Cartilha Me Ensina a Fazer Renda*, *O Trabalho das Rendeiras da Ilha de Santa Catarina: Tradição e Resistência Feminina* e *Rendeiras da Lagoa da Conceição em Florianópolis* foram utilizados em diferentes seções da obra — em alguns casos, com leves adaptações para adequação à linguagem geral do projeto. Paralelamente, diversos trechos foram redigidos pela autora do projeto, baseando-se nas ideias e referências levantadas durante a pesquisa bibliográfica realizada na etapa anterior. Por fim, a ferramenta ChatGPT foi utilizada como apoio no processo de revisão textual e gramatical, contribuindo para a manutenção da coerência e unidade de linguagem ao longo do texto.

### 3.2.3 *Forma*

A partir dos aprendizados coletados até agora, e com base no afunilamento destes, esse eixo busca definir os principais direcionamentos gráficos e estéticos que guiarão o desenvolvimento do projeto editorial. As decisões aqui apresentadas são fundamentadas na análise de publicações similares, nas preferências apontadas pelo público-alvo, nos objetivos das personas desenvolvidas e no foco da mensagem do projeto.

Diante da natureza do conteúdo delimitada anteriormente, a forma do livro precisa dialogar com a tradição sem ser engessada por ela, equilibrando respeito histórico e liberdade criativa. A escolha por um visual que una elementos artesanais e contemporâneos busca justamente representar a vivacidade e persistência da cultura rendeira, tornando-a próxima e acessível para o público jovem.

O foco deste eixo, portanto, é concluir o primeiro diamante da metodologia, reunindo os aprendizados das etapas anteriores em painéis visuais (moodboards) que traduzem os principais valores, atmosferas e sensações associadas à cultura da renda de bilro. Para isso, foram definidos eixos conceituais que surgiram de conceitos-chave identificados ao longo das entrevistas, da análise de similares e do questionário, e que serviram como guias para a construção da linguagem visual do projeto. A intenção é que esses conceitos sejam traduzidos em elementos gráficos, materiais e sensoriais — como cores, texturas, tipografias, composições e sensações visuais. Os painéis funcionam, portanto, como pontes entre o simbólico e o visual, orientando o processo criativo.

# Artesanal

Palavras-chave: feito à mão, textura, tempo, materialidade, imperfeição bonita

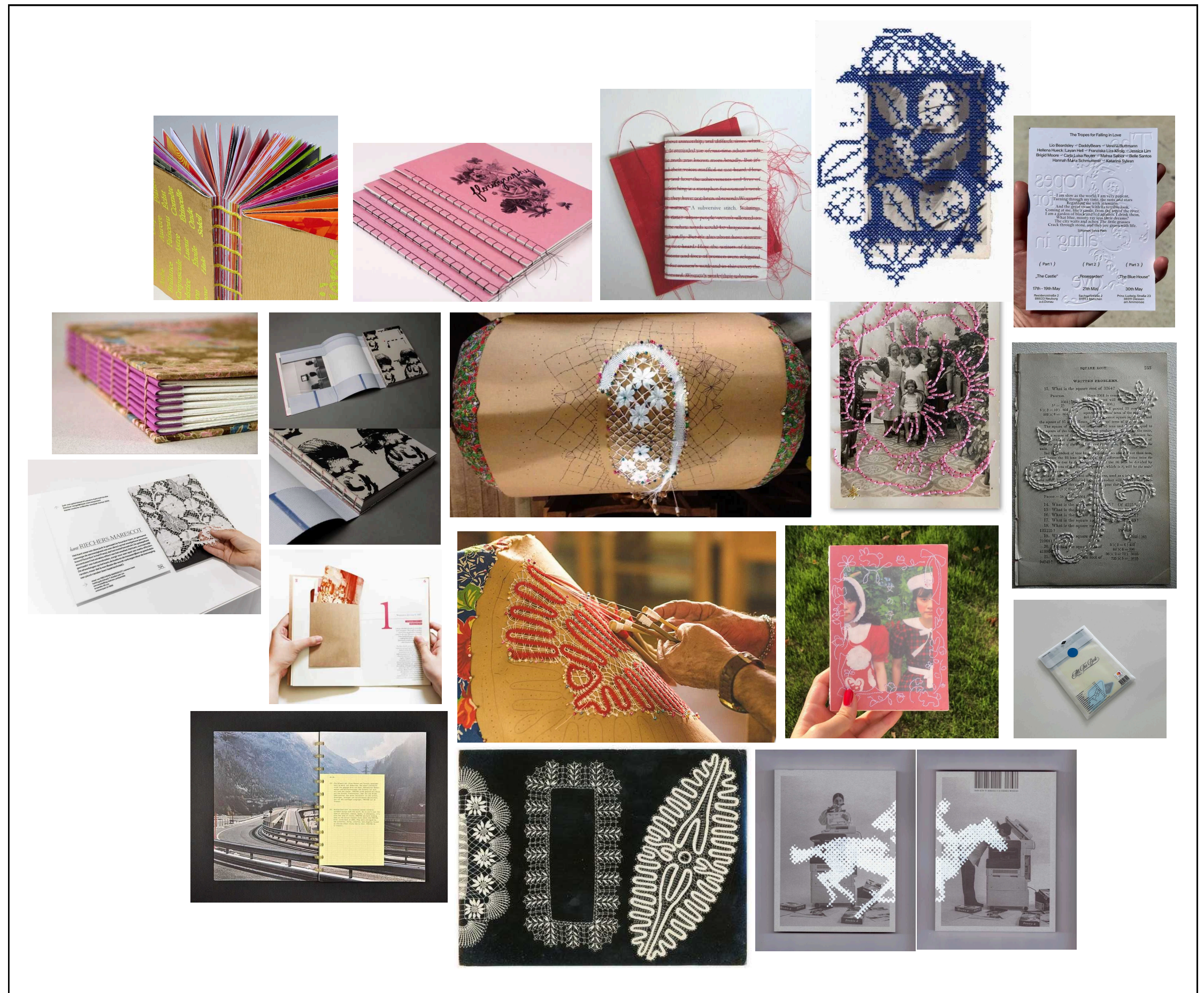


Figura 8 - Painel Visual: Conceito Artesanal - Fonte: Autora

# Afetivo

Palavras-chave: comunidade, oralidade, troca, acolhimento, leveza, memória, delicadeza, sensibilidade, tempo compartilhado

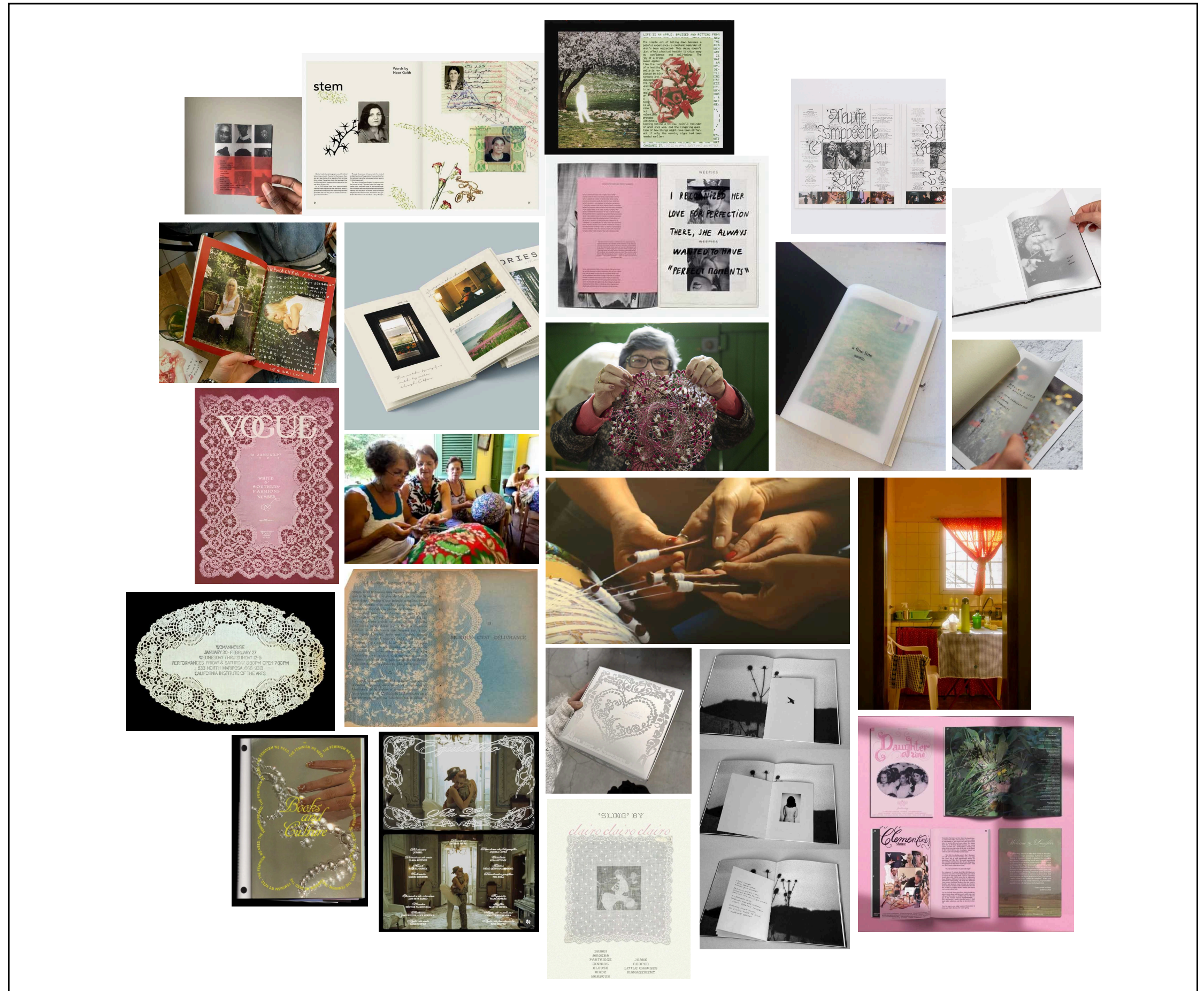


Figura 9 - Painel Visual: Conceito Afetivo - Fonte: Autora

# Cultural

Palavras-chave: cotidiano, tradição que resiste, expressão local, gesto repetido, janela, almofada, varanda, herança, permanência, território

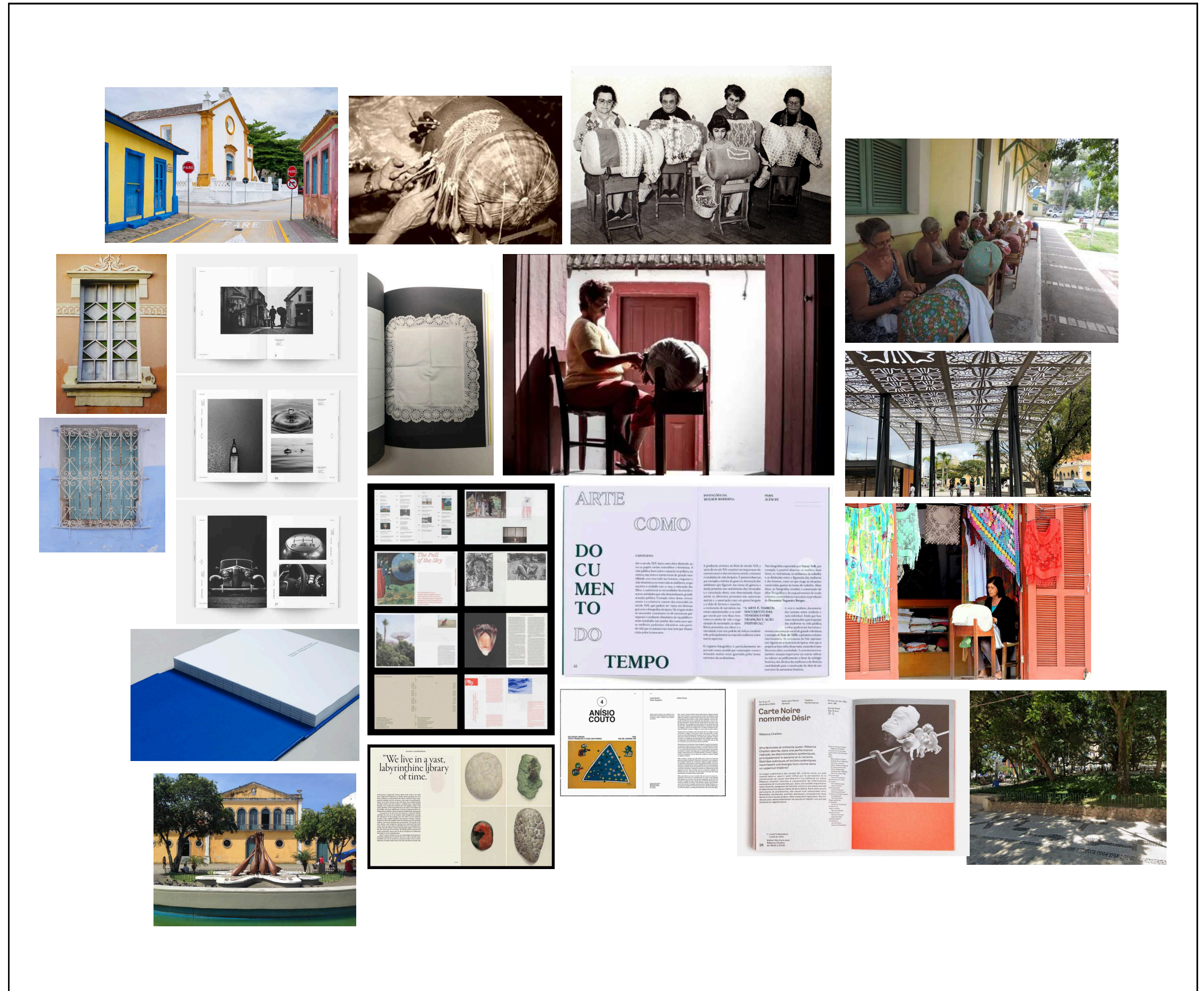


Figura 10 - Painel Visual: Conceito Cultural - Fonte: Autora





O caráter artesanal se manifesta na escolha de materiais e acabamentos que remetem ao feito à mão, como o uso de rendas em relevo e costura manual aparente na lombada. O aspecto cultural se manifesta na escolha do papel offset, que valoriza o conteúdo textual, e na aplicação de cores que remetem ao universo vibrante das rendas produzidas em almofadas de chita (que possuem tons marcantes e cores vibrantes). A contemporaneidade se revela no uso de uma sobrecapa, nas páginas de diferentes tamanhos e cortes, e nas aplicações gráficas inspiradas nos piques de renda reproduzidos via fotocópia — gesto de atualização estética da prática. Por fim, a dimensão afetiva permeia a proposta por meio da valorização das imagens humanas, do uso da própria renda como elemento gráfico, de uma diagramação que contorna “abraça” o conteúdo, e da aplicação delicada de papel vegetal, que reforça a leveza e o cuidado.

A partir da definição da estética e dos conceitos visuais, a etapa seguinte concentra-se na estruturação gráfica do projeto. Esse momento marca a transição do campo conceitual para o prático, em que as escolhas visuais começam a se materializar por meio da diagramação e dos elementos editoriais.

Para a estruturação gráfica do projeto, optou-se por adotar a tipografia como elemento central na construção do diagrama da página. Nesse processo, o método proposto por Castro e Perassi (2013) foi utilizado como referência teórica e ponto de partida para o desenvolvimento do grid e dos módulos gráficos. No entanto, o método não foi seguido de forma integral, uma vez que o livro não apresenta um conteúdo predominantemente textual. Assim, as diretrizes do modelo foram reinterpretadas de acordo com as necessidades do projeto, buscando preservar seus princípios fundamentais — coerência entre forma e conteúdo, hierarquia e equilíbrio visual —, mas com maior liberdade na composição, priorizando a fluidez e o aspecto visual do projeto.

### 3.3.1 Seleção tipográfica

Não seguindo o caminho mais tradicional, optou-se por iniciar a definição tipográfica a partir da fonte display, já que o objetivo era escolher um elemento que chamasse atenção e desse destaque ao tema do projeto. Assim, foram levantadas algumas alternativas que dialogassem com o conceito do livro, buscando fontes de uso livre e gratuitas que remetesse ao artesanal e ao feminino chegou-se nas alternativas: Miss Fajardose, Maria e Astloch.



Figura 13 - Testes de impressão Tipografia Display - Fonte: Autora

Após a análise comparativa, considerando aspectos como legibilidade, expressividade e adequação conceitual, foi selecionada a fonte Maria, desenvolvida por estudantes de Design da UFSC na disciplina de Microtipografia.

Inspirada na estética das célebres “casas de vó”, a tipografia representa os entrelaces de lembranças tão similares quanto distintas, com o intuito de resgatar a memória afetiva presente nos robustos e delicados gradis de ferro. Essa proposta dialoga diretamente com os objetivos do projeto: além de sua estética remeter a um universo ornamental e delicado, a fonte “Maria” traduz simbolicamente valores como afetividade, memória e entrelaçamento, conectando-se de maneira poética ao tema e reforçando a dimensão cultural e sensível que a publicação pretende transmitir.



	Legibilidade peso 5	Variações e recursos peso 2	Expressão peso 4	
Atkinson Hyperlegible Next	5	4	4	49
Gantari	3	5	5	45
Hanken Grotesk	4	5	5	50
Public Sans	4	5	4	46

Tabela 5 - Análise de fontes para corpo de texto - Fonte: Autora

Entre as alternativas analisadas, a família tipográfica Hanken Grotesk se destacou. Embora todas as opções selecionadas apresentassem qualidades relevantes para o projeto, a Hanken Grotesk demonstrou maior adequação ao contexto editorial proposto. Por ter sido feita para funcionar tanto em interfaces digitais quanto em impressos, a fonte se mostrou a escolha mais consistente para o projeto, garantindo clareza, modernidade e coesão visual em todas as aplicações.

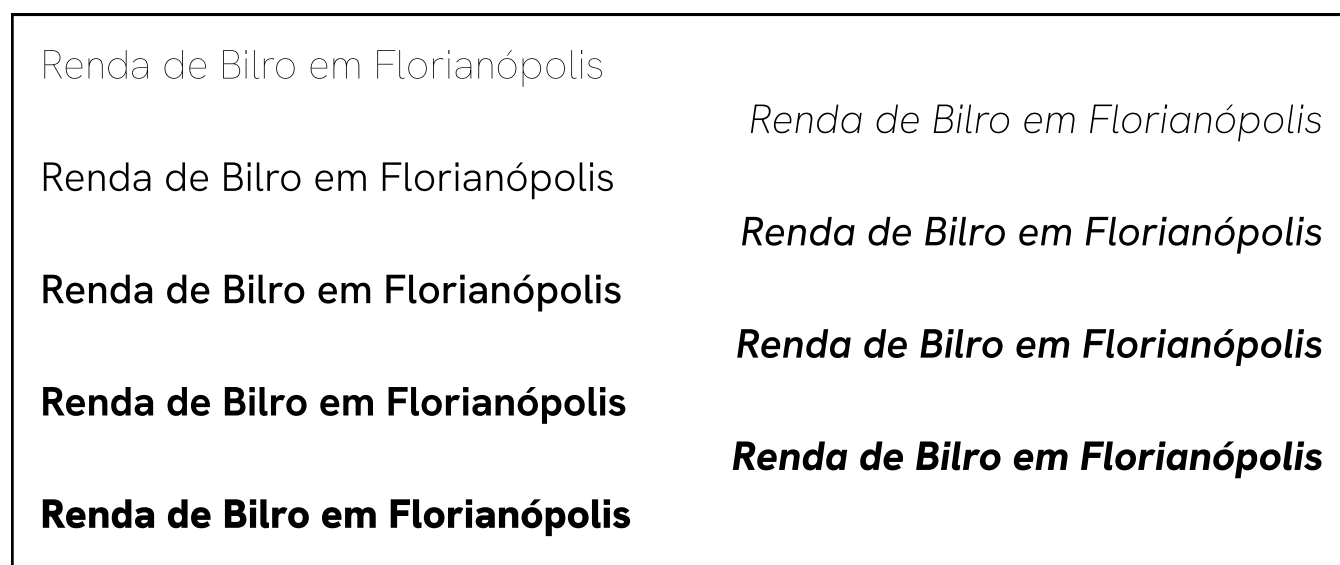


Figura 16 - Variações da tipografia Hanken Grotesk - Fonte: Autora

### 3.3.2 Definição da entrelinha

De acordo com Furtado (2009), a entrelinha ideal apresenta um aumento de 20% em relação ao corpo de texto, garantindo legibilidade e conforto visual durante a leitura. Considerando as características específicas deste projeto, que se trata de um livro com menor densidade textual e foco em elementos visuais e imagéticos, optou-se por ampliar essa proporção.

Após testes de diagramação e provas impressas, definiu-se o uso de corpo 10 pt com entrelinha de 14 pt, proporção que proporciona leveza à mancha gráfica e reforça a sensação de respiro entre os elementos, o que ainda ressalta os conceitos de afetividade e delicadeza que orientam o projeto.

### 3.3.3 Definição do tamanho da página

O formato do livro foi definido com o objetivo de equilibrar a estética e a manuseabilidade. Optou-se por um tamanho que permita que a publicação funcione tanto como objeto de leitura quanto como peça de destaque em uma mesa ou em exposição, mantendo seu caráter estético e contemplativo.

Após visitas a livrarias e análise de diferentes formatos editoriais, definiu-se a dimensão de 210 × 275 mm, próxima ao formato A4, o que também favorece o processo de impressão e o aproveitamento do papel. Esse tamanho garante boa área para valorização das imagens e texturas, aspectos fundamentais neste projeto, sem comprometer o conforto durante o manuseio e a leitura.

### 3.3.4 Determinação do módulo

Baseando-se no fato que módulo é determinado a partir do valor da entrelinha convertido em milímetros. Considerando que 1 ponto tipográfico equivale a 0,35275 mm, a entrelinha de 14 pontos corresponde a aproximadamente 4,94 mm. Para adequar o cálculo ao tamanho da página estabelecido, optou-se por ajustar o módulo para 5 mm, mantendo a proporção geral sem alterar as dimensões do formato.

### 3.3.5 Definição de colunas

Um dos fatores que mais influenciam no conforto da leitura é a quantidade média de caracteres por linha. Para avaliar esse equilíbrio, é necessário calcular a largura do alfabeto em caixa baixa na fonte escolhida, utilizando-o como parâmetro para determinar a medida ideal das colunas de texto.

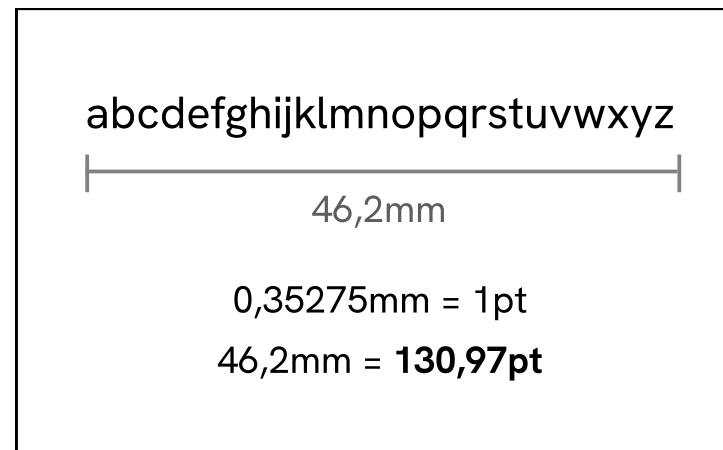


Figura 17 - Cálculo do tamanho do alfabeto em pontos - Fonte: Autora

A partir desse cálculo é possível determinar que a largura mais adequada para as colunas do livro deveria permitir uma leitura fluida.

		MÉDIA DE CARACTERES POR LINHA																	
		LARGURA DA COLUNA (paicas)																	
		10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	38	40		
COMPRIMENTO DO ALFABETO em caixa-baixa (pontos)	80	40	48	56	64	72	80	88	96	104	112	120	128	136	144	152	160	linha satisfatória	
	85	38	45	53	60	68	76	83	91	98	106	113	121	129	136	144	151		
	90	36	43	50	57	64	72	79	86	93	100	107	115	122	129	136	143	linha ideal	
	95	34	41	48	55	62	69	75	82	89	96	103	110	117	123	130	137		
	100	33	40	46	53	59	66	73	79	86	92	99	106	112	119	125	132	linha satisfatória	
	105	32	38	44	51	57	63	70	76	82	89	95	101	108	114	120	127		
	110	30	37	43	49	55	61	67	73	79	85	92	98	104	110	116	122	linha ideal	
	115	29	35	41	47	53	59	64	70	76	82	88	94	100	105	111	117		
	120	28	34	39	45	50	56	62	67	73	78	84	90	95	101	106	112	linha satisfatória	
	125	27	32	38	43	48	54	59	65	70	75	81	86	91	97	102	108		
	130	26	31	36	41	47	52	57	62	67	73	78	83	88	93	98	104	linha ideal	
	135	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	100		

Figura 18 - Tabela de média de caracteres por linha -

Fonte: Adaptada de Bringhurst (2018)

Considerando as recomendações da tabela adaptada de Bringhurst, a faixa ideal de largura para colunas varia entre 24 e 26 paicas, sendo ainda satisfatórios valores entre 16 e 83 paicas para

manter uma leitura confortável. No caso deste projeto, como o livro não é repleto de textos densos, optou-se por priorizar a mancha gráfica e o equilíbrio visual da página.

A partir dessas informações, foram desenvolvidos três diagramas de página, pensados para atender às diferentes naturezas de conteúdo, materiais gráficos e imagens.

O primeiro diagrama foi pensado para páginas com maiores quantidades de texto. Ele utiliza duas colunas, separadas por um módulo. Cada coluna possui 70 mm de largura — valor ligeiramente acima do mínimo satisfatório (68 mm)—, garantindo conforto visual e harmonia com a tipografia selecionada, mantendo boa legibilidade mesmo em páginas com forte presença de elementos visuais.

O segundo diagrama, de coluna única, busca manter a mancha o mais próxima possível do diagrama anterior. Sem mudar as margens do layout, a largura da coluna ficou em 145mm, dois módulos maior do que os limites satisfatórios propostos por Bringhurst de 83 paucas (135,45 mm). Como a intenção é que este layout não contenha grandes blocos de texto, a largura ampliada não compromete a leitura.

Por fim, foi criado um terceiro diagrama, de uso pontual, como uma variação do primeiro. Nele, as colunas se encontram ao centro, sem espaço entre elas, gerando uma sensação de continuidade. Esse modelo foi pensado para páginas que não apresentem texto contínuo nas duas colunas, mas sim alternados, criando uma conexão visual entre os blocos. Cada coluna mede 72,5 mm (70 mm + ½ módulo).

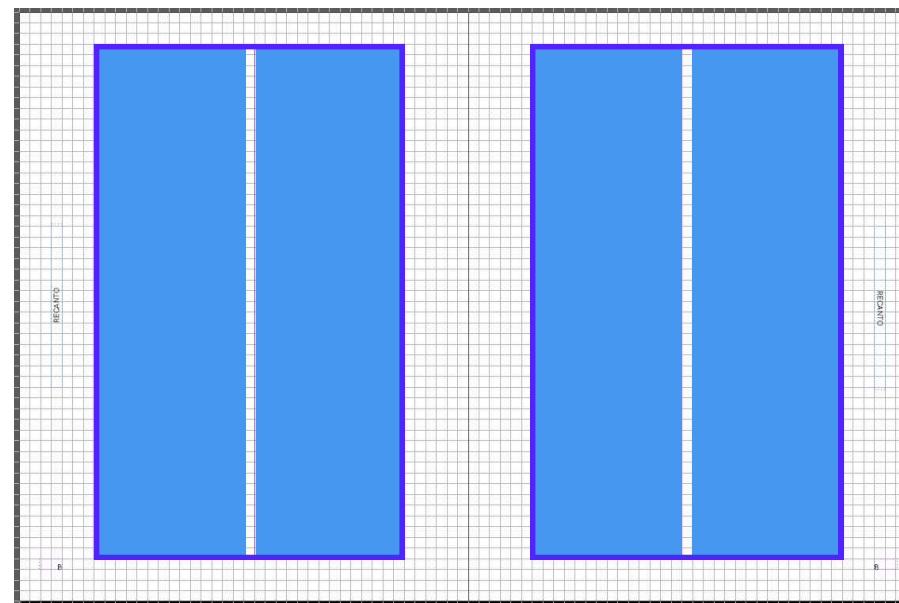


Figura 19 - Diagrama de duas colunas - Fonte: Autora

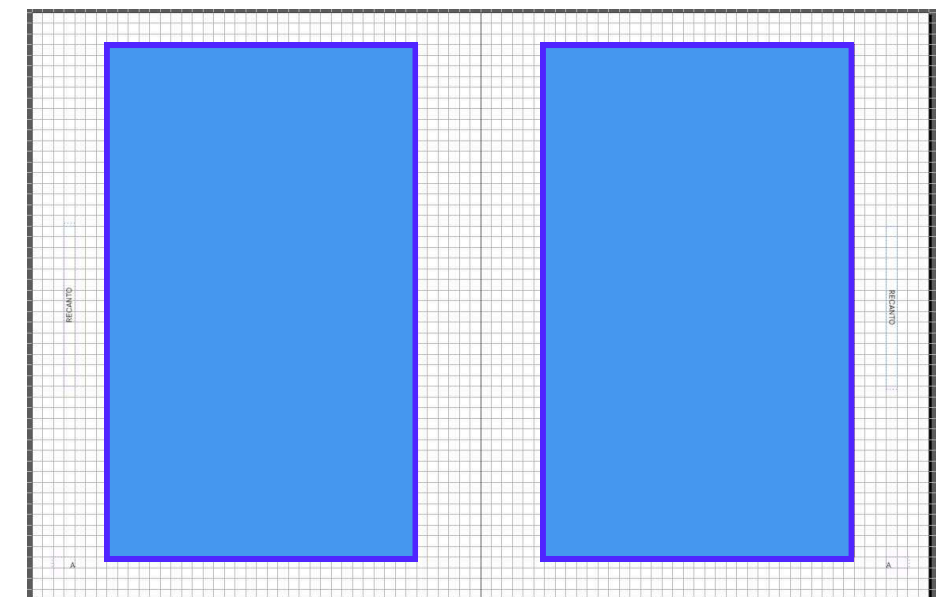


Figura 20 - Diagrama de uma coluna - Fonte: Autora

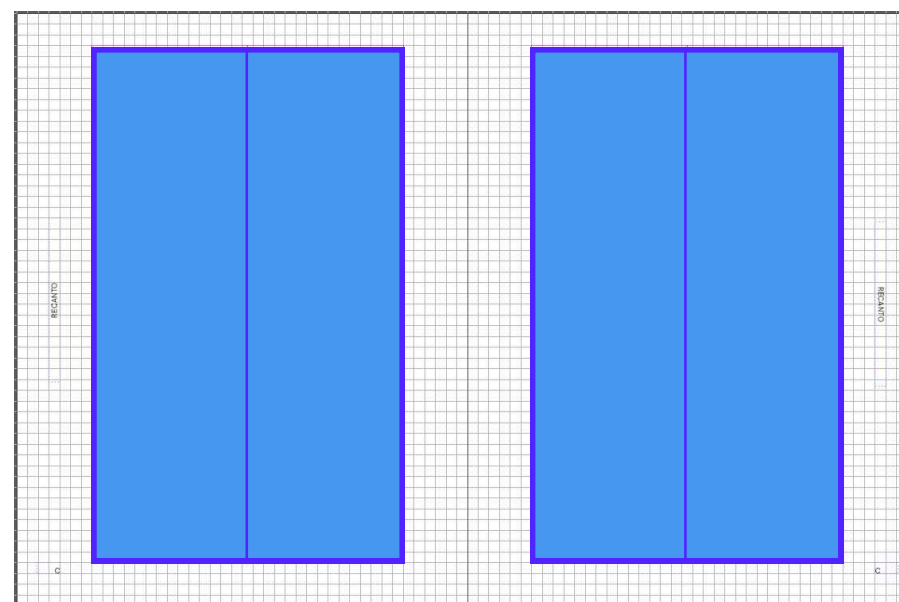


Figura 21 - Variação do diagrama de duas colunas - Fonte: Autora

### 3.3.6 Produção de imagens autorais

Durante o desenvolvimento do projeto, percebeu-se a necessidade de imagens autorais em alta qualidade que representassem as rendeiras, suas rendas e o ambiente em que se inserem. A ausência de registros adequados e de livre uso em bancos de imagens reforçou a importância da produção fotográfica própria, de modo a garantir autenticidade e coerência com a proposta editorial.

O processo iniciou-se com a elaboração de um painel visual de referências, que orientou o planejamento das fotografias. Para isso, foram reunidas imagens de notícias, reportagens, livros, acervos digitais e exposições fotográficas sobre a renda de bilro, abordando temas como rodas de rendeiras, piques, materiais de trabalho, rendas escaneadas, mãos em movimento e elementos do cotidiano, como janelas e varandas.

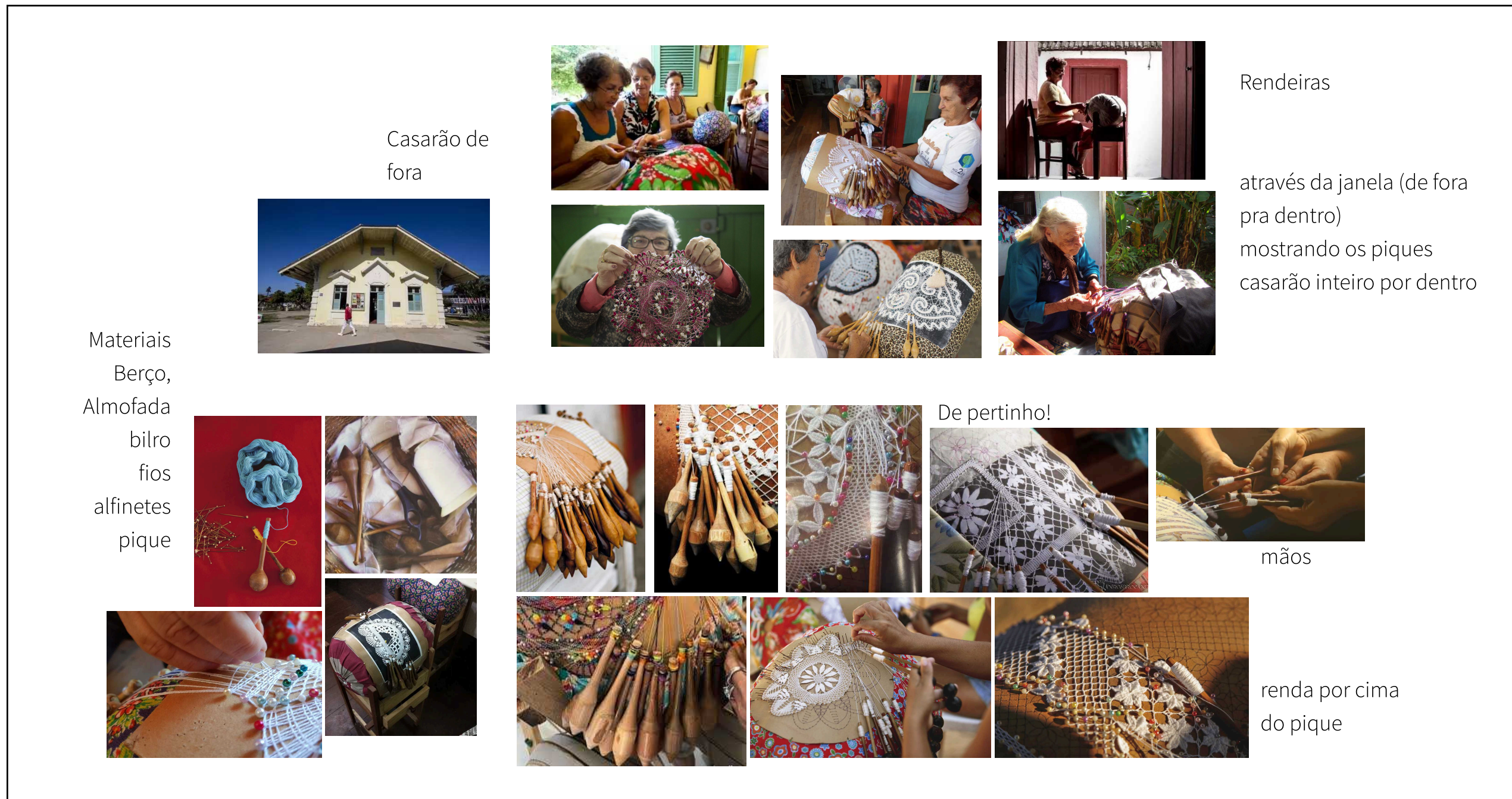


Figura 22 - Painel de Referências fotográficas: Rendeiras - Fonte: Autora

Com base nesse levantamento, foi realizada uma sessão fotográfica no Casarão da Lagoa, no Centro de Cultura Bento Silvério, com a fotógrafa e colega Maria Luisa Soledade, também estudante de Design na UFSC. As imagens produzidas nesse momento buscaram capturar a espontaneidade e o acolhimento do espaço compartilhado entre as rendeiras, transmitindo visualmente o sentido de comunidade, afeto e pertencimento que permeia a prática.



Figura 23 - Foto de visita ao casarão da lagoa - Fonte: Autora



Figura 24 - Painel com algumas das fotografias no casarão da lagoa - Fonte: Autora

Em continuidade, a partir dos resultados da pesquisa da etapa anterior, identificou-se uma frequente associação entre a renda de bilro e elementos naturais — como o mar, as ondas, as árvores e a Lagoa da Conceição — presentes tanto nas entrevistas quanto nas respostas do questionário aplicado. Diante disso, foi proposta uma segunda etapa de registros fotográficos, voltada à representação poética dessas relações.

Essa fase da produção fotográfica teve caráter mais livre e experimental, guiada por uma busca por imagens que traduzissem simbolicamente o universo da renda de bilro. Foram realizadas fotografias do nascer do sol, momentos que remetem à tranquilidade e à contemplação presentes no fazer manual. A Avenida das Rendeiras também foi registrada como símbolo urbano e afetivo da prática, um espaço que, ao longo das décadas, se consolidou como referência da cultura local. Além disso, imagens da espuma das ondas foram capturadas em referência direta à fala da segunda entrevistada, pesquisadora da área de moda, que comparou a espuma do mar às rendas prontas.

Outros elementos, como barcos, redes e árvores, também foram explorados sob uma perspectiva simbólica: os barcos remetem à vida litorânea e à identidade açoriana da ilha, enquanto as copas entrelaçadas das árvores funcionam como metáforas visuais dos pontos de renda.

Essas imagens, portanto, não apenas documentam, mas reinterpretam visualmente a cultura da renda de bilro, traduzindo em linguagem fotográfica os conceitos de afetividade, comunidade, tradição e natureza que permeiam todo o projeto editorial.

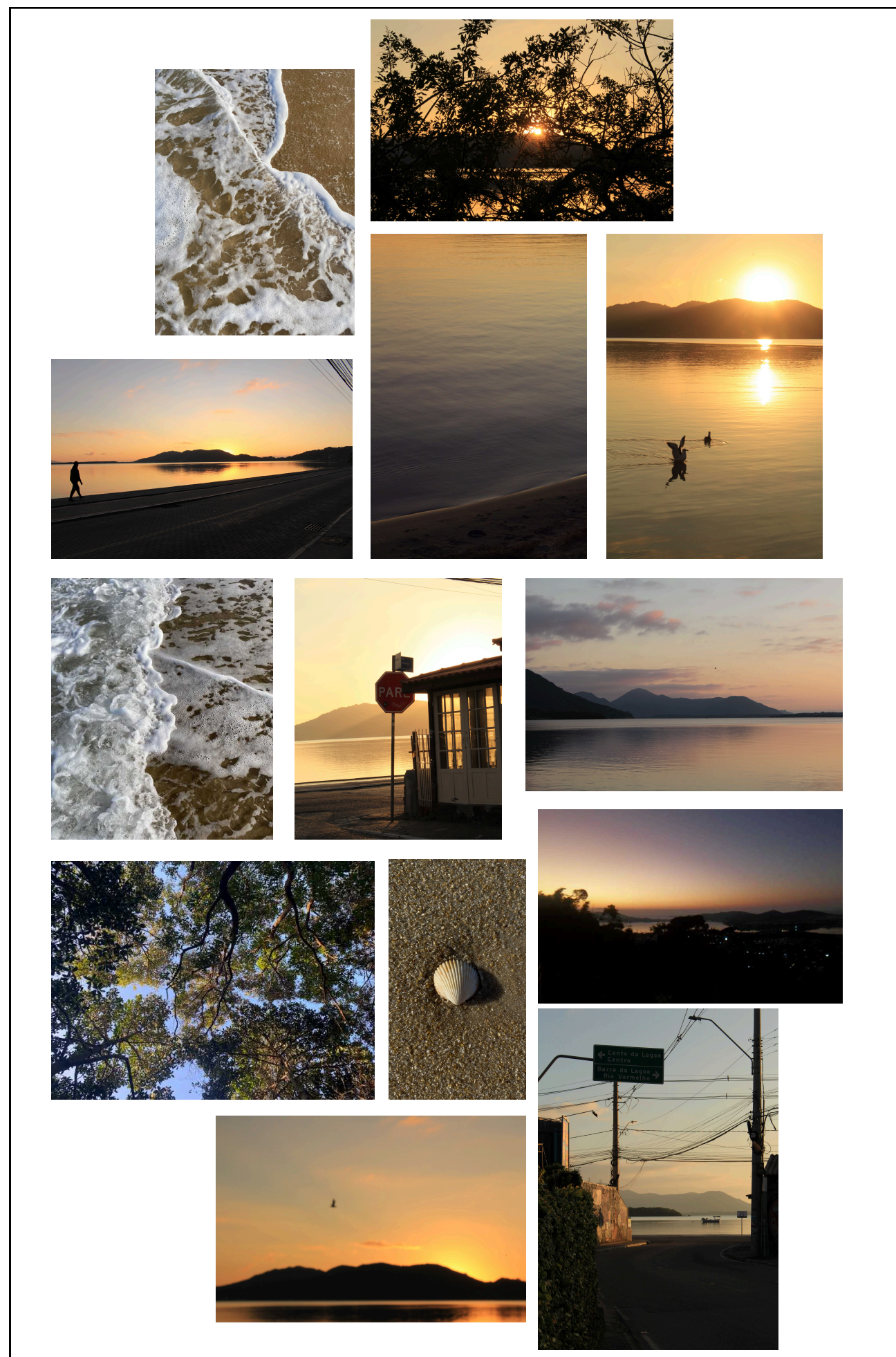


Figura 25 - Painel com algumas imagens produzidas - Fonte: Autora

As rendas utilizadas no projeto foram selecionadas em sua maioria a partir do acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina (MARquE). A Vanilde Ghizoni, uma das responsáveis pelo acervo, disponibilizou o catálogo das peças relacionadas à renda de bilro. A partir da consulta deste catálogo, foram escolhidas algumas rendas representativas, pensando nos diferentes pontos e combinações que existem, o foco era buscar as variedades entre rendas de bilro. Além disso, foi concedido o acesso a um conjunto de bilros e uma almofada antiga, cedidos para registro fotográfico

A visita ao museu foi uma etapa importante do processo, pois possibilitou compreender de perto a materialidade dessas rendas e o cuidado envolvido em sua preservação. As fotografias foram realizadas sobre fundo preto, utilizando um aparelho celular. Apesar de não ser o equipamento ideal para capturar a delicadeza dos pontos, o resultado obtido apresentou boa qualidade e riqueza de detalhes, permitindo evidenciar as texturas e características das rendas registradas.



Figura 26 - foto de visita ao acervo do MARquE - Fonte: Autora

Complementarmente, também foram utilizadas rendas provenientes do acervo pessoal da autora. Essas peças foram digitalizadas por meio de um scanner doméstico, como forma de testar e reproduzir o método de registro adotado por algumas rendeiras atualmente, que utilizam o mesmo processo para a criação dos piques. O resultado visual obtido com o escaneamento foi satisfatório e rico em detalhes, e as imagens foram incorporadas ao projeto, aparecendo em diferentes seções do livro como elemento gráfico e simbólico.

Embora o conjunto de imagens produzidas atenda aos objetivos deste projeto, reconhece-se que o material, com mais tempo de produção, poderia ser mais completo. Seria interessante incluir registros de outras localidades da Ilha, diferentes grupos de rendeiras, bem como pescadores e demais elementos do universo em que estão inseridas. Essa ampliação contribuiria para representar de forma ainda mais completa e contextualizada o território e as relações que envolvem a renda de bilro.

Entretanto, considerando o curto prazo de desenvolvimento do projeto, optou-se por utilizar as imagens produzidas até o momento, complementando-as quando necessário, com fotografias de livre uso disponíveis na internet, apenas para ilustrar determinados trechos ou conceitos específicos. Caso o livro venha a ser publicado futuramente, é necessário pensar um novo levantamento fotográfico, com tempo adequado para a realização de registros autorais completos.

### 3.3.7 Proposta cromática

Inicialmente, optou-se por seguir um caminho cromático baseado no preto e branco, com o intuito de conferir um tom minimalista e elegante ao livro. Contudo, essa proposta acabou se mostrando distante dos conceitos afetivos que permeiam o projeto, o resultado ficava frio e excessivamente científico, além de destoar das fotografias produzidas durante a pesquisa.

Dessa forma, a paleta final foi construída a partir das próprias imagens captadas, com cores extraídas das rendas fotografadas e dos tecidos das chitas das almofadas, elementos que representam o cotidiano da prática. O objetivo foi criar uma combinação harmônica e viva, que transmitisse acolhimento, sem perder o equilíbrio visual. Assim, chegou-se à paleta apresentada a seguir — composta por tons que dialogam entre si, mas mantêm contrastes, garantindo diversidade e unidade cromática ao mesmo tempo.



Figura 27 - Paleta de cores - Fonte: Autora

### 3.3.8 Espelho da publicação

Com os textos, capítulos e imagens definidos, iniciou-se a etapa de elaboração do espelho da publicação. Optou-se por desenvolvê-lo apenas neste momento, pois era necessário garantir clareza total sobre o conteúdo que poderia compor o livro. Diferentemente de projetos com maior flexibilidade de paginação, este trabalho exigia um planejamento um pouco mais rigoroso, já que a publicação seria impressa em cadernos (livretos), fator alinhado com a gráfica escolhida para realizar a impressão final do projeto, a Editora Caseira.

Essa decisão foi especialmente importante devido à utilização de diferentes tipos de papel no miolo, alternando folhas de papel offset com páginas em papel vegetal. Essa combinação exigia um controle preciso sobre quais conteúdos apareceriam em cada página, garantindo que as páginas em vegetal se encaixassem de forma intencional e coerente com o restante da publicação. Esse cuidado era fundamental, uma vez que, no processo de impressão em livretos, a primeira e a última página, por exemplo, de um mesmo caderno são impressas na mesma folha, o que reduz a flexibilidade de ajustes posteriores.

Assim, o espelho não apenas organizou a sequência narrativa do livro, mas também funcionou como uma ferramenta essencial para prever o posicionamento dos diferentes papéis durante a impressão e a encadernação.

Durante a definição do espelho, foi realizada uma análise de referências físicas de livros já existentes, observando-se que a maioria das publicações utiliza cadernos de 6, 7 ou 8 folhas — correspondendo, respectivamente, a 24, 28 e 32 páginas. A partir dessa observação, e após testar diferentes composições, identificou-se que o conteúdo deste projeto se adequava melhor à estrutura de cadernos de 8 folhas (32 páginas), equilibrando bem o volume de texto e imagem em cada bloco.

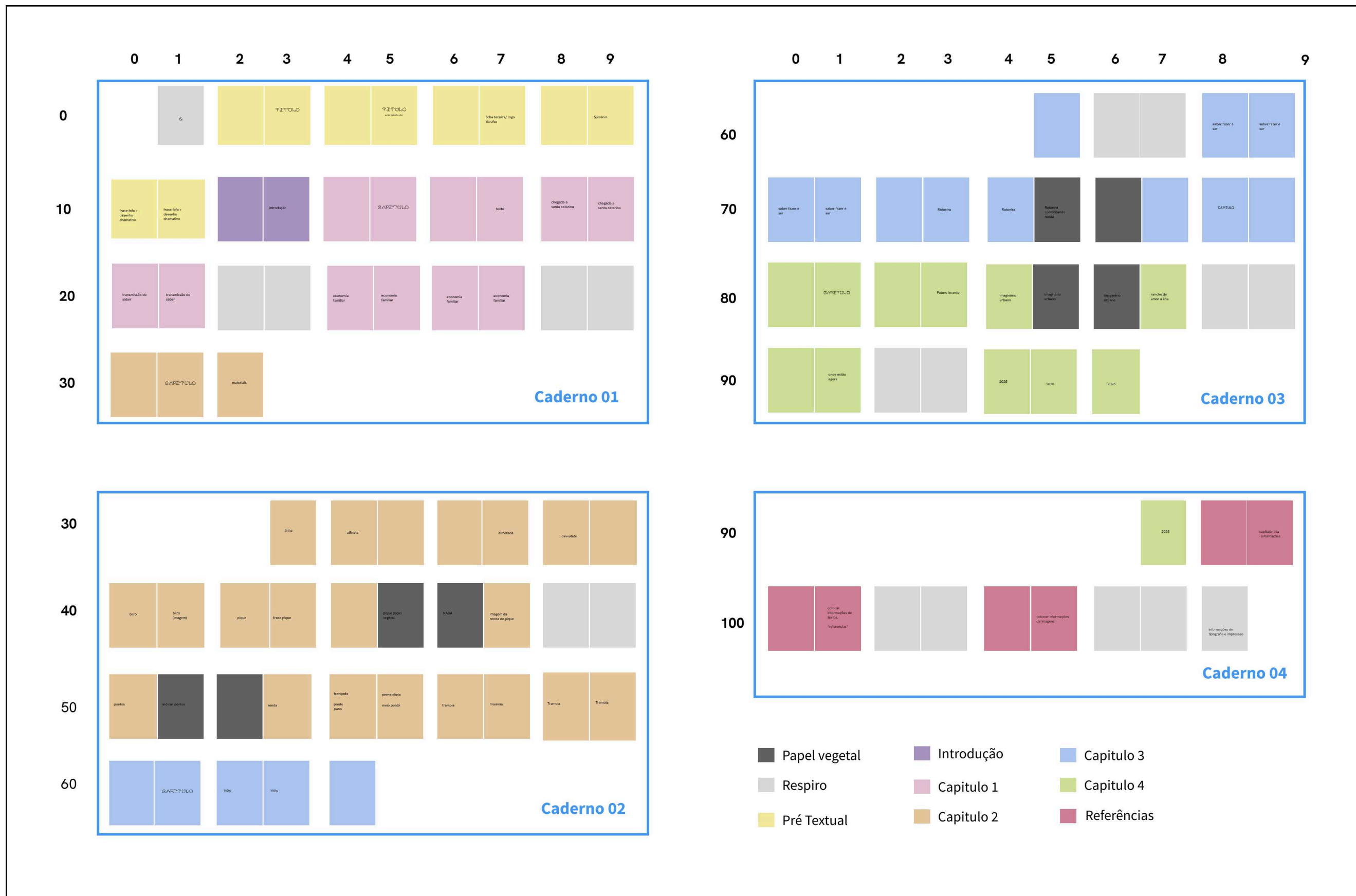


Figura 28 - Espelho de publicação - Fonte: Autora

Para garantir que as páginas correspondessem corretamente às suas posições nas folhas de impressão, foi confeccionado um boneco físico do livreto, simulando a montagem real. Esse modelo numerado permitiu visualizar o posicionamento dos elementos e garantir que as páginas em papel vegetal e offset estivessem posicionadas de acordo com o planejamento do espelho.

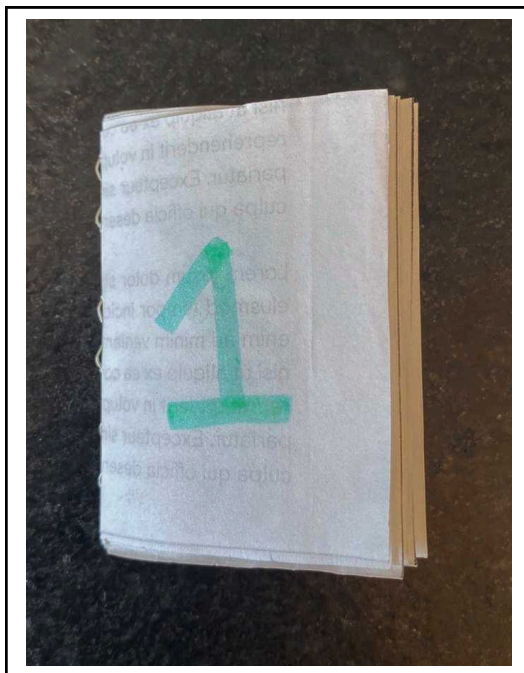


Figura 29 - Foto do boneco de livreto - Fonte: Autora

### 3.3.9 Elementos gráfico-editoriais

A fim de estabelecer coerência visual e hierarquia entre as informações, optou-se por explorar variações de peso, estilo e tamanho das tipografias selecionadas anteriormente para definir os elementos gráfico-editoriais, garantindo unidade estética e flexibilidade na composição das páginas.



Figura 30 - Exemplos de títulos - Fonte: Autora



Figura 31 - Exemplos de corpos de texto - Fonte: Autora

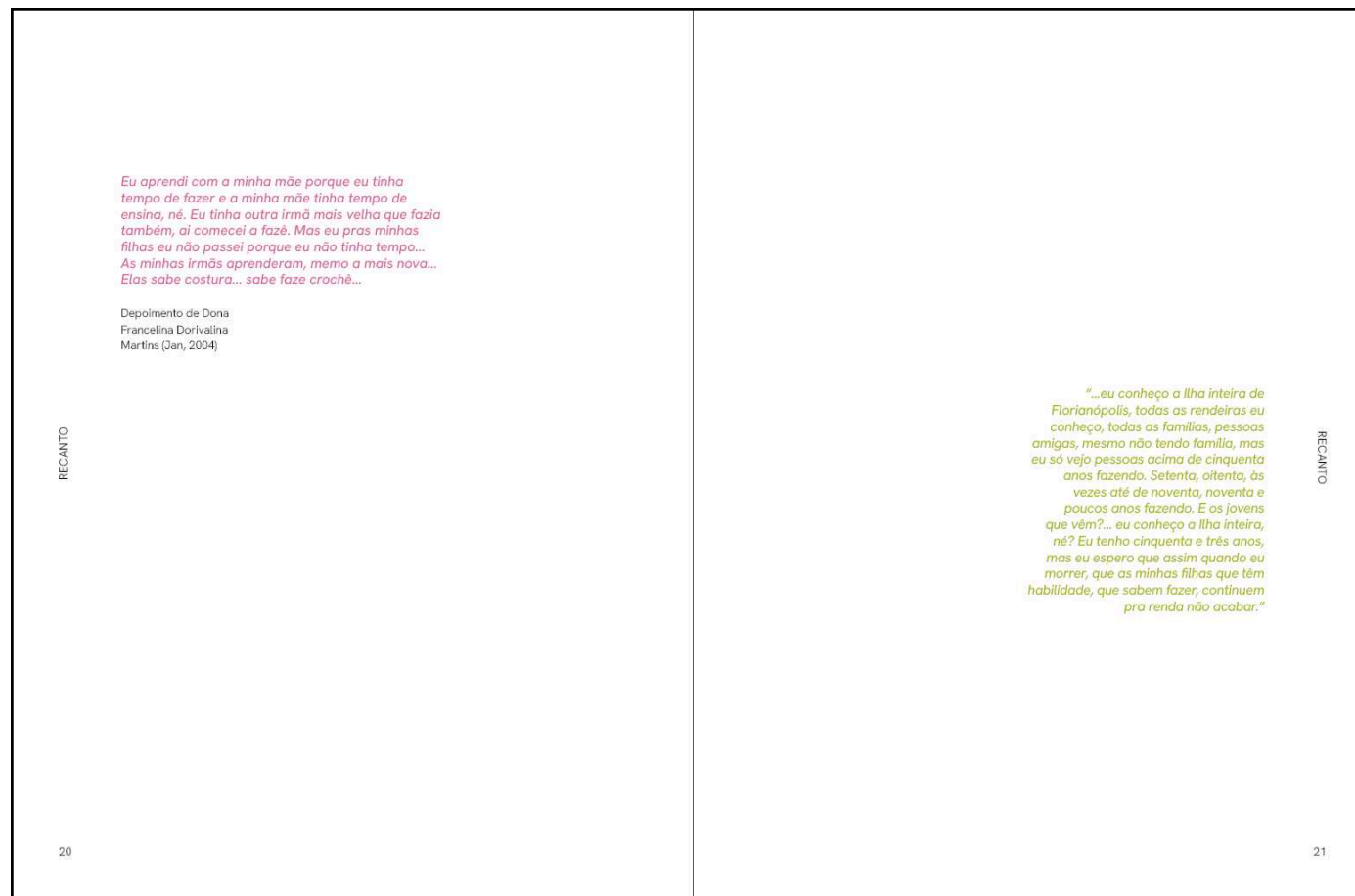


Figura 32 - Exemplos de citações com e sem legenda - Fonte: Autora



Figura 34 - Exemplo de Fólio e cabeça - Fonte: Autora

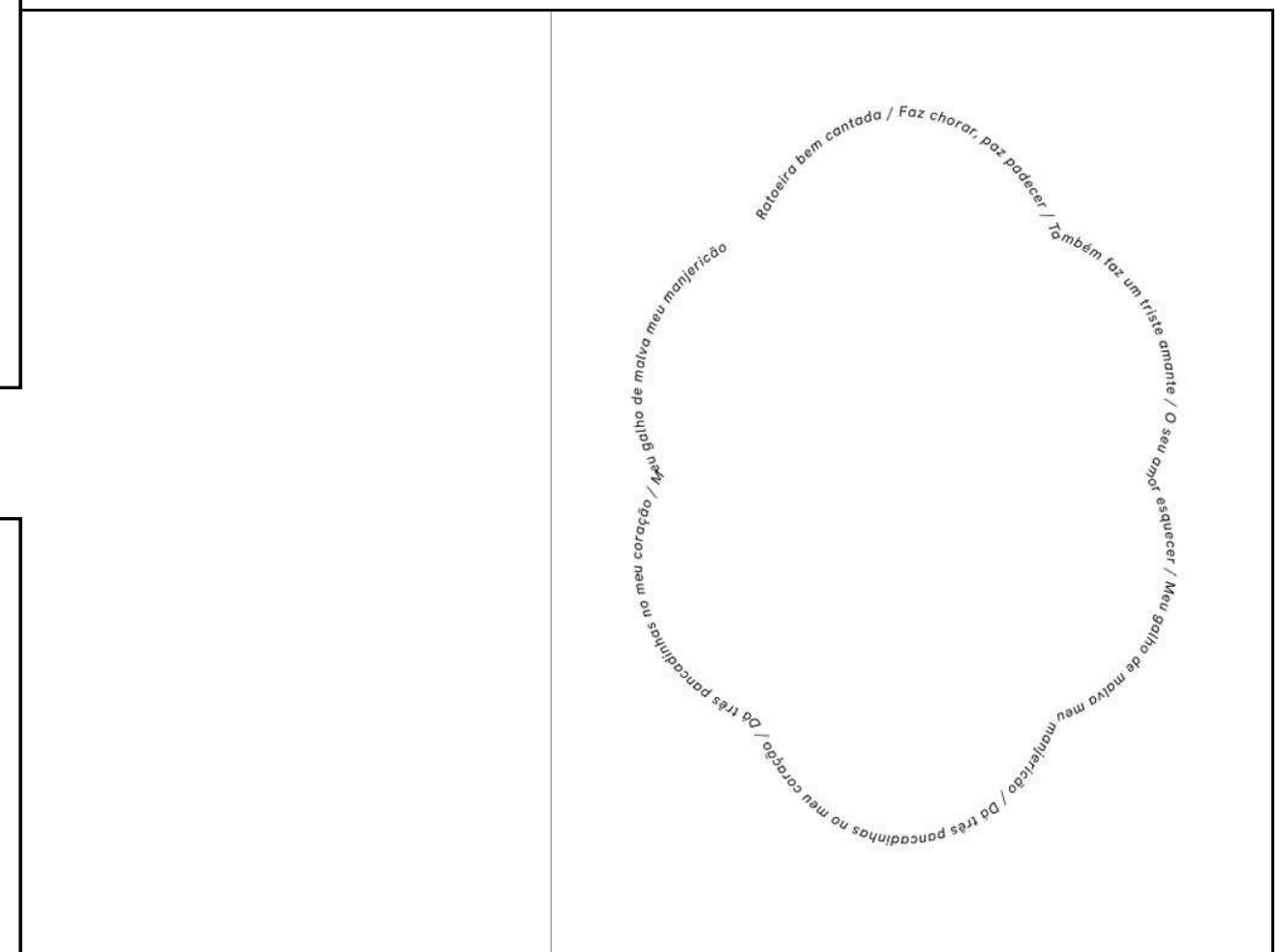


Figura 33 - Exemplo de citação que segue forma da renda - Fonte: Autora

### 3.3.10 Diagramação

A diagramação do livro foi desenvolvida com base nos três diagramas definidos anteriormente, pensados para oferecer flexibilidade e coerência visual ao longo da publicação. Cada modelo foi pensado para dialogar com as imagens e elementos gráficos apresentados, permitindo que as páginas mantenham harmonia e ritmo mesmo diante da variedade de materiais.

A aplicação das três possibilidades de diagramação busca valorizar a relação entre imagens e textos, permitindo que um complemento o outro. Assim, a escolha de diagramação em cada seção considera tanto o conteúdo textual quanto o impacto visual, garantindo fluidez à leitura e unidade à experiência gráfica do livro.

Nas figuras a seguir, são apresentados exemplos de spreads que ilustram o uso dos diferentes diagramas, evidenciando como cada um deles se adapta à composição dos elementos visuais e textuais, reforçando os conceitos afetivo, artesanal, cultural e contemporâneo definidos para o projeto.



Figura 35 - Exemplo de Spread com diagrama de duas colunas - Fonte: Autora



Figura 36 - Exemplo de Spread com diagrama de uma coluna - Fonte: Autora



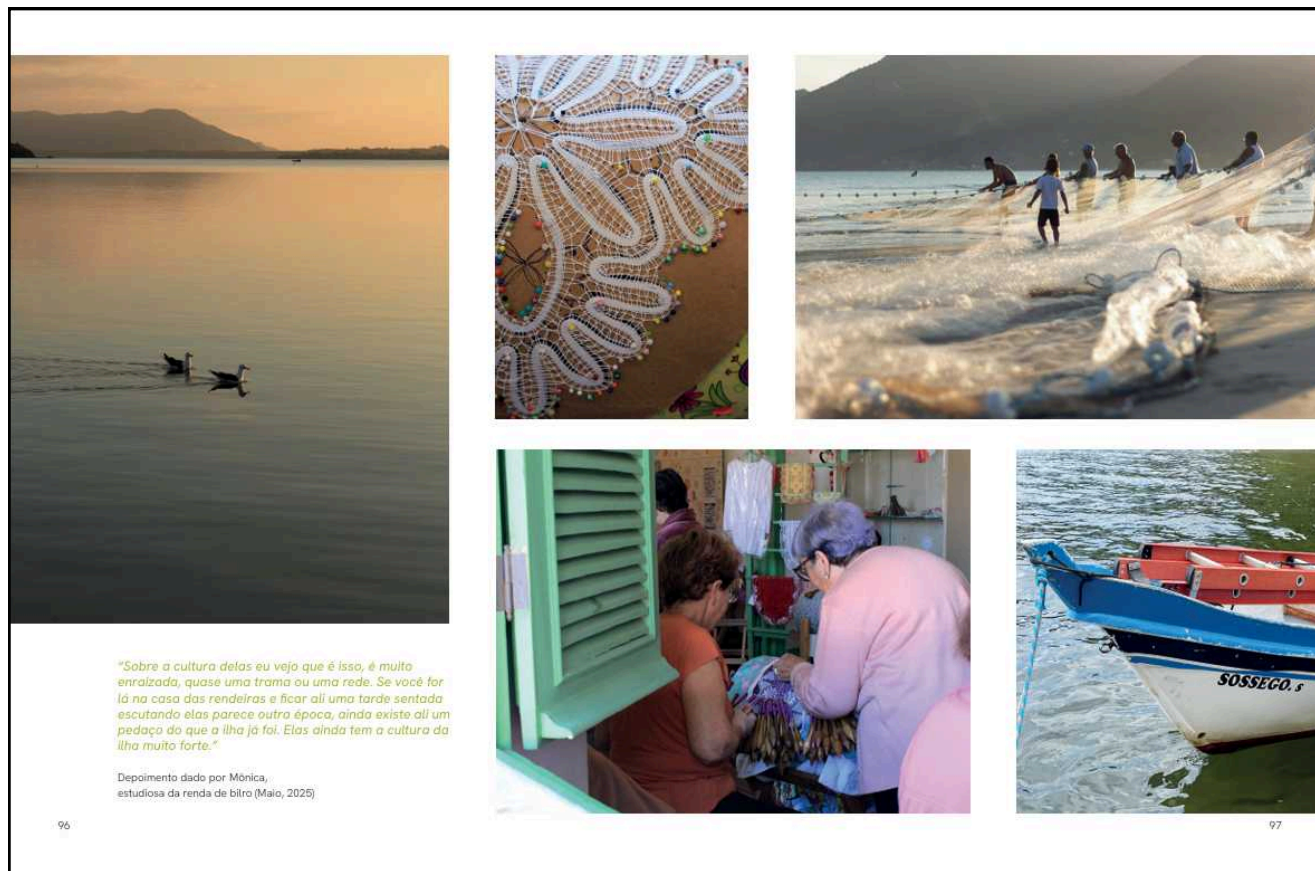


Figura 41 - Exemplo de Spread com Imagens - Fonte: Autora



Figura 43 - Exemplo de spread de respiro (apenas imagens) - Fonte: Autora



Figura 42 - Exemplo de spread de abertura de capítulo - Fonte: Autora

### 3.3.11 Desenvolvimento da Capa

A criação da capa envolveu uma série de decisões que buscavam equilibrar estética, conceito e funcionalidade. O objetivo era desenvolver uma peça que pudesse funcionar não apenas como proteção do conteúdo, mas também como objeto decorativo — um livro visualmente marcante, que pudesse permanecer exposto, como os livros de mesa. A lombada já havia sido definida previamente como costurada, trazendo o simbolismo dos fios e do fazer manual característico da renda de bilro. No entanto, nesta etapa tornou-se necessário definir o tipo de encadernação e o acabamento geral da capa, se seria exposta, rígida ou flexível e se deixaria essa lombada exposta.

A análise do painel visual que orientou o conceito do projeto foi fundamental para conduzir as decisões estéticas. Identificaram-se três elementos principais a serem incorporados: a textura da renda tradicional, o branco que remete ao caráter cultural e histórico das rendas antigas, e o papel vegetal, associado à delicadeza desse fazer artesanal.



Figura 44 - Imagens retiradas do painel visual - Fonte: Autor

Com base nessas referências, e a partir da observação de outras publicações analisadas em conjunto com a orientadora — como *A Construção*, de Kafka, e *O Livro de Fazer Livros*, de Cecilia Arbolave —, definiu-se que a capa seria flexível, confeccionada em papel offset de alta gramatura, cobrindo a lombada costurada quando o livro estivesse fechado e revelando esse detalhe apenas ao ser aberto.

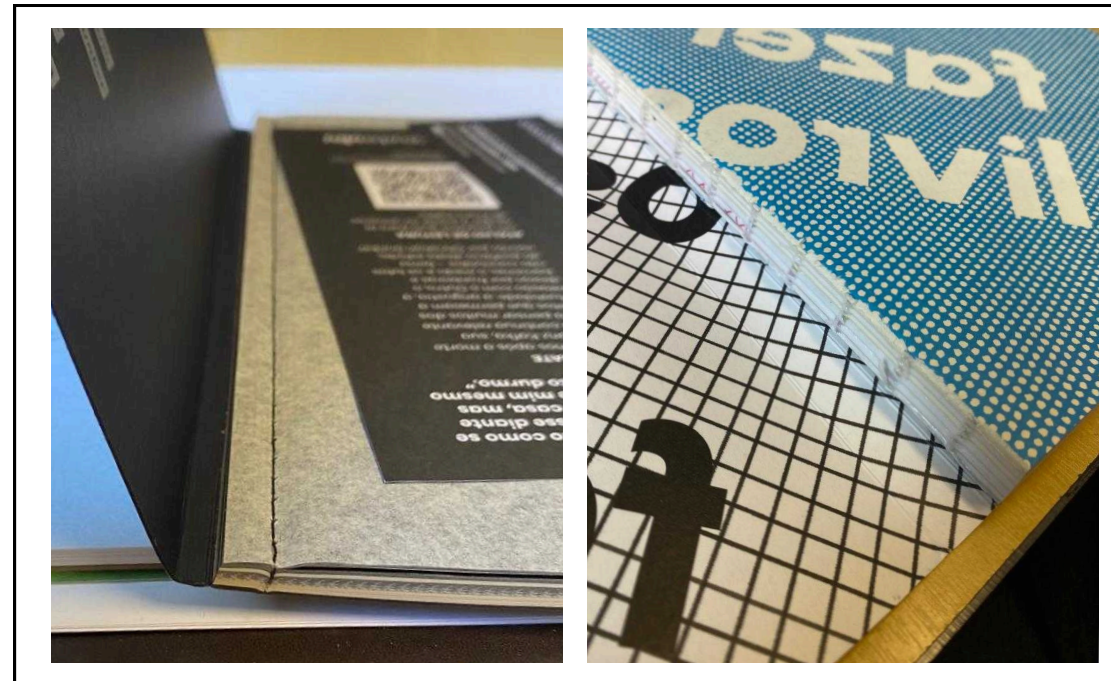


Figura 45 - Capa aberta e lombada costurada exposta nos livros *A Construção* e *O Livro de Fazer Livros* - Fonte: Autora

Além disso, definiu-se que a capa deveria sintetizar de forma sutil e coerente os quatro conceitos centrais do projeto — afetivo, artesanal, cultural e contemporâneo. A proposta final resultou em uma capa de papel offset branco, sobreposta por uma jaqueta de papel vegetal de alta gramatura. O design minimalista incorpora o conceito de contemporaneidade, enquanto o branco da base remete à pureza e à tradição das rendas antigas. Já o papel vegetal, impresso com uma textura de renda em relevo seco, introduz uma dimensão tátil e simbólica, evocando o gesto manual e a delicadeza do fazer artesanal. O conjunto cria uma composição equilibrada e convidativa, que traduz visualmente a essência do projeto.

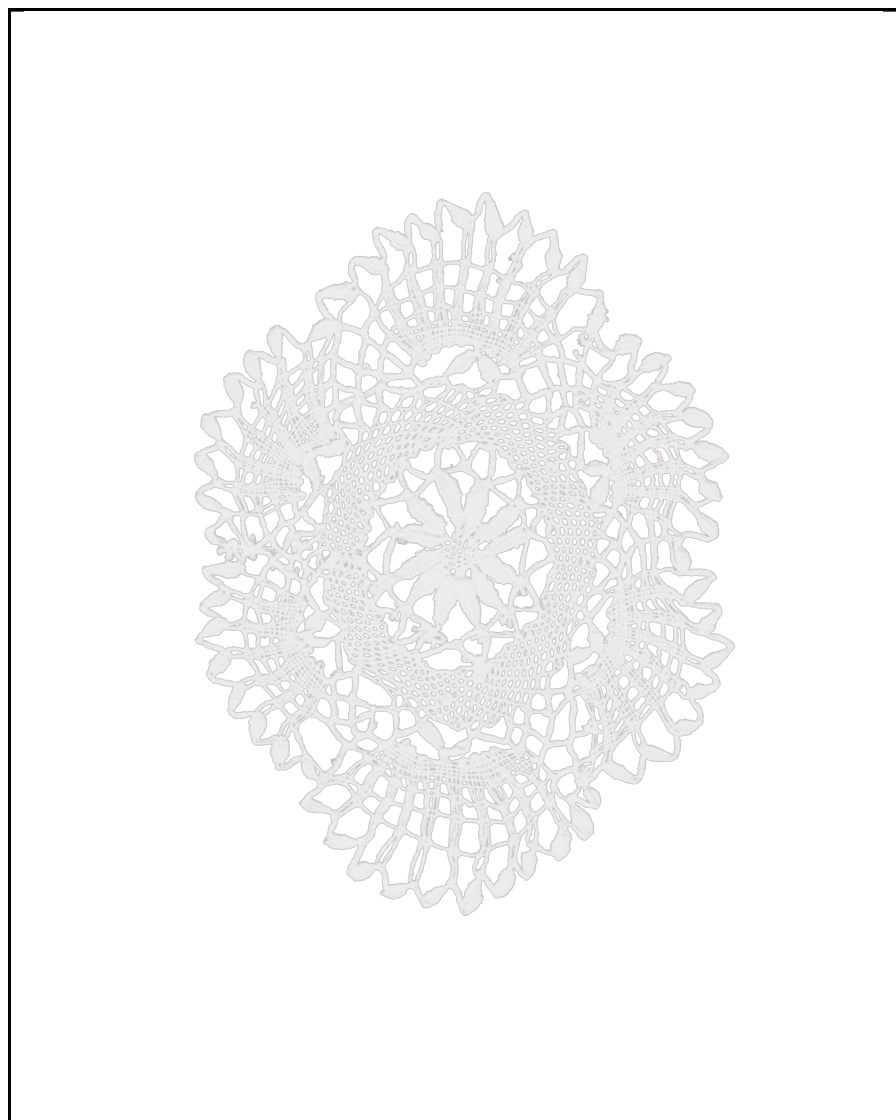


Figura 46 - Representação da capa do livro - Fonte: Autor

Na contracapa, concentram-se as informações institucionais e editoriais — título, subtítulo, nome da autora e identificação da universidade — dispostas de forma direta e minimalista, preservando a harmonia e a elegância da proposta gráfica.

A lombada segue o padrão da lombada americana, com o nome da publicação posicionado de modo que possa ser lido quando o livro estiver deitado com a capa voltada para cima. Essa escolha, além de reforçar o reconhecimento imediato da publicação, auxilia o leitor a identificar o lado correto da capa, uma vez que ela adota uma estrutura visual menos convencional.

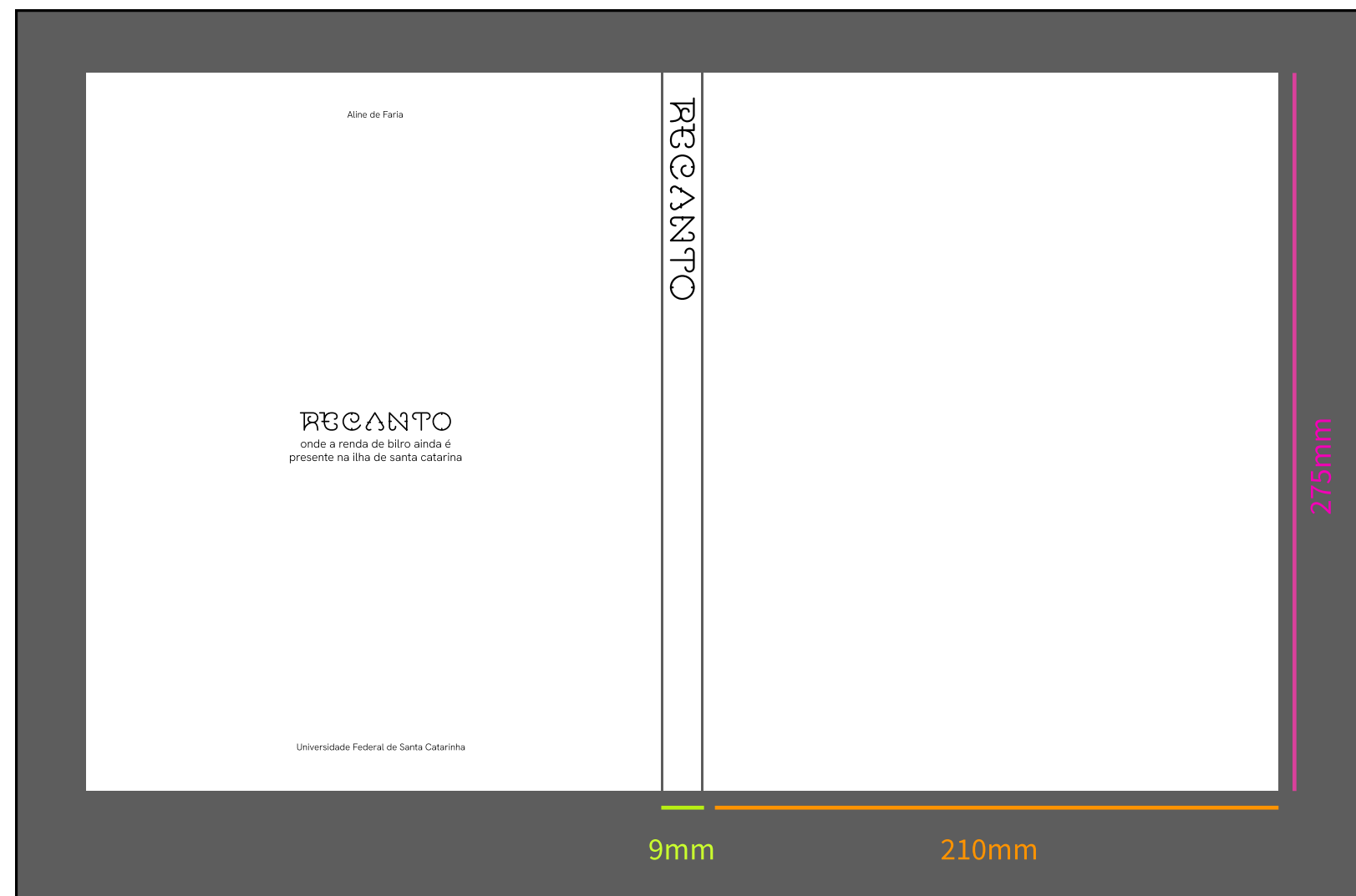


Figura 47 - Capa planificada com medidas- Fonte: Autora

## 3.4 Entregar

Inicia-se aqui a segunda metade do segundo diamante, momento em que o projeto passa da fase conceitual e experimental para a materialização de suas decisões projetuais. Depois de definidos os aspectos formais — como tipografia, estrutura gráfica, paleta cromática e elementos editoriais —, esta etapa contempla a finalização técnica e a preparação do livro para impressão.

Serão detalhadas, a seguir, as características físicas da publicação, incluindo a seleção de papéis para o miolo e a capa, bem como as decisões de fechamento de arquivo, orçamento de produção e projeção de custos para distribuição. Essa fase tem como objetivo consolidar o projeto como um produto gráfico viável, pronto para ser reproduzido, mantendo fidelidade aos conceitos definidos anteriormente: afetivo, artesanal, cultural e contemporâneo.

### 3.4.1 Características físicas

O miolo do livro possui 108 páginas, com medidas de 210mm x 275mm por página, no formato aberto isso equivale a 420 mm x 275 mm. Sua impressão foi realizada em papel offset 120g e vegetal clear 112g pelo processo jato de tinta pigmentada. Ele foi costurado com costura exposta.

A capa da publicação teve como acabamento a lombada quadrada, com capa em papel pulse design natural white 250g. Apresentou medidas no formato aberto de 429 mm x 275 mm e no formato fechado de 210 mm x 275 mm. O cálculo da lombada foi realizado junto à gráfica, totalizando a medida 9 mm.

### 3.4.2 Fechamento do arquivo

A sangria foi configurada em 5 mm, valor suficiente para garantir a margem de segurança e evitar cortes indesejados durante o refile. Todas as imagens utilizadas na publicação foram incorporadas diretamente no arquivo do Adobe InDesign, em alta resolução e

dentro do padrão de cor CMYK, assegurando fidelidade cromática na impressão.

Por se tratar de um projeto impresso em livretos previamente definidos, a gráfica solicitou que os arquivos de cada livreto fossem enviados separadamente e prontos para impressão, com as páginas correspondentes organizadas de acordo com papel em que seriam impressas.

Durante o processo de fechamento, verificou-se que os livretos continham um número excessivo de páginas, resultado da não consideração da gramatura elevada dos papéis na etapa inicial de elaboração do espelho. Embora essa característica não inviabilizasse a produção, ela poderia gerar distorções no refile final, com o corte excessivo de algumas páginas. Assim, optou-se por revisar o espelho da publicação, redistribuindo os conteúdos em livretos de 16 e 20 páginas — 4 e 5 folhas respectivamente, sempre considerando a posição das folhas de papel vegetal para assegurar o encaixe dos cadernos.

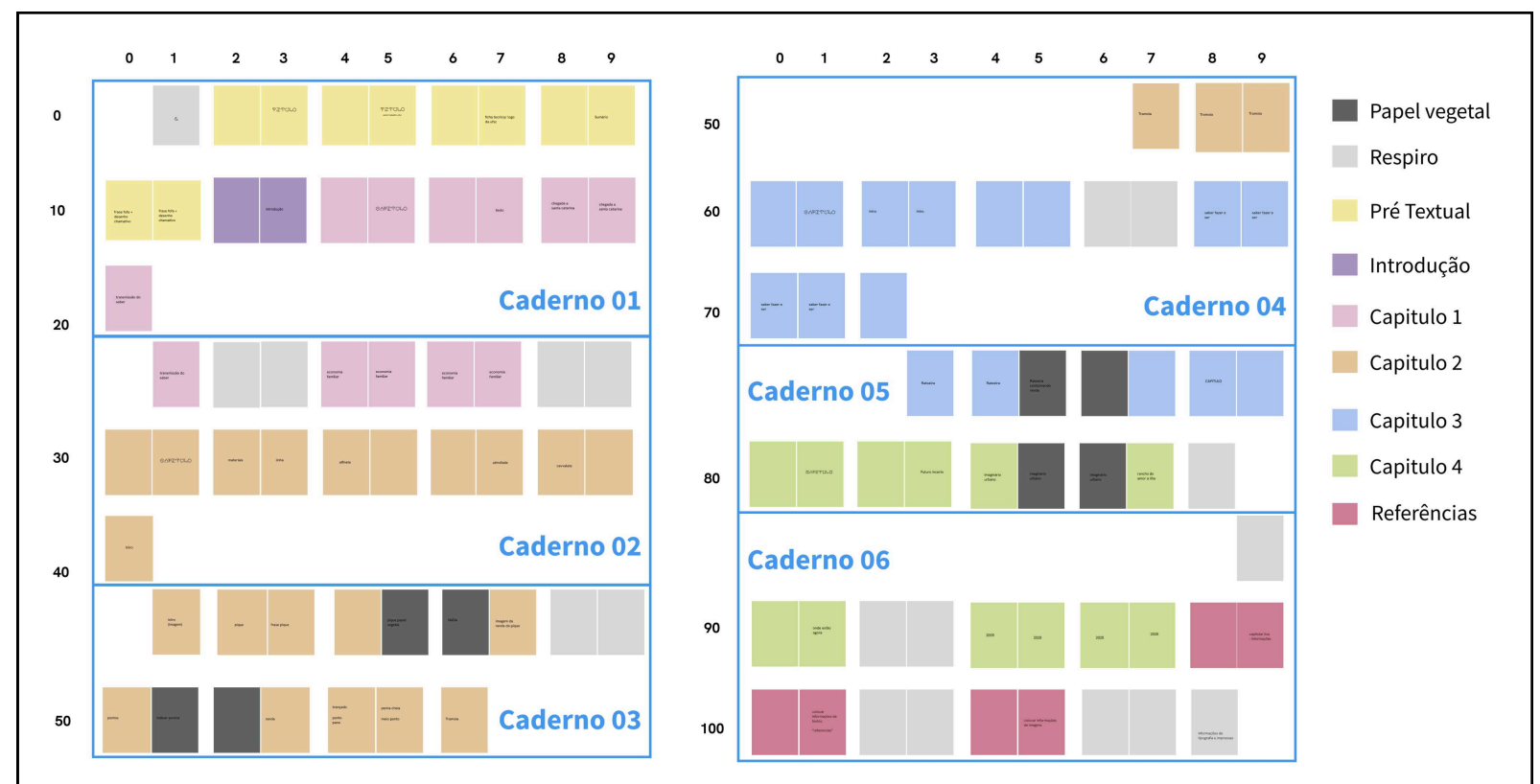


Figura 48 - Espelho da publicação ajustado - Fonte: Autora

Com o espelho ajustado, foi possível gerar os arquivos finais em PDF prontos para impressão, conforme as especificações da gráfica. Para isso, utilizou-se a ferramenta “Imprimir livreto” do InDesign, em conjunto com o programa DoPDF, que permite salvar o arquivo diretamente em formato digital no layout de imposição. A medida de folha A2 foi adotada, visto que, com a adição das sangrias, o formato final ultrapassava ligeiramente as dimensões de um papel A3, e o tamanho Super A3 não constava entre as predefinições disponíveis no software.



Figura 49 - Páginas 1 e 20 no arquivo para impressão - Fonte: Autora

### 3.4.3 Orçamento

O orçamento de impressão e acabamento do livro foi elaborado em parceria com a Editora Caseira, responsável pela produção gráfica do protótipo. Foram considerados todos os elementos materiais definidos ao longo do projeto — como o uso de papel offset e vegetal, relevo seco na capa, cortes e encadernação costurada.

Os valores estimados para a produção de um exemplar ficaram distribuídos da seguinte forma:

Miolo (papel offset 120 g, 21 × 27,5 cm, 108 páginas): R\$ 52,65

Papel vegetal (2 folhas): R\$ 14,50

Cortes manuais e digitais: R\$ 7,50

Capa: R\$ 14,50

Vegetal e relevo seco: R\$ 19,50

Costura, prensa, colagem e refile: R\$ 16,00

Total: R\$ 124,65

Além disso, foi previsto o custo adicional de R\$ 85,00 para a confecção do clichê utilizado no relevo seco da capa.

Considerando as especificidades do projeto — como a combinação de diferentes papéis, acabamentos manuais e detalhes de corte — o valor final é considerado satisfatório para a produção de uma unidade artesanal. Ressalta-se que, em caso de produção em maior escala, os custos unitários tenderiam a reduzir significativamente, tornando o processo mais viável economicamente.



Resultados

## 4.1 Capa

A capa saiu de acordo com o que foi descrito ao longo do relatório, ela apresenta uma composição minimalista e delicada: base em papel branco, sobreposta por uma jaqueta de papel vegetal com uma impressão em relevo seco de uma renda. O resultado é simples e direto, mas visualmente marcante e profundamente coerente com o tema.

Para a execução deste protótipo, o relevo foi produzido a partir de um clichê impresso em 3D, o que limitou a pressão que poderia ser aplicada neste, afetando na profundidade e a definição dos detalhes da renda. No entanto, em uma produção em larga escala, esse clichê poderia ser confeccionado em metal, o que aumentaria significativamente a nitidez e o refinamento do relevo, tornando o resultado ainda mais fiel a imagem da renda original.

Mesmo com essas limitações técnicas, o resultado final da capa se mostrou extremamente satisfatório, ela traduz visualmente a delicadeza e a suavidade da renda de bilro, além do cuidado envolvido em seu processo de produção. O próprio manuseio do livro exige um gesto mais gentil, o que também representa a fala das rendeiras entrevistadas:

*“Queria que vissem que é um trabalho feito com muito carinho. Com muito carinho, com muita atenção e muita perfeição...”*

A contracapa ajuda a complementar essa estética. Os textos foram impressos diretamente sobre a base branca e cobertos pela jaqueta de papel vegetal, funcionando como um véu que acrescenta profundidade e reforça a ideia de delicadeza, coerente com o conceito afetivo que permeia todo o projeto.



Figura 50 - Capa da publicação - Fonte: Autora

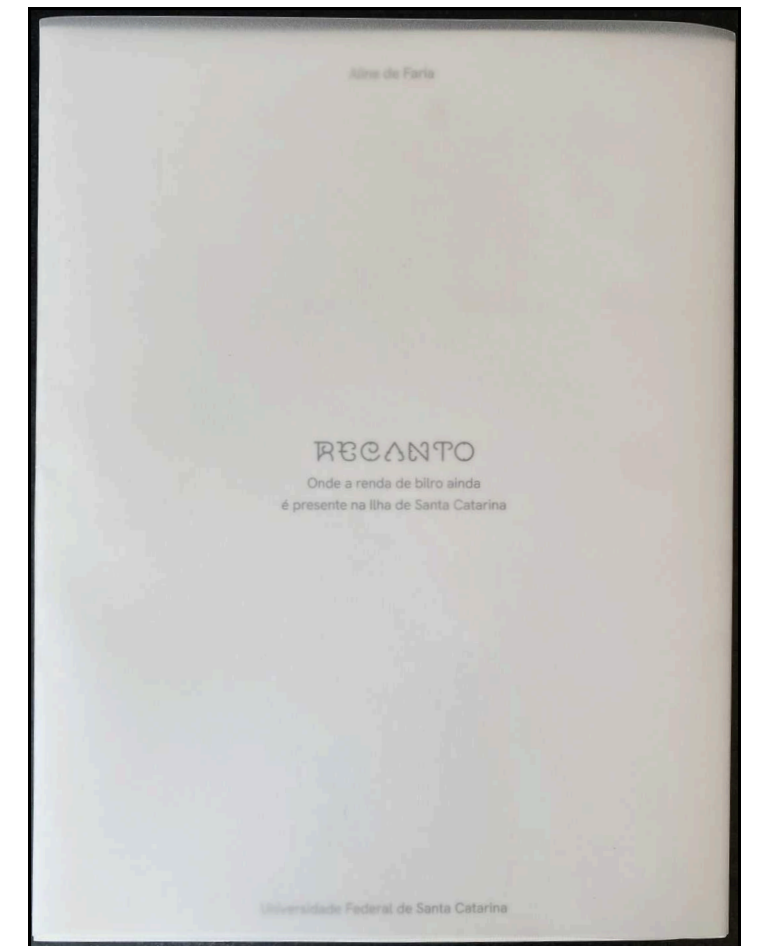


Figura 51 - Contracapa da publicação - Fonte: Autora

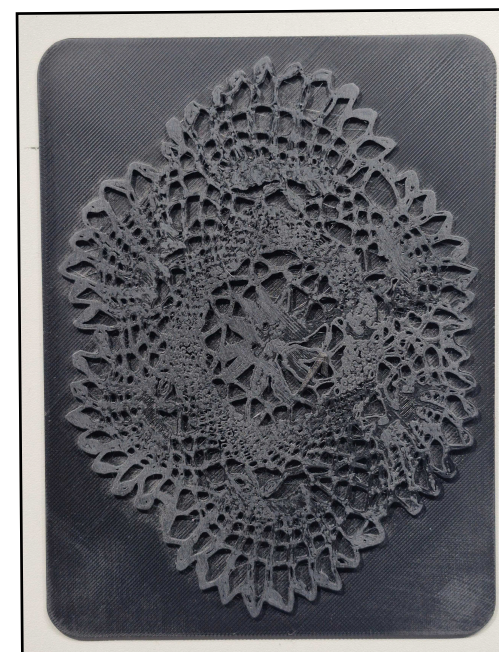


Figura 52 - Clichê impresso em 3D - Fonte: Gráfica Caseira

## 4.2 Miolo

Ao abrir o livro, o leitor já se depara com dois elementos marcantes que remetem diretamente ao painel visual de referência: a primeira página com furo e a lombada com costura exposta.

O miolo foi impresso em papel offset 120g, utilizando o método de impressão jato de tinta pigmentada, que garante boa definição das imagens e fidelidade cromática. O resultado final mostrou-se fiel ao projeto editorial desenvolvido digitalmente: o tamanho das tipografias mostrou-se adequado para a leitura, as cores apresentaram bom contraste e visibilidade, e os livretos tiveram o encaixe preciso na montagem.

De modo geral, o miolo evidencia o equilíbrio entre técnica e sensibilidade proposto pelo projeto, unindo textura, contraste e ritmo visual de maneira coerente com os conceitos afetivo, artesanal, cultural e contemporâneo.

A seguir, são apresentados os resultados do miolo:



Figura 53 - Lombada com costura exposta - Fonte: Autora



Figura 55 - Primeira página, com furação - Fonte: Autora

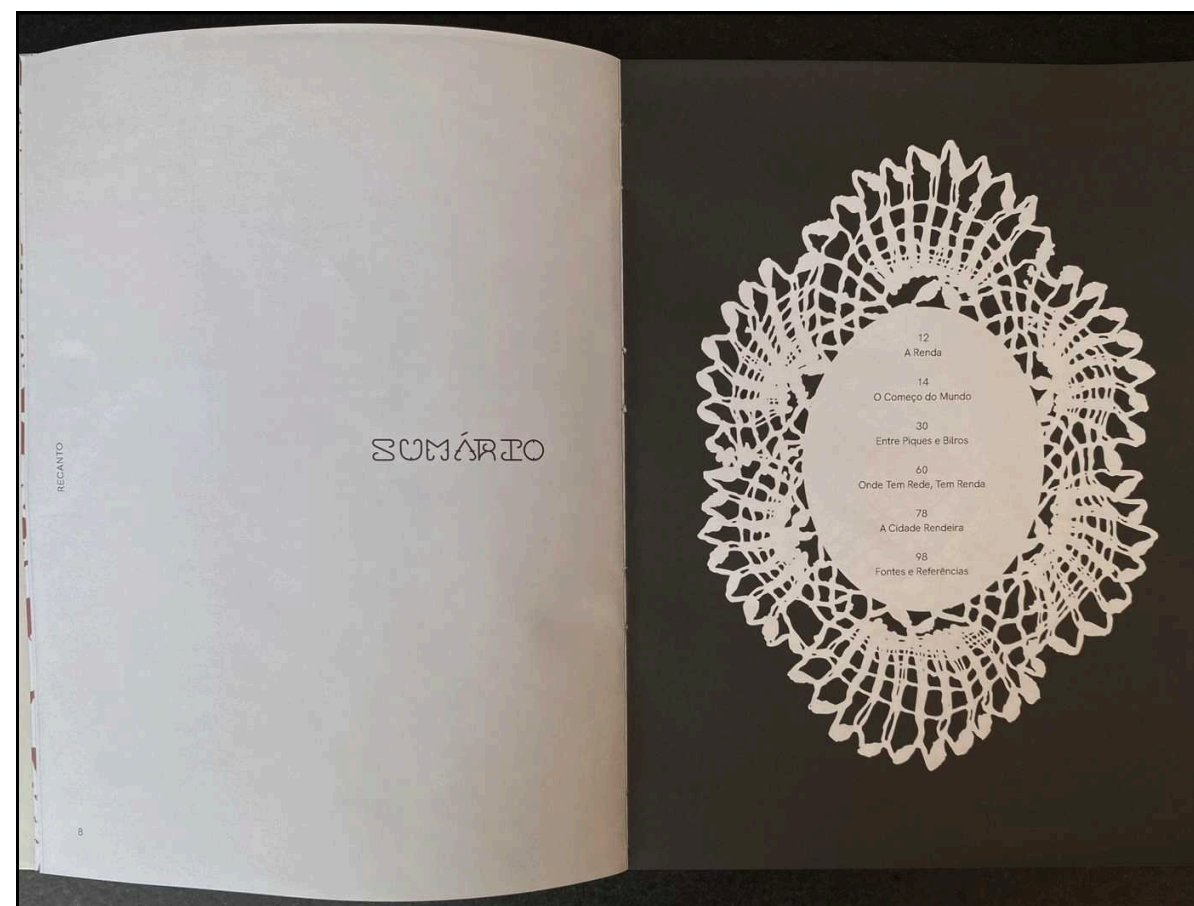


Figura 56 - Sumário - Fonte: Autora



Figura 57 - Páginas com diagramação de uma coluna - Fonte: Autora

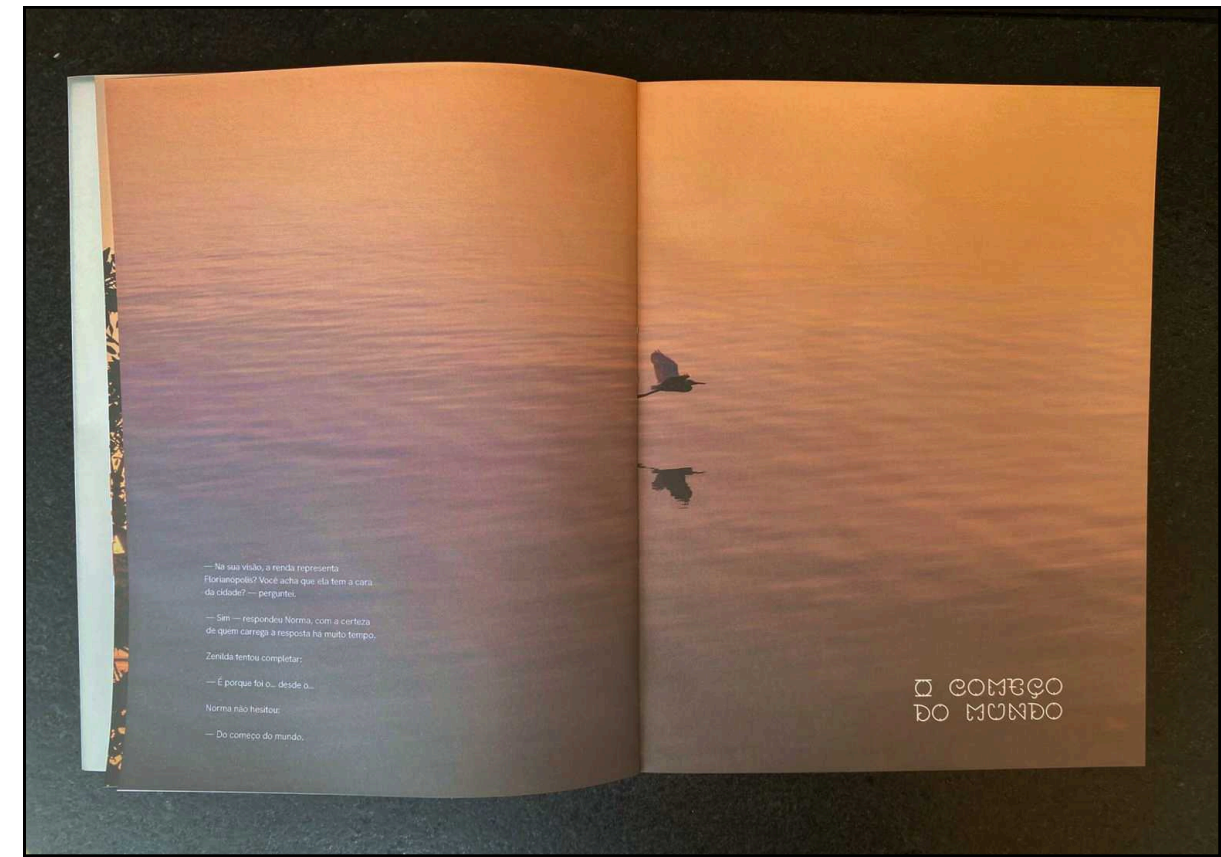


Figura 59 - Páginas de abertura de capítulo - Fonte: Autora



Figura 58 - Páginas com diagramação de duas colunas - Fonte: Autora



Figura 60 - Páginas de respiro - Fonte: Autora



Figura 61 - Frente e verso de página com recorte vertical - Fonte: Autora



Figura 62 - Página com furo e página com citação - Fonte: Autora



Figura 63 - Páginas com imagens - Fonte: Autora



Figura 64 - Páginas de papel vegetal e encaixe com imagem abaixo - Fonte: Autora

Apesar da impressão deste primeiro protótipo ter sido bem-sucedida em diversos aspectos, ela também permitiu identificar pequenos ajustes que precisariam ser considerados caso o projeto fosse direcionado à produção comercial.

Grande parte dessas limitações está relacionada ao método de impressão utilizado. O processo por jato de tinta, aplicado sobre o papel offset, fez com que o material absorvesse uma quantidade excessiva de tinta, resultando em imagens com menor saturação e contraste. Além disso, mesmo com a alta gramatura do papel, observou-se leve deformação das páginas, um encolhimento natural decorrente da umidade e da absorção da tinta.

Para uma produção ideal, recomenda-se que o livro seja impresso em processo offset (para tiragens maiores) ou, no caso de baixas tiragens, com impressão a laser, método utilizado em alguns testes durante o desenvolvimento e que apresentou um bom desempenho para manter a qualidade das imagens.



Figura 65 - Exemplo de página deformada pelo método de impressão, levemente encolhida - Fonte: Autora

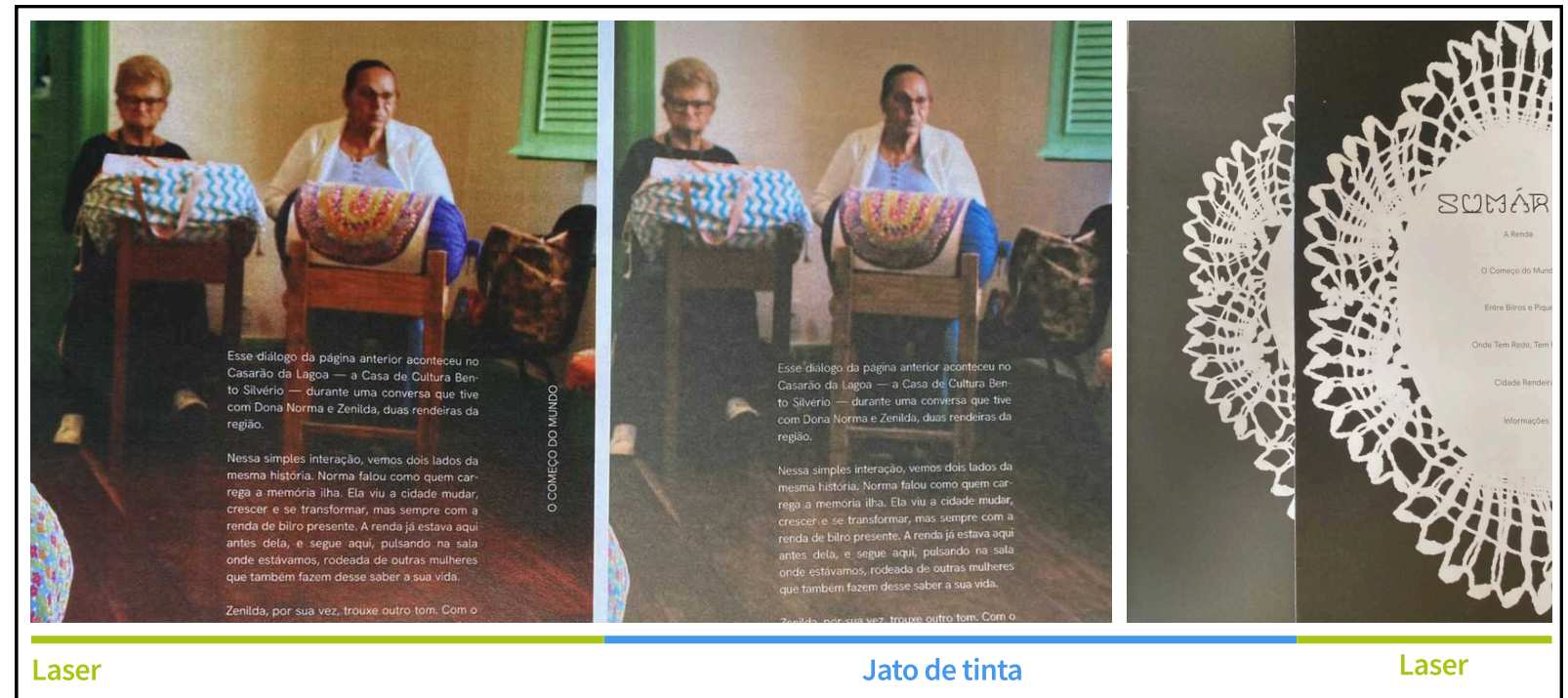


Figura 66 - Diferença da impressão a laser nos testes e com jato de tinta no protótipo- Fonte: Autora



Figura 67 - Diferença da Imagem digital e impressa no protótipo- Fonte: Autora

Entretanto, considerando as limitações técnicas e estruturais das gráficas disponíveis na região de Florianópolis, o resultado alcançado para este protótipo pode ser considerado satisfatório, atendendo aos objetivos propostos para o projeto.

### 4.3 Considerações Finais

O desenvolvimento deste projeto buscou responder à questão central: como o design editorial pode contribuir para a documentação e valorização da cultura das rendeiras em Florianópolis, no tocante à sua preservação e conscientização na contemporaneidade?

A partir desse questionamento, pode-se afirmar que o objetivo geral — conceber e desenvolver um projeto gráfico-editorial capaz de valorizar e dar visibilidade à tradição das rendeiras, estabelecendo pontes entre o público contemporâneo e essa prática cultural — foi alcançado.

O resultado final cumpre sua função de registro e valorização, apresentando as rendeiras e seu universo de forma poética e acessível, equilibrando história e cultura com delicadeza e contemporaneidade estética. O livro propõe uma nova forma de olhar para essa prática, compreendendo-a não como algo restrito ao passado, mas como uma expressão viva e essencial da identidade cultural de Florianópolis no presente.

A metodologia adotada, o modelo Double Diamond, mostrou-se fundamental para o desenvolvimento do projeto, pois possibilitou um processo sensível às particularidades do tema. O trajeto proposto pela metodologia favoreceu uma compreensão ampla do contexto cultural das rendeiras antes de chegar às decisões projetuais. Cada etapa proporcionou diferentes níveis de contato com essas mulheres, e cada visita resultou em um novo olhar sobre esse universo cultural tão vivo.

Logo no início, as fases de Descoberta e Definição possibilitaram um mergulho profundo no universo das rendeiras, revelando que a renda de bilro ainda segue viva. As leituras iniciais, baseadas em trabalhos acadêmicos de anos anteriores, apontavam para o desaparecimento da prática, o que fez o projeto começar com uma visão pessimista — afinal, se em 2015 as rendeiras já eram poucas,

em 2025 seria difícil imaginar que ainda restassem muitas. No entanto, as primeiras interações com esse universo mostraram o contrário: a técnica e, principalmente, a cultura seguem presentes no cotidiano da ilha, ainda que de forma discreta, guardadas nas casas de cultura e nos encontros semanais que mantêm viva essa tradição.

Essas visitas ao Casarão da Lagoa, somadas às entrevistas realizadas, revelaram que a renda de bilro vai muito além do fazer técnico, ela é um modo de vida, uma expressão coletiva e afetiva que une gerações. Essa imersão foi essencial para construir uma base sólida e empática, sobre a qual o projeto gráfico pôde se desenvolver. Ao longo do processo, formaram-se laços e experiências que ultrapassam a entrega final do projeto, mas que certamente se refletem nele, tornando o resultado mais humano, sensível e verdadeiro.

Mais do que um projeto de design, o processo configurou-se como uma experiência de aproximação cultural. Compreender o ritmo do fazer manual, a oralidade das trocas e o valor simbólico de cada ponto de renda permitiu que o design atuasse não apenas como mediador entre estética e cultura, mas também como um campo de escuta e interpretação sensível, capaz de mergulhar em um saber tradicional e traduzi-lo para um objeto contemporâneo de comunicação. A tradução dessa compreensão em um produto editorial sensível e contemporâneo reforça a capacidade do design de dar visibilidade a tradições locais sem esvaziar sua autenticidade.

Ao longo do processo, o design editorial mostrou-se um agente potente de valorização e permanência simbólica: mais do que comunicar, ele atua como uma ponte entre passado e presente. Ao traduzir visualmente uma tradição para novos contextos, o design torna-se capaz de promover o encontro entre gerações, despertando o interesse de um público jovem e contemporâneo por práticas culturais antigas. Assim, o design assume também uma função de resgate, reconectando o presente à memória coletiva e garantindo que o universo e o saber das rendeiras continue vivo e em transformação.



Referências

ÂNGELO, Elis Regina Barbosa. A renda de bilros e sua identidade cultural: a produção artesanal como fonte de resistência e de sobrevivência da mulher rendeira em Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/12724>.

ÂNGELO, Elis Regina Barbosa. A renda de bilro e o tempo presente: memória, tradição e identidade cultural. Anais do Simpósio Nacional de História — ANPUH, 2015. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544\\_078cf3fc384e4081708e3caca56a82aa.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_078cf3fc384e4081708e3caca56a82aa.pdf).

BERGAMIN, Camila. A importância da renda de bilro na economia familiar em Florianópolis no início do século XX e a sua continuidade no tempo presente. Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, 2013. ISSN 1984-3968.

BRINGHURST, R. Elementos do Estilo Tipográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CASTRO, L.; PERASSI, R. A tipografia como base do projeto gráfico-editorial. In: GRAPHICA 13, XXI SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO; X INTERNATIONAL CONFERENCE ON GRAPHICS ENGINEERING FOR ARTS AND DESIGN, 2013, Florianópolis. Anais: Expressão Gráfica – Tecnologia e Arte para Inovação. Florianópolis, SC: UFSC, 2013. p.1-12.

DESIGN COUNCIL. The Double Diamond. Our Resources. 2025. Disponível em: [https://www.designcouncil-org-uk.translate.google.com/our-resources/the-double-diamond/?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://www.designcouncil-org-uk.translate.google.com/our-resources/the-double-diamond/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso em: 02 nov. 2025.

HB Editora Valorizando o Tempo. Cartilha Me Ensina a Fazer Renda: princípios básicos da renda de bilros – histórico, elementos da renda, técnica e pontos básicos da renda. Florianópolis: HB Editora, 2015.

FIGUEIREDO, Wilmara (org.). Desde o tempo da pomboca: renda de bilro em Florianópolis. Pesquisa e texto de Carin Heloísa Machado, Maria Armenia Müller Wendhausen e Wilmara Figueiredo. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2014. 162 p.

FURTADO, A. Projeto Visual III – Projeto Editorial: Conceitos básicos de tipografia orientados para projeto editorial. UFRGS – Apostila complementar – Tipografia, p.3, 2009.

MEÜRER, Mary. Modelo de apoio à seleção tipográfica. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Design, Florianópolis, 2017.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (Brasil). Mulheres Atingidas por Barragens: bordando direitos. São Paulo: MASP, 2025.

PAZMINO, A. V. Como se Cria. 40 Métodos para Design de Produtos: 1. ed. São Paulo: Blucher, 2015.

PERA, Gabriel. Double Diamond: o que é e como usar essa metodologia do Design Thinking. Somos Tera Blog, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://blog.somostera.com/ux-design/double-diamond>. Acesso em: 02 nov. 2025.

REDE DE PLANEJAMENTO da Prefeitura Municipal de Florianópolis;  
SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E INTELIGÊNCIA  
URBANA (SMPIU). Floripa em Números – Cadernos de Planejamento  
e Projetos Urbanos de Florianópolis: Resultados Gerais de  
População e Domicílios para o Município. 3. ed. Florianópolis: Rede  
de Planejamento/SMPIU, ago. 2024. Disponível em: [https://  
strapi.redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/uploads/  
Floripa\\_Numeros\\_Censo\\_IBGE\\_3ed\\_380230abc6.pdf](https://strapi.redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/uploads/Floripa_Numeros_Censo_IBGE_3ed_380230abc6.pdf). Acesso em:  
18/04/2025.

RENDAS AO VENTO. Produção: Base Cultural; Pulse Filmes. Projeto  
audiovisual. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?  
v=PSL5Vj9CPBU](https://www.youtube.com/watch?v=PSL5Vj9CPBU). Acessado em: 21/10/2025.

WENDHAUSEN, Maria A. M. Renda de bilro: um legado açoriano  
transcendendo séculos em Florianópolis. Blumenau: Nova Letra,  
2015

ZANELLA, Airton Luiz; BALBINOT, Andrea de Oliveira; PEREIRA,  
Fernanda. Ser rendeira ou fazer renda? A constituição dos sujeitos  
na cultura da renda de bilro. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto  
Alegre, 2000.



Apêndice

## Entrevistas

### Entrevista 1:

#### Profissional de Design Editorial c/ interesse pelo tema

#### Luciano de Castro

##### 1. Você conhece a prática da renda de bilro? Como teve o primeiro contato com ela?

*Eu não sou daqui de Florianópolis, sou do Rio Grande do Sul, mas moro aqui há 41 anos. A minha experiência com a renda de bilro é de passar pela avenida das rendeiras, quando ia pra praia e quando vou pra praia. Eu pratico surfe, então vou sempre cedo, e eu lembro das rendeiras naquelas casinhas, na beira da Avenida das Rendeiras na Lagoa da Conceição, trabalhando. Hoje em dia não tem muito, mas uns 40 anos atrás elas sempre estavam lá, nas casinhas de madeira trabalhando.*

##### 2. Já teve contato com outras mídias que fazem referência a essa cultura? Como livros, filmes, documentários, fotografias, pinturas, cerâmicas...?

*Eu ajudei a publicar um livro, não como autor. Na época que eu fui secretário de educação a distância da UFSC, lá na SEAD, a gente publicava alguns livros de professores. O livro precisava ter alguma interatividade, ele era sobre culturas da ilha, incluindo a renda de bilro.*

##### 3. Na sua visão, existe espaço no mercado para publicações que abordam práticas culturais tradicionais? Qual o público?

*Acho que sim, porque eu próprio desconheço conteúdos a respeito. Até pra produzir esse livro (comentado na questão anterior) tivemos dificuldades de encontrar outras referências.*

*Em relação ao público, o primeiro interessado eu acho que é são turistas, que vão na lagoa ou na alfândega e se interessam muito por isso; depois as escolas, que poderiam trabalhar com isso para manter a tradição; e o público em geral também, pessoal que mora aqui e se identifica com a cidade.*

##### 4. Você teria alguma sugestão de projeto gráfico ou conteúdo cultural cuja estrutura visual tenha te marcado ou que ache inspiradora para esse tipo de abordagem?

*Nada marcante*

##### 5. Como você enxerga a relação entre design editorial e expressões culturais tradicionais?

*Existe um distanciamento entre eles, quem desenvolve esses projetos culturais geralmente não é da área ou não busca alguém da área. No caso do livro que fizemos (comentado na questão 2), se não fosse pela SEAD, que foi essa ponte entre eu e a servidora autora do livro, talvez ele nem fosse publicado, ou não seria publicado com todo o envolvimento e cuidado gráfico que teve.*

##### 6. O design editorial pode ser utilizado para despertar ou renovar o interesse por culturas hoje em dia— tanto pela prática em si quanto por sua história e impacto social?

*Com certeza! Aproveitando, lembrei aqui que já vi livros sobre Florianópolis, mas são todos muito genéricos, apenas fotos e textos simples, poderia muito bem ser um livro de São Paulo ou Rio de Janeiro. Acredito que dê para explorar muito mais questões de design gráfico para gerar interesse.*

##### 7. Como você entende que pode haver uma conversa entre design editorial e produção cultural, mais especificamente em relação às rendas? Como equilibrar respeito e tradição com experimentações gráficas e visuais contemporâneas?

*Explorar a tipografia, as cores, pensar na tradição da renda de bilro. trabalhar uma boa tipografia, que remete a tradição e a história, mas explorar outros elementos que complementam essa tipografia. Misturar imagens com ilustrações também é um caminho para sair um pouco fora do padrão desses livros sobre cidades e culturas que ficam no mesmo plano.*

## 8. Como designer editorial, que caminhos visuais você considera importantes para representar ou recontar essa cultura em uma publicação?

*A renda de bilro me remete muito ao artesanal, se eu fosse trabalhar um conceito neste livro seria o artesanal. No livro que trabalhamos utilizamos muitas ilustrações, que remetem a esse trabalho com as mãos, mas ao mesmo tempo o trabalho tem que ser balanceado com uma boa técnica de diagramação e uso da tipografia.*

### **Entrevista 2:**

#### **Especialista em Renda como produto cultural (Mestra de Moda pela UDESC)**

**Mônica F. Vieira de Alencar**

### 1. Na sua visão, o que define a cultura da renda de bilro em Florianópolis? Que elementos a tornam representativa como bem cultural imaterial?

*Não sei se eu sei responder o que define, eu acho é um conjunto de coisas. Eu sou de Curitiba e nunca tinha visto, me mudei pra cá em 2017, mas em 2014 eu passei na avenida das rendeiras e vi uma renda muito linda e enorme que me chamou muita atenção. Eu sou estilista e trabalho com moda, e aquilo me chamou atenção por ser um trabalho manual e um tecido, que eu nem sabia o que era.*

*Outra coisa que me chamou atenção aqui na cidade, são os chãos e calçadas, essas que tem as pedrinhas pretas e brancas, que existem em várias cidades do Brasil. Aqui, na praça XV por exemplo, os desenhos do chão são bilros. Ali no largo da alfândega também, tinha aquele monumento de bilros gigantes, e agora temos aquele telhado de metal que é uma renda. E a questão de ter no próprio hino da cidade...*

*Mas foi de fato quando eu entrei no mestrado e comecei a pesquisar sobre, que eu fui entender a especificidade de ser artesanal, a importância de ter muito cuidado porque é algo passado por*

*gerações. É uma arte que carrega muita tradição, não é algo simples que qualquer pessoa aprende em qualquer lugar. Mas não sei se é exatamente o que define.*

*Uma vez que eu consegui começar a aprender, entrar no grupo ali de rendeiras da lagoa, comecei a participar de várias coisas que são da cultura, eventos que convidam as rendeiras, que tem apresentações do boi de mamão e contadoras de histórias do Franklin Cascaes.*

*Sobre a cultura delas eu vejo que é isso, é muito enraizada, quase uma trama ou uma rede. Se você for lá na casa das rendeiras e ficar ali uma tarde sentada escutando elas parece outra época, ainda existe ali um pedaço do que a ilha já foi. Elas ainda tem a cultura da ilha muito forte.*

### 2. Como você enxerga o percurso histórico da renda de bilro na cidade? Houve momentos de maior ou menor visibilidade?

*Quando teve a construção das pontes começaram a vir muitas pessoas de fora, principalmente do Rio Grande do Sul e São Paulo. Ao mesmo tempo que isso aumentou o turismo e a economia, ampliando a oportunidade de venda das rendas, aumentaram também as oportunidades de trabalho para as rendeiras, que davam mais dinheiro do que fazer a renda.*

*E nessas negociações, pechinchas, dos turistas as rendas acabavam sendo desvalorizadas. Não queriam pagar o que elas valiam, então começou um processo de simplificar a renda, o trabalho começou a perder a qualidade e características para se encaixar no preço que as pessoas estavam dispostas a pagar. Nesse contexto surgiu a Assori, a associação de rendeiras criada com o auxílio de Doralécio Soares, folclorista, que já escreveu sobre a renda e as rendeiras e que deu muita visibilidade para essa cultura aqui na ilha.*

*Acho que agora também estamos entrando em um momento de visibilidade, esse ano por exemplo, eu inscrevi as rendeiras da lagoa na Artisol, um grupo de artesanato solidário do Brasil. Eles escreveram um*

*livro sobre as rendas do Brasil e não citaram a renda de bilro de Florianópolis, e aqui temos a tramóia, que não existe em nenhum outro lugar do país, mas agora aceitaram elas e vão incluir.*

*Esse ano também teremos uma amostra cultural do casarão de cultura da lagoa, que vai finalizar com um desfile de rendas e rendeiras. Esse desfile também vai acontecer no Floripa EcoFashion na UDESC. Essas são algumas iniciativas que estão acontecendo esse ano que ajudam. Além de marcas que buscam as rendeiras para colocar as rendas em suas coleções, as atividades culturais e oficinas da cidade que as rendeiras são chamadas, a Nice que cuida do casarão cultural e sempre busca incentivos.*

*Então são iniciativas que estão acontecendo esse ano, que podem servir de incentivo para que a cultura volte a acontecer com um novo formato mais contemporâneo e que seja valorizada.*

### **3. Você acredita que a renda de bilro de Florianópolis possui características próprias em relação a outras regiões do Brasil ou do mundo?**

*Existem diferenças em relação à renda e o perfil das artesãs. Uma coisa que tem de diferente entre o nordeste e aqui é o próprio bilro, aqui eles são feitos em madeira e lá são sementes com uma espécie de palito enfiado. Outra coisa é que lá elas usam espinhos no lugar do alfinete, aqui antigamente se usava, mas hoje em dia já se usa alfinete, lá não mudou. Os desenhos também são diferentes, apesar da internet e a troca de piques, os desenhos de lá são diferentes na construção, apesar de que já existem pessoas daqui fazendo a renda maria morena, que é mais comum no nordeste. A questão de fazer o bico, aqui é muito forte fazer um desenho cuidado, lá é mais comum franzir a renda para fazer acabamentos.*

### **4. Hoje, de que forma a renda de bilro é inserida ou reconhecida no cotidiano dos moradores — como moda, arte, design ou até turismo?**

*Eu acho que vai de cada um, tem pessoas que percebem que a renda já está inserida no cotidiano e nas casas das pessoas. Mas acredito*

*que algo que precisamos são mais pontos de venda, as pessoas sempre me perguntam onde comprar, não sabem que no próprio casarão da lagoa elas vendem renda. Aquela loja do shopping, Dezarranjo Ilhéu, eles vendem renda, mas tem muito poucas, porque não fazer uma parceria com eles e vender em lugares mais centrais? Acredito que tínhamos que ter mais espaços para mostrar.*

*Mas também existem eventos, agora a pesca da tainha é uma época com força cultural muito grande, existem também exposições sobre as rendeiras aqui na ilha, encontros semanais de rendeiras para fazer renda e cantar ratoeira. Os dois públicos principais que sempre vão nesses eventos e interagem, são as pessoas mais velhas, que comentam que a vó fazia renda, mas já até deram os bilros embora, elas representam muito esse lado da cultura que está se perdendo; e as crianças, que vem mexer e falar que aprenderam na escola. Mas com certeza poderia ter mais visibilidade, mais eventos, mais respeito, porque elas fazem por amor né, elas gostam de se sentir valorizadas.*

*Eu também já vi em pesquisas que essa geração de agora, a geração Z, é muito conectada na internet e muitas vezes despreocupada com causas sociais, comprando nessas lojas como Shein. Mas também vejo pesquisas que mostram como essa geração busca sair um pouco do online, buscam coisas mais analógicas, atividades manuais como o crochê. O bilro já é mais complexo, precisam de materiais específicos e a aprendizagem é mais difícil, mas ele poderia entrar nesse movimento, contra tudo que é muito virtual e digital, ela é uma coisa real, e isso pode ser um alento.*

### **5. Como despertar o interesse das novas gerações pela renda de bilro (como ofício e como parte da história e da cultura de Florianópolis)? Que caminhos você enxerga para promover esse reconhecimento e valorização?**

*Acredito que precisamos usar as redes sociais para divulgar, não aqueles vídeos que todo mundo já viu “eu aprendi com a minha mãe”, mas mostrando outros fatores da vida delas. As comidas tradicionais,*

as praias, outros elementos tradicionais de Florianópolis e unir as rendas a coisas mais contemporâneas. A gente não deve mudar a maneira como a renda é feita, é nessa forma tradicional de fazer que está o valor dela, mas que a gente consiga aplicar ela de outras formas. Eu acredito que no vestuário as pessoas dariam mais valor do que a renda que é vendida hoje em dia, em toalhas e decorações, conseguimos utilizar a moda a favor da valorização da renda.

Precisamos usar o virtual também, utilizar as redes sociais novas como o tiktok, as pessoas veem e prestam atenção muito mais nas redes do que na vida real. Talvez se as pessoas vissem as rendas enfeitando as casas e sendo utilizadas, as pessoas deem mais valor à renda, todo mundo gosta de ter a casa cuidada e com a nossa cara, principalmente depois da pandemia.

#### 6. Que imagens ou significados vêm à mente quando você pensa nessa manifestação cultural? (adjetivos, sensações, cores etc)

Pra mim é o mar. Toda vez que eu tô na praia eu fico pensando... sabe quando o mar vem, a onda vem e aquela espuma abre? Pra mim é aquilo. É um artesanato característico da região litorânea, veio de Portugal, tinha na Itália, e veio pra gente, uma ilha.

Também penso em amizade, acolhimento, quando mudei pra cá eu poderia ter um grupo de amigos bem diferente, eu tenho 42 anos, mas o grupo que eu fiz, que é genuinamente meu, que eu conheci através de mim mesma, são as rendeiras. São minhas amigas, que me convidam pra festa do divino, para festas juninas com boi de mamão, já fui passar o dia na praia no rancho de pescador almoçando com elas e os maridos.

Uma vez que você ta com elas parece até que você volta no tempo, se fechar os olhos e escutar, tá na fala delas, no sotaque e nas expressões.

#### 7. Já teve contato com outras mídias que fazem referência a essa cultura que te chamaram atenção? Como livros, filmes, documentários, fotografias, pinturas, exposições...?

Sim, eu fui na exposição que trabalha o barro e o bilro em conjunto, da Marion, um trabalho lindo e muito delicado. Recomendo os livros do Doralécio Soares, um folclorista, e da Maria Armenia Wendhausen, ela é mais contemporânea.

#### Entrevista 3:

#### Rendeiras - Norma e Zenilda

##### 1. Você se lembra de quando e como aprendeu a fazer renda de bilro? O que te motivou a aprender?

**Zenilda:** Eu comecei pequena. Lá em casa nós éramos 11 filhos, e a dificuldade antigamente era muito grande, meu pai era militar e minha mãe rendeira. Quando não tinha renda a gente apanhava café, na chácara, tinha também o engenho de farinha, e baga de anóz. Tudo tinha seu período, e quando não tinha nada disso a gente ia pra renda. Ai a minha mãe e a irmã mais velha ficavam com a renda maior e eu com 7/8 anos fazia a renda menor, a “cane seca” uma rendinha de metro. A gente aprendeu a fazer renda assim, com a carne seca, no começo eu fazia muitas bolsinhas.

Então a gente começou quando era pequena, todo mundo fazia, pra ajudar a família né. A mãe botava a gente pra fazer com espinho de laranja, a gente não tinha muito dinheiro pra comprar alfinete e também não queria gastar, então ela ia lá na nossa árvore de laranja e pegava o espinho pra gente usar.

**Norma:** Eu quando aprendi a fazer renda aprendi com a minha madrinha, porque minha mãe já tinha falecido. Aí ela sentava e me mostrava, quando ficava pronta ela botava na janela e vendia assim, ali onde fica a maria bonita (bar nas rendeiras). Depois eu mudei com meu pai, fui morar com a minha madrasta, daí eu fazia em casa mesmo.

Minha madrinha me ensinou porque eu tinha que aprender, naquela época todo mundo fazia. Eu tenho até uma foto dela, ela sentava

*assim no chão, de joelho, colocava um paninho da cabeça por causa do sol e ficava lá fazendo renda.*

## **2. Você costuma fazer renda sozinha ou junto com outras rendeiras? E quando se encontram, como é esse momento?**

**Zenilda:** *A gente antes fazia assim na janela ou na porta. Na janela a gente botava duas cadeiras, uma pra gente uma pra almofada e ficava fazendo; na porta a gente fazia no chão mesmo, e ficava “ô comadre”, conversando, todo mundo se conhecia. Daí já passava uma, passava outra, ai já via, já entrava, já conversava “o cumadre que renda bonita você tem esse pique? Me empresta esse pique quando terminar?”*

*Hoje eu só faço quando to aqui, não faço mais renda em casa não, mas tem gente que ainda faz, só em casa. Eu venho pela companhia e pra aprender, a maria morena (ponto) eu não sabia, a tramoia (ponto) eu não sabia, a Norma e a Didi que me ensinaram.*

**Norma:** *Eu fazia em outro lugar, mas depois que a fundação (casa de cultura bento gonçalves) pagou uma professora para ensinar a fazer tramóia aí eu vim pra cá, antes eu só fazia a renda daqui mesmo. Hoje eu também dou aula aqui, como voluntária, os pontos que precisar eu faço. Mas eu faço em casa também, eu faço renda porque eu gosto, onde der eu faço. Esses tempos eu fui fazer renda e esqueci o fogão ligado, daqui a pouco senti um cheiro de queimado e panela de pressão explodiu lá na cozinha, a gente fica naquele “vai, vai, vai” fazendo renda e esquece do mundo.*

*A Nice faz uns pedidos também, tem uma encomenda grande, daí ela pediu pra fazer umas 60 pequeninas e lá fui eu fazer. Eu gostei (em resposta a Didi outra rendeira que também estava fazendo essa encomenda e não tava gostando) teve um dia que fiz 14 (Zenilda ficou muito surpresa com a quantidade “em um dia? em um dia fizesse 14?”).*

## **3. Quando você começou, como era o dia a dia com a renda?**

### **Mudou muito de lá pra cá?**

**Zenilda:** *Depois que começou a ter muito pessoal de fora pra morar aqui na ilha, a gente também começou a trabalhar fora, cuidando da casa dos outros, cuidando de neném e a renda foi ficando.*

**Norma:** *Naquela época não tinha a Clea (tipo de linha), só existia a 24 correntes, a linha de carretel, de costura, eu não faço mais com ela, mas minha irmã ainda faz. Mas aqui ó (me mostrou o trabalho que ela estava fazendo) nesse ponto eu uso a linha mais fina, e aqui a mais grossa, fica mais bonito. E só tinha cor branca e bege. Hoje tem bastante tipo de linha.*

## **4. Você considera essa prática uma fonte de renda(\$)? Desde quando você começou sempre foi assim?**

**Zenilda:** *Quando vieram os turistas pra cá a renda dava muito dinheiro. Quem morava na beira da praia, na barra, na joaquina, na lagoa, o movimento era bem grande, então as rendeiras começaram a comprar de outras rendeiras pra vender lá. Então a mãe botava a gente pra fazer renda pra vender pra Jaciná, que tinha uma barraquinha lá na joaquina. Mas a renda(\$) era assim né... a linha era barata.*

*Naquele tempo a renda foi uma grande ajuda na economia, na renda familiar, naquele tempo né. Hoje não, hoje é feito mais pra esporte, eu não vendo nada, a norma até vende. Mas não dá pra depender da renda hoje não.*

**Norma:** *A irmã do meu marido conseguia viver disso, o marido dela tava sempre fora, então ela fazia renda e botava pra vender. Antigamente eles pagavam, hoje não pagam nada.*

## **5. Na sua visão a renda representa Florianópolis? Você acha que ela tem a cara da cidade?**

**Norma:** *Sim.*

**Zenilda:** *É porque foi o... desde o...*

**Norma:** *Do começo do mundo*

**Zenilda:** *hahaha do começo do mundo... é*

**Norma:** *Eu tenho 72, a gente começou a fazer renda com 7 anos, ela sempre esteve aqui.*

**Zenilda:** *Os açorianos trouxeram a renda quando vieram pra cá, então realmente ela veio desde a colonização, as rendeiras vieram lá de Portugal e continuaram a prática aqui. Casavam, tinham filhos e continuaram a renda. Foi uma cultura que eles trouxeram.*

**6. Você sabe se existe alguma técnica característica de Florianópolis? E para cada rendeira, acredita que cada uma tem um jeito próprio de fazer renda?**

**Zenilda:** *Lá no ribeirão o pessoal faz muita tramóia, não fazem nem a maria morena, nem a nossa tradicional. (tipo de ponto que elas comentaram que aprenderam no casarão). Mas a gente não sabe de onde veio ela, essa nossa (da lagoa) tradicional veio dos Açores.*

**Norma:** *Cada rendeira faz do seu jeito, tem uma que faz mais rápido, outra mais devagar, umas capricham mais...*

**Zenilda:** *Tem uma que faz a perna cheia mais gorda, outra mais magrinha, tem uma que faz a trança mais torcida, outra mais larguinha, tem a rendeira que bate mais o bilro. Se uma rendeira faz a renda da outra já fica diferente.*

**7. O que você gostaria que as pessoas soubessem ou entendessem sobre a renda e sobre o trabalho das rendeiras?**

**Zenilda:** *Queria que vissem que é um trabalho feito com muito carinho. Com muito carinho, com muita atenção, muita perfeição, que as rendeiras fazem com cuidado pra não errar nenhum ponto, porque se tu já erra um ponto já fica um buraco e a renda já fica feia.*

*É um trabalho assim, que é feito com vários motivos, se tu realmente quer fazer uma renda pra passar pra frente, pra vender, tu tens que fazer ela assim, sem nenhum defeito. Porque mesmo as pessoas que compram e não entendem da renda ficam olhando, se ela ficar cada vez mais perfeita, mais atenção ela chama.*

*Que as pessoas venham ver nossa cultura, nosso trabalho, nos valorizar. As pessoas veem e acham bonita mas acham cara, queria que dessem mais valor, ela vale o valor que ela tem.*

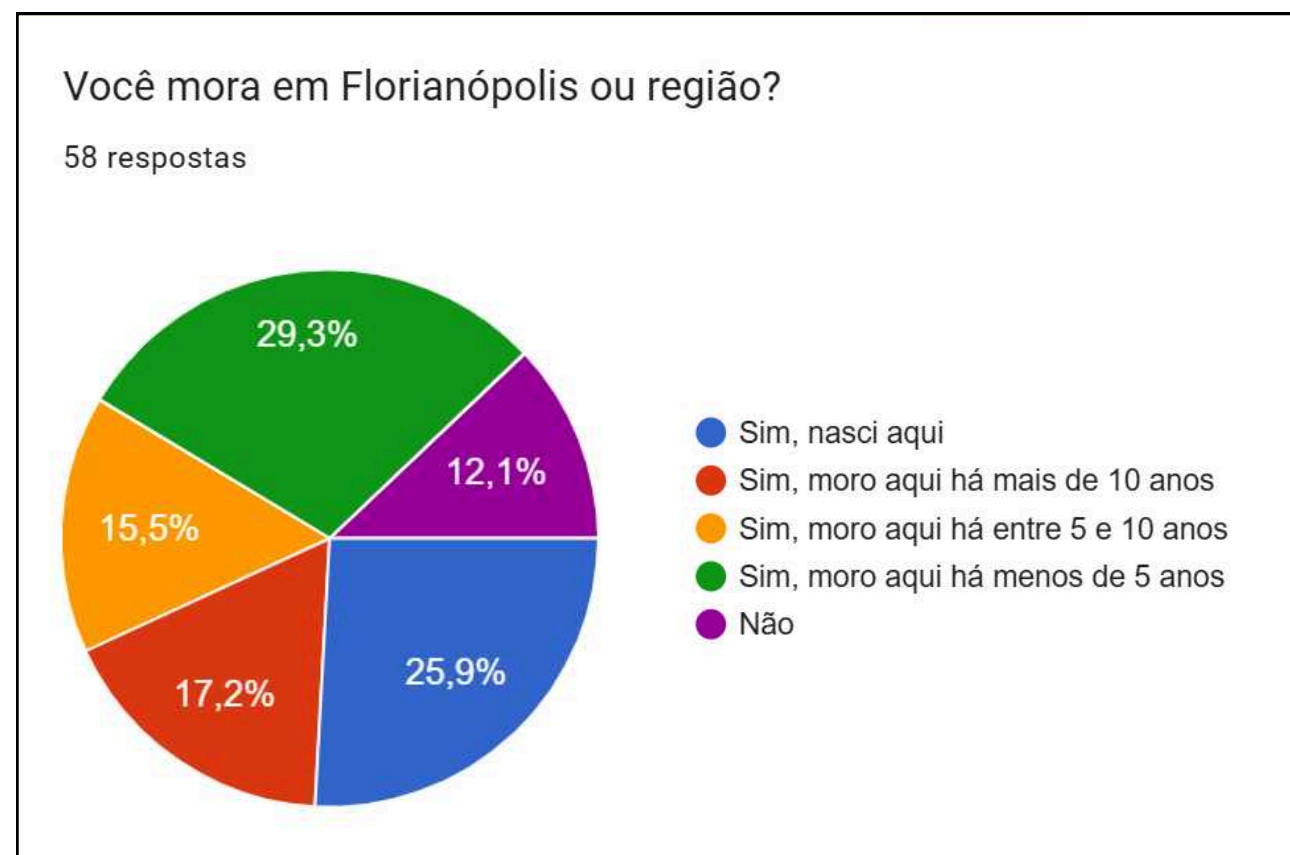
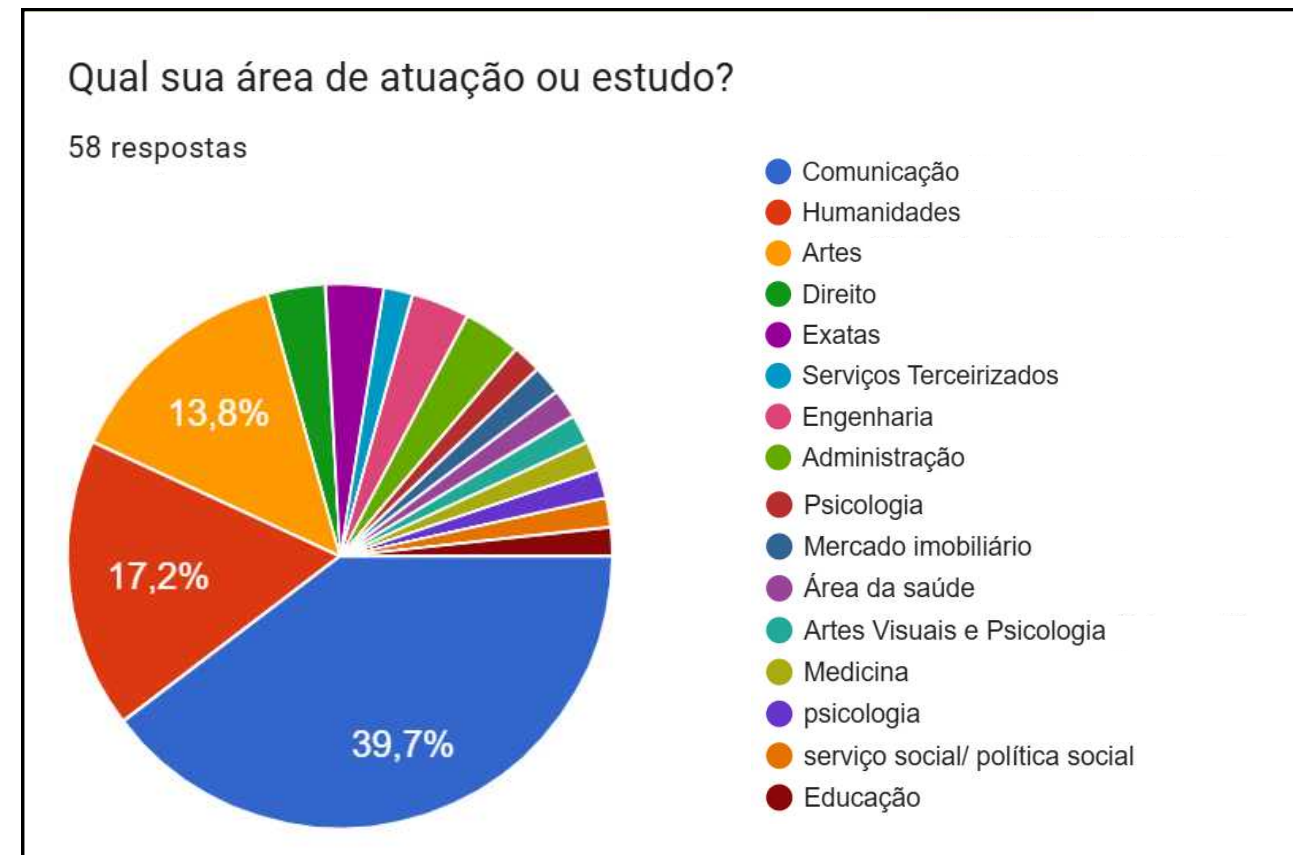
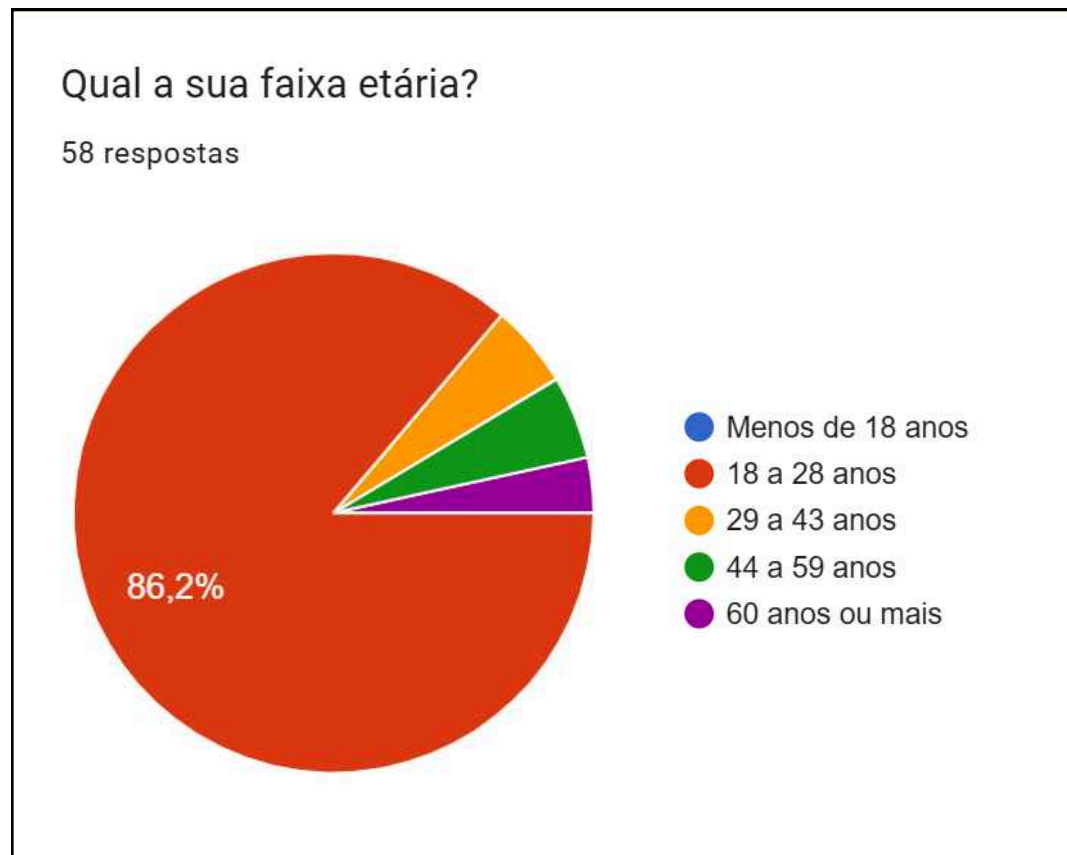
**Norma:** *Tem que valorizar, a Zenilda tá fazendo essa renda aqui, se botar ali pra vender as pessoas até dão o dinheiro, mas com vergonha. Outro dia eu vi uma rendeira vendendo uma renda gigante, não tava barata, mas a mulher comprou, porque viu o valor naquela renda. Tem que dar mais valor mesmo.*

**8. Na sua opinião, o que precisa acontecer para que a renda de bilro continue viva para as próximas gerações?**

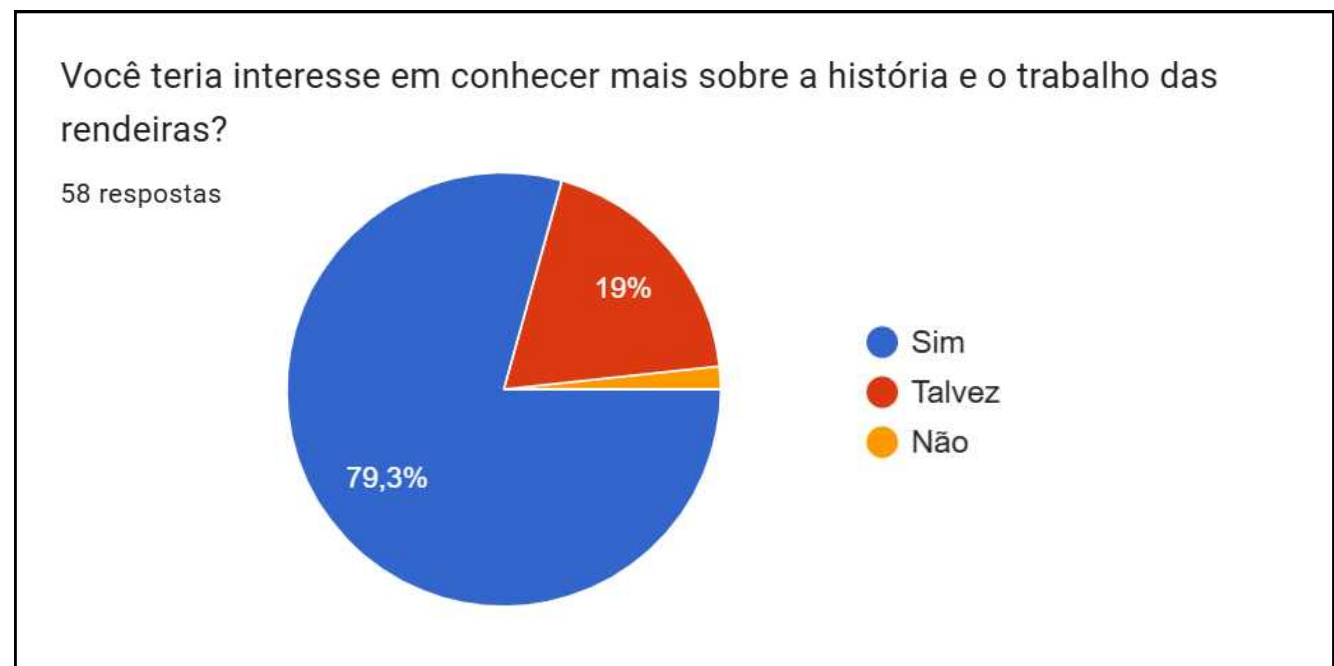
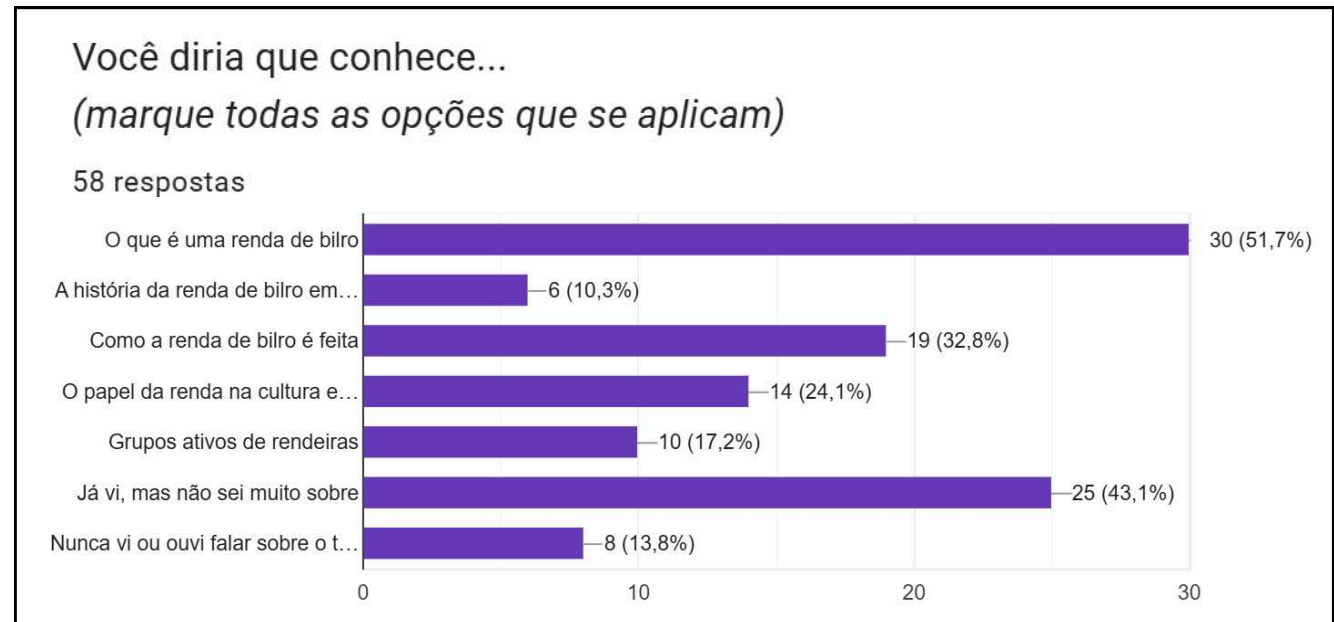
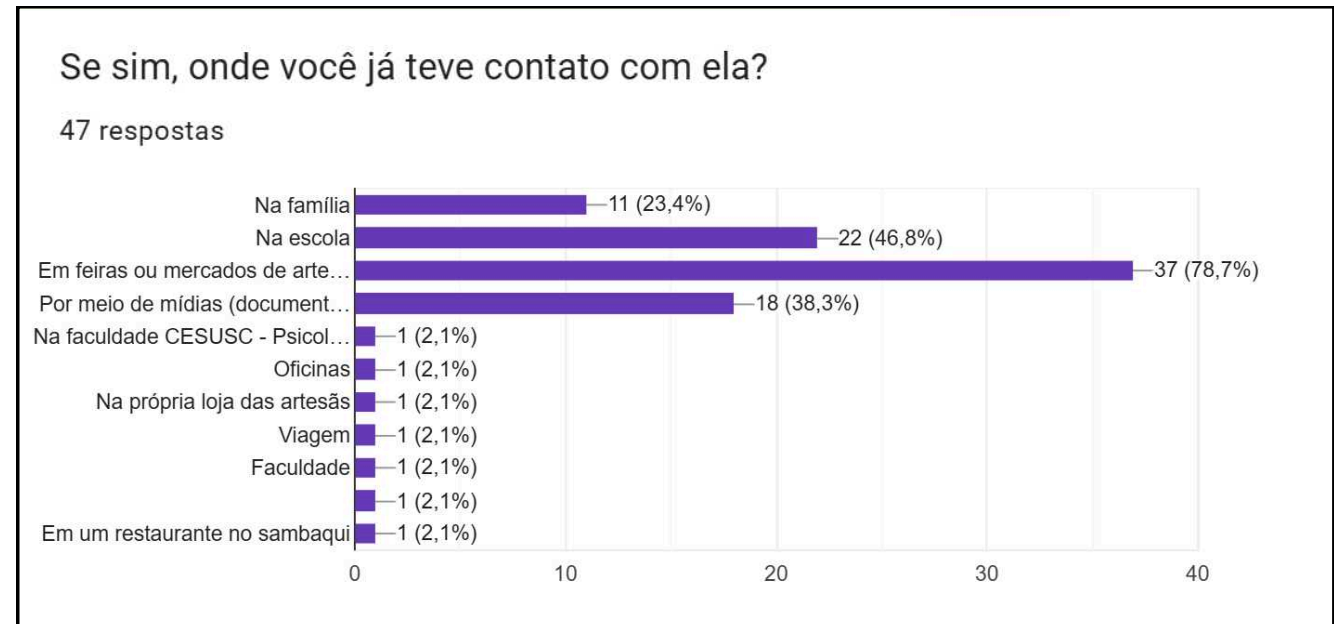
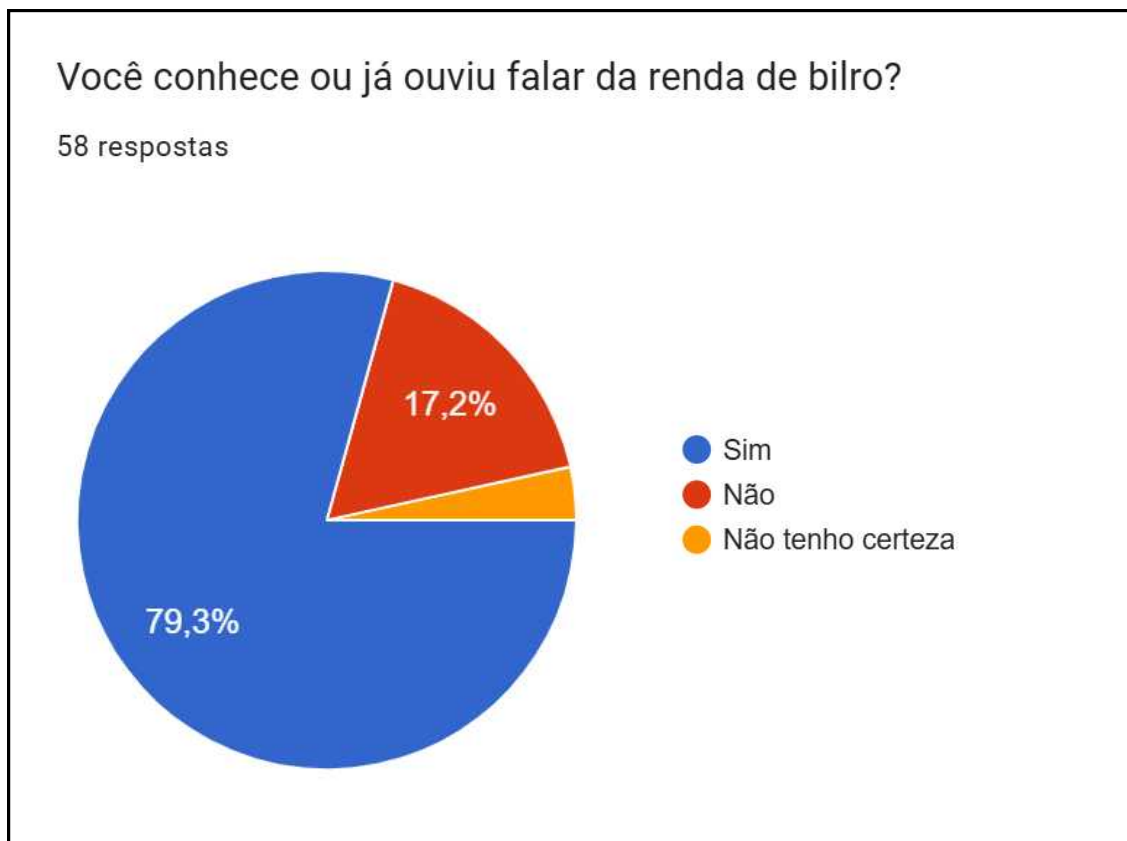
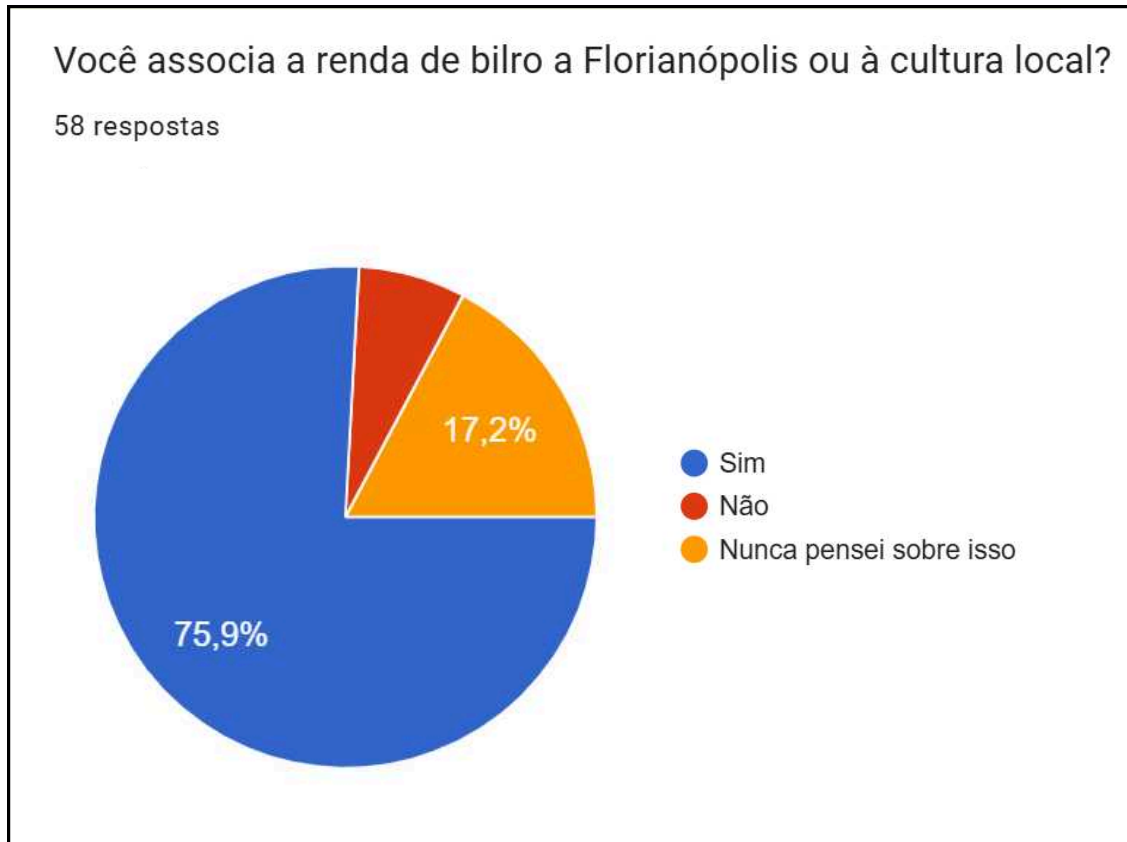
**Zenilda:** *As pessoas precisam gostar e querer aprender. Incentivo hoje em dia temos muitos, a prefeitura organiza e nos leva para vários eventos, mas precisamos que o povo se interesse.*

## Resultados do Questionário

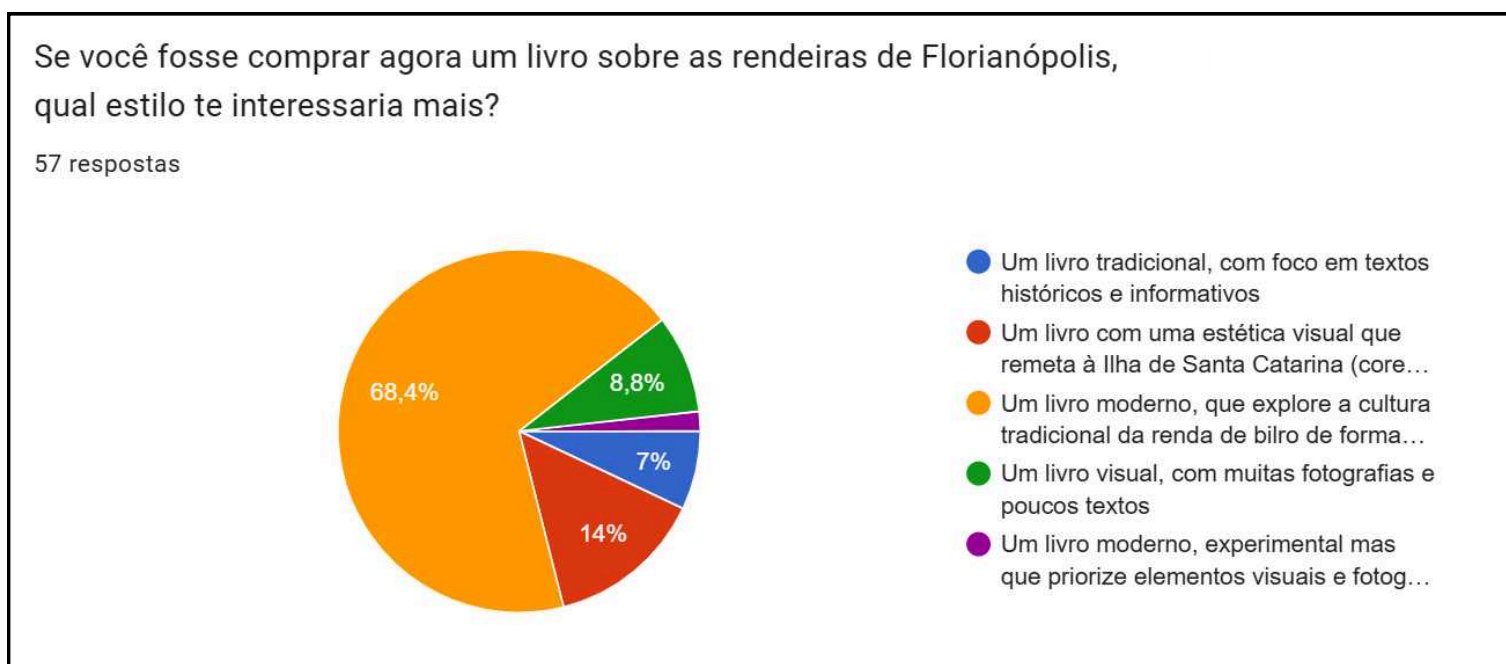
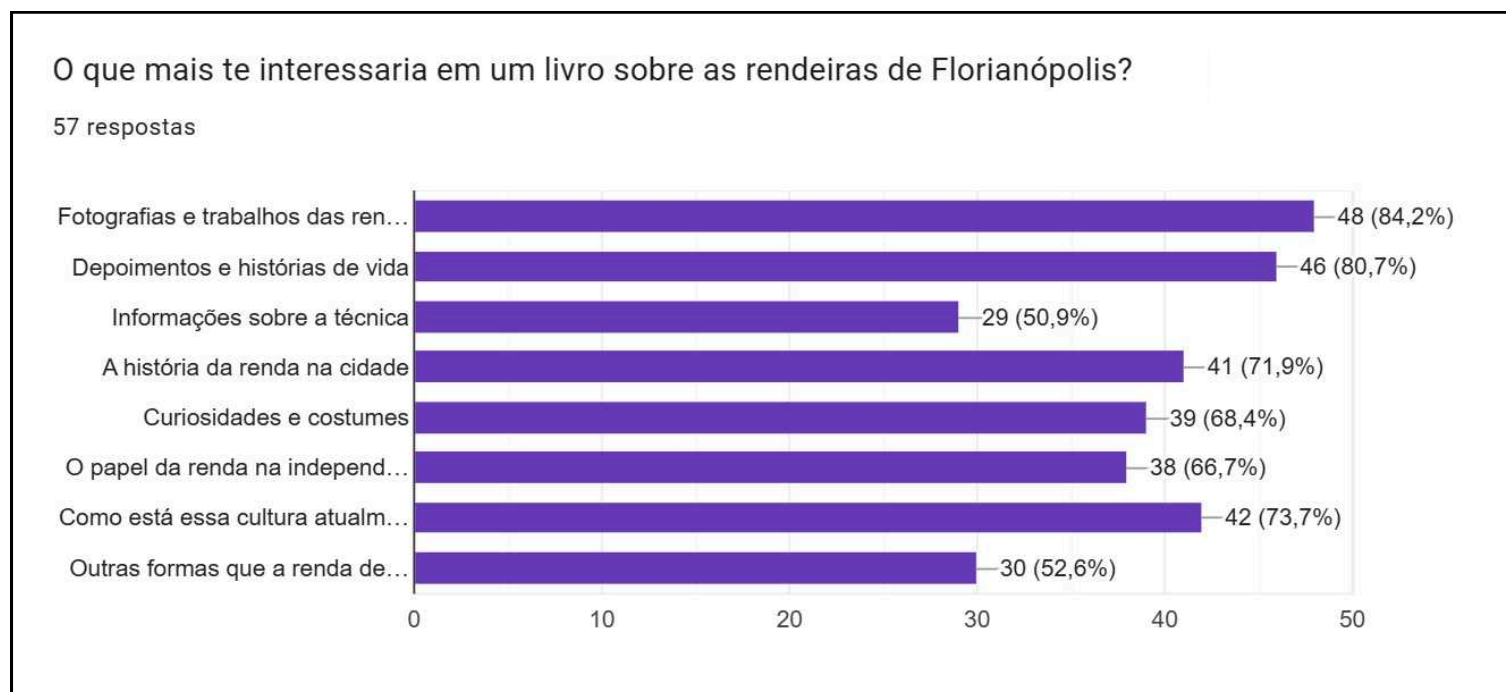
### “Sobre Você”



“Sobre Cultura e a Renda de Bilro”



“Sobre a Representação do Tema”



Como você percebe a cultura das rendeiras em Florianópolis? Que imagens ou significados vêm à mente quando pensa nisso? (aqui você pode falar o que quiser, cores, imagens, expressões, sentimentos etc)

27 respostas

*Eu associo isso à cultura açoriana, juntamente com o folclore da ilha e as imagens de Franklin Cascaes. Me traz um sentimento de carinho e lar, pois cresci em meio a essa cultura. Me lembra das lendas das bruxas e cheiro de peixe na peixaria do Mercado Público.*

*senhoras de mais idade, praia, a renda branca*

*Tradição que passa de geração para geração.*

*o trabalho manual e os equipamentos utilizados*

*berços e bilros, gabaritos de renda preto e branco e fios de tecidos coloridos*

*Uma mulher tecendo a renda de bilro na Lagoa da Conceição*

*Quanto penso nas rendeiras, penso em cores claras e leves. Me vêm a mente o verão e o frescor.*

*Percebo como uma forma de sobrevivência do trabalho feminino, de história e origem do povo manezinho. Vem na minha mente aquela almofada de fazer a renda com a renda pendurada e as "bolinhas". Outra detalhe que eu percebo é sobre o tempo, a cultura das rendeiras me causa uma sensação rítmica de "lentidão", como as ondas do mar (constante mas não apressado).*

*Em extinção e pouco valorizada*

*NOS MUSEUS DE ARTE.*

## “Sobre a Representação do Tema”

Lagoa da Conceição, senhorinhas, tradição

Eu só vejo elas fazendo sempre com fios brancos bem rapidinho  
Branco, tradição

penso em uma avó fazendo naquelas casas antigas tombadas perto do mar.

Não sabia que ainda eram ativas, mas sempre tive orgulho das Rendeiras. Será muito legal saber mais.

me vem a sensação de uma cultura leve, calma, mas com muita magia

afeto, tradição

Lembro de um projeto de tipografia onde foi criada uma fonte em colaboração com as rendeiras.

História, importância das mulheres para a conservação da cultura, beleza, detalhes riquíssimos, delicadeza.

Sei pouco. Vi algo em Santo Antônio de Lisboa, mas nada profundo. Eu penso em bruxas quando penso nas rendeiras, mas não sei se isso é ignorância minha.

Não percebo muito só quando passo pela avenida

Cores vivas em conjunto com o branco, texturas de barbante, folclore, paciência

Rendas brancas feitas por mulheres, majoritariamente mais velhas e pretas, associo essa imagem a um quadro que vi sobre rendeiras

Percebo que essa cultura é muito regional (olhando só para floripa e região), só que não é muito difundida hoje em dia (meu ver). É notável que esse modelo também é mostrado de forma mais superficial (como em pinturas e arquitetura em locais da cidade) mas pouco difundido no saber das pessoas. Considero que talvez tenha se perdido o saber popular hoje em dia e digo que talvez só os mais adultos (+20) saibam da história.

Algo bem nativo que representa muito as origens da ilha.

antigos artesanatos, feiras culturais (como a de Santo Antonio de Lisboa), arquitetura da Praça da Alfandega, entre outros do tipo

Cultura, história, renda

**Deixe aqui qualquer comentário, sugestão ou expectativa que você teria sobre um livro a respeito das rendeiras de Florianópolis:  
11 respostas**

Seria interessante colocar poemas ou fotos de Pão Por Deus como páginas de "enfeite"

Penso que o livro deveria ter algum material tátil das rendas.

exploração dos conceitos técnicos (tramas, berços, rodas, cantigas) relacionados com a vivência das rendeiras (hereditariedade, território, herança, memória)

Um livro que também conte a história da renda de bilro até chegar em Fpolis

Basicamente mostrando a história e como foi preservada até os dias de hoje, de geração em geração.

### **“Sobre a Representação do Tema”**

*Como estudante de moda, acho que seria muito interessante ter amostrar dos trabalhos das rendeiras em livros, que sejam sensoriais. Seria legal saber sobre as técnicas. Também gostaria de saber o impacto da produção na história dessas mulheres. E por último, seria interessante ter imagens que mostram o cotidiano das rendeiras.*

*Gostaria de ver um livro que conte a história das rendeiras, sua origem e importância pra ilha mas que tbm dialogue com o que é essa cultura hj (alterações, desafios, limites). Gostaria de um livro que fosse mais bonito do que informativo, quase um livro de fotografia mas com texturas, elementos textuais, históricos, geográficos. (Eu quando não sou dá área e não sei o nome pra nada, queria uma livro pra mostrar pras crianças na aula).*

*Utilizações diferenciadas do uso da renda de bilro oportunidade de curso formativo/oficina*

*aqueles livros de design que tem vários elementos, fotos, ilustração seria TÃO incrível, imagino vários peixinhos ilustrados, seria muito fofo...*

*Amo contexto histórico e a conexão da materialidade com a cultura, então adoraria saber mais sobre significados dos desenhos e associações com a cultura das pessoas que fazem e o território.*

*Muitas informações*

